Diário de Lisboa

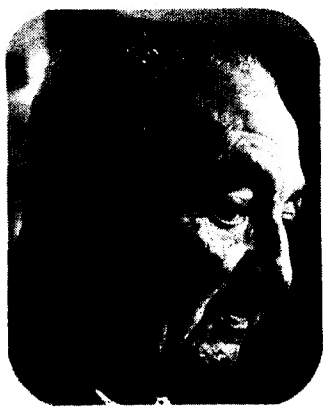
FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 16 DE JUNHO DE 1972 — N.º 17773 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

PEDE-SE A GUERRA NO CAIRO

Hassanein Heykal, o mais reputado comentador político do Egipto, lançou hoje um apelo aos dirigentes do seu país para que acabem com «o crime histórico» que constitui a actual situação de «nem paz nem guerra». Heykal sublinhou a «necessidade extremamente vital» de acabar com as tréguas entre árabes e israelitas, recomeçando as hostilidades «o mais depressa possível» Heykal escreveu no «Al Ahram», jornal do Cairo de que é director, que os dirigentes egípcios deviam utilizar «a força da diplomacia e a força das armas para porem termo a um estado que nem é de guerra nem de paz e que é asfixiante para a crise do Médio Oriente».

Soubiran recorda travessia



Roger Soubiran, o mecânico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral na histórica travessia do Atlântico Sul, chegou ontem a Lisboa para participar na inauguração do monumento comemorativo do cinquentenário do acontecimento. Falando para a reportagem do «DL» o único sobrevivente da equipa pioneira recorda os primórdios da nossa aviação. (Pág. 10)

Referindo-se à resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas que foi aceite pelo Egipto como base para uma solução do problema do Médio Oriente, Heykal classificou-a como «algo parecido com um compromisso» e acrescentou que nem mesmo esse compromisso conseguiu resolver fosse o que fosse. Entretanto, nas colinas de Golan, soldados israelitas e sírios defrontaram-se, tendo, segundo Tel-Aviv, sido mortos quatro sírios e feridos dois israelitas. No Cairo, anunciou-se que aviões israelitas procuravam os corpos dos pilotos recentemente abatidos ao largo da costa. (ANI, FP, R e DL).

mesa redonda

RECOMEÇA HOJE

Retomando hoje a publicação da «Mesa-Redonda» — um dos seus suplementos mais prestigiosos e apreciados — o «Diário de Lisboa» dá mais um passo no plano de reorganização e renovação que se impôs e vem prometendo aos seus leitores. Reorganização e renovação técnica e jornalística de um jornal que sem negar o passado e aproveitando dele os estímulos e as lições positivas, procura responder às solicitações presentes e preparar-se para o futuro.

O suplemento «Mesa Redonda» representou uma iniciativa de certo modo original e necessária na Imprensa Portuguesa, não se limitando a uma cuidadosa abordagem dos problemas culturais e políticos, históricos e sociológicos do Mundo em que vivemos. Inaugurou o diálogo, o debate, a discussão e a troca de pontos de vista sobre os mais variados problemas que inquietam o homem contemporâneo, com particular incidência para o caso português.

Assim, no número de hoje, retomamos esse tom dialogante e coloquial o qual dá a oportunidade de confrontar posições e conceitos diferentes e quantas vezes opostos, que representam os factos e realidades a uma luz mais real e autêntica, para que o leitor possa aprender as verdades que, muitas vezes, se escondem atrás de ideias-feitas ou de conceitos sectários aparentemente simples.

Além das tradicionais secções como «Assim Vai o Mundo — Assim vamos nós»; «Ao Acaso da Rua»; «Espelho da Imprensa», etc., a «Mesa Redonda» de hoje apresenta uma análise polémica mas esclarecedora sobre «As Estéticas e Outras Coisas na Arquitectura de Lisboa», da autoria do arquitecto Nuno Portas; uma «Nota de Leitura» de Amadeu Lopes Sabino sobre o livro do deputado Miller Guerra, «Progresso na Liberdade»; inquéritos sobre «Estado Social ou Estado de Direito?», as «Alterações ao Código Penal e ao Código do Processo Penal» (a que respondem os advogados drs. Salgado Zenha, M. J. da Palma Carlos e Carlos Meira), etc. Artigos sobre poluição e defesa do meio ambiente, castigos corporais nas escolas, antecedentes da nacionalização do petróleo do Iraque, etc.

O suplemento de hoje inclui ainda artigos da autoria de José Saramago, Urbano Tavares Rodrigues, A. Pereira da Silva, Manuel de Azevedo, Calvet de Magalhães, etc.

Máximo de 24 prestações na compra de automóveis

Vinte e quatro prestações mensais passa a ser o prazo máximo permitido no pagamento de vendas a crédito, segundo determina uma portaria dos Ministérios das Finanças e Economia hoje publicada na folha oficial. Gozam deste prazo máximo as transacções de veículos motorizados, aparelhos de captação e reprodução de som e electrodomésticos.

As transacções de enciclopédias, livros e fascículos em línguas estrangeiras, previstas no art.º 7.º do Decreto-Lei n.º 490/71, gozam, por outro lado, de um limite de pagamento a crédito máximo de doze meses. A portaria visa, dar execução àquele Decreto-Lei, que regula todas as vendas a prestações realizadas por comerciantes no exercício do seu comércio, de quaisquer coisas móveis corpóreas não consumíveis, produzidas em território nacional ou importadas do estrangeiro. (Última página).

Autoconstrução em Marvila

Nem tempo nem dinheiro para acabar as casas

Está em crise a experiência de autoconstrução lançada pela Prodac entre os dez mil habitantes das barracas de Marvila. Apenas foram levantadas as paredes de algumas dezenas de casas, mas os sócios construtores não as podem acabar, por não terem tempo nem dinheiro. Pagam a sua quota com as rendas das barracas que ainda habitam. Alguns tendo as rendas em atraso, vêem-se em perigo de despejo. A Prodac que recebeu da Câmara Municipal o direito de superfície da Quinta das Claras por doze anos, comprometeu-se a promover aí a autoconstrução de casas provisórias e a desenvolver um plano de promoção social dos sócios construtores, preparando-os para habitarem mais tarde as casas definitivas que o Município vai construir. Será que as dificuldades surgidas farão abortar a iniciativa generosa? Está em causa a viabilidade da autoconstrução, como meio de resolver a crise habitacional em ambientes urbanos, onde os trabalhadores especializados ocupam todo o tempo nos empregos e os outros só podem ser serventes

(Pag. 13)

HOJE: 36 PÁGINAS

CAPATAZ LIBERTADO

Foi hoje encontrado são e salvo o capataz das fábricas Fiat da Argentina, Enrique Boggero, que fora raptado há dois dias por um grupo que era ainda desconhecido. Boggero declarou após a libertação que um grupo de indivíduos vestidos de polícias o tinham obrigado a segui-los, procedendo mais tarde a um apertado interrogatório sobre as suas actividades na Fiat. A responsabilidade do rapto foi reivindicada pela «Brigada Che Guevara». Os raptores acusaram Boggero de ser um «capataz de escravos». (FP, R e DL).

DL /VIDA NACIONAL

RUI PATRÍCIO

Imperativos da geografia justificam tratado com a CEE

«As nossas negociações com o Mercado Comum correspondem aos imperativos da situação geográfica da parte europeia da Nação portuguesa. Nunca ignoramos as dificuldades das presentes negociações com as Comunidades, das quais os nossos amigos ingleses tem uma experiência elucidativa,» — disse o dr. Rui Patrício no extenso discurso que proferiu depois do jantar anual da Câmara de Comércio Luso-Britânica, que reuniu no Ritz, o embaixador da Inglaterra e muitos homens de negócios, sob a presidência do dr. Franco Nogueira.

O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, que como deputado defendeu na Assembleia Nacional orientação diferente para a economia externa portuguesa, agradeceu a presença do dr. Rui Patrício e referiu-se brevemente à importância política da reunião.

O actual titular da pasta afirmou:

«Partilhamos com o Governo inglês a preocupação pela manutenção da solidariedade entre os aliados e através de uma consulta diplomática a todos os níveis temos mantido com Londres uma substancial identidade de pontos de vista quer quanto ao fundo dos problemas quer no que respeita aos procedimentos a adoptar neste domínio».

«Muito se insistiu, por parte de correntes e de sectores de opinião sempre interessados em minar a solidariedade das nações ocidentais, em acentuar divergências de opinião e conflitos de políticas que nunca poderiam verdadeiramente existir tratando-se de diferentes situações e de realidades diversas,» — declarou, ao referir os problemas do momento entre a Inglaterra e Portugal.

O acesso dos produtos portugueses ao mercado britânico, nas condições que resultarão também dos acordos a fechar entre Portugal e o Mercado Comum, deu ao ministro ocasião para o seguinte comentário: **«Sempre sustentámos que não devem ser levantados no comércio entre os países da E.F.T.A. novos obstáculos, pautais ou outros, correspondentes àqueles que eles próprios entre si aboliram já. Estou certo de que os meios industriais e comerciais britânicos não deixarão igualmente de apoiar com vigor este princípio inteiramente justificado por políticas anteriores e situações adquiridas.»**

"ESCASSAS MINORIAS"

Que o Governo está atento para que «escassas minorias não corrompam o espírito de patriotismo que caracteriza a juventude integrada nas forças armadas», disse o ministro da Defesa, general Sá Viana Rebello, ao falar em Perada, junto da fronteira da Guiné Portuguesa com o Senegal. O ministro visita agora Cabo Verde.

PAGAMENTOS

Assuntos relacionados com os sistemas de pagamentos interterritoriais foram ontem discutidos pela Secção de Política Monetária do Conselho de ministros para os Assuntos Económicos, que reuniu em S.Bento sob a presidência do prof. Marcello Caetano.

RELAÇÕES PORTUGAL--BRASIL

Cooperação financeira entre os dois países, investimentos recíprocos e relações institucionais entre Portugal e o Brasil no plano económico serão assuntos abordados nas conversações entre membros do Governo brasileiro e o ministro das Finanças e Economia, dr. Dias Rosas, que parte no dia 19 para o Brasil — informa o Ministério das Finanças.

Cooperativas resolvem problema vinícola

O eng.º Vasco Leónidas secretário de Estado da Agricultura salientou o papel das adegas cooperativas na produção de vinhos de mesa, num discurso pronunciado esta manhã na Federação dos Vinicultores em Viseu, quando da entrega dos prémios conquistados pelos vinhos portugueses no concurso internacional realizado em Bratislava, Checoslováquia.

Referindo-se aos problemas da vitivincultura regional o eng.º Vasco Leónidas afirmou: **«Sendo a superfície total da região demarcada de 376 410 hectares, verifica-se que a superfície de vinha nela contida corresponde a 6 por cento da superfície de vinha plantada no País e 4 por centro da superfície total da região, constituída por 15 500 hectares de vinha, com uma produção de 700 000 hectolitros.**

«Com um número de 38 000 vitivinicultores, uma produção média unitária de 49 hl/hectare e uma superfície média das explorações de 0,4 hectares e ainda com 90 por cento dos produtores, produzindo até 50 hectolitros, com 55 por cento da produção; afigura-se-nos ser premente executar os estudos e trabalhos necessários com vista a soluções concretas que possibilitem que esta região continue dando o seu contributo, em vinhos de mesa de excepcional qualidade.

Os números apresentados apontam a complexidade dos problemas a enfrentar dado que a cultura da vinha se pratica em pequeníssimos prédios, com produções médias relativamente baixas. Mas as soluções já começaram, a surgir. Na verdade, a Federação dos Vinicultores do Dão, consciente das implicações a que estes dois factos podem conduzir, vem dando, com exemplar regularidade, cumprimento a um plano de construção de adegas cooperativas, melhorando, por esta forma alguns dos aspectos técnicos, económicos e sociais das estruturas apresentadas. A obra realizada até agora com entusiasmo e grande devoção, pode considerar-se auspiciosa pois, no momento actual, a Região já labora em regime cooperativo, aproximadamente, 37 por cento da produção média anual.

«Todo este conjunto de cooperativas, encontra-se apoiado por uma União de que se esperam as maiores vantagens.»

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

MICHAEL CAINE

NA PONTA DA SUA ESPADA TREMEU O TRONO INGLÊS!

JACK HAWKINS - TREVOR HOWARD
VIVIEN HEILBRON · DONALD PLEASENCE
Realização de DELBERT MANN
PANAVISION COLORIDO
GRUPO C - 14 anos

O MAGNÍFICO REBELDE
(KIDNAPPED)

2.ª SEMANA 14.15 - 16.30 · 18.45 - 21.45 CONDES

Doutor José Macedo Borja Araújo

Missa do 30.º dia e agradecimento

Ana de Macedo Araújo, Maria Helena de Macedo Borja Araújo, António Luís de Macedo Borja Araújo e demais família, participam que amanhã dia 17, às 18 horas, será celebrada na Igreja de N.ª S.ª Auxiliadora (à Parada dos Prazeres) missa em sufrágio da Alma do seu querido e saudoso filho, irmão e parente, agradecendo desde já a todos quantos se dignem associar-se a este piedoso acto.

Aproveitam a oportunidade para agradecer muito reconhecidamente a todos aqueles que testemunharam o seu pesar, especialmente aos que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

P.N.A.M.

AGÊNCIA MAGNO Telef. 534167

Autódromo do Estoril

INAUGURAÇÃO
CIRCUITO DO ESTORIL
Organização do
AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL
16, 17 E 18 DE JUNHO
FÓRMULA 3
TURISMO DE SÉRIE E ESPECIAL
GRANDE TURISMO E DESPORTO
FÓRMULAS FORD e V
(Espectáculo para maiores de 6 anos)

BILHETES À VENDA NAS BILHETEIRAS DO AUTÓDROMO

Nota: Os senhores adquirentes de lugares cativos e participantes que optaram por ocupação, a quem, por absoluta insuficiência de tempo, não foram directamente entregues os seus cartões pessoais de ingresso, terão à sua disposição no Autódromo, nos dias dos espectáculos, um serviço especializado que atentamente obstará àquela falta.

JORNADA DO BRASIL NA FEIRA DA AGRICULTURA

Na Feira Nacional da Agricultura, em Santarém, decorre hoje a Jornada do Brasil, com a presença do embaixador daquele país e de outras individualidades ligadas à representação brasileira.

Integrada também no programa da Feira, efectua-se esta noite uma largada de toiros, além de uma sessão de cinema no pavilhão da FNAT.

Último dia para profissionais na F.I.L.

A Feira Internacional de Lisboa está hoje pela última vez reservada a visitantes profissionais, estando por isso aberta das 14 às 20 horas. O certame passará a estar de novo patente ao público, a partir de amanhã.

Na jornada de Angola, que decorreu hoje ao fim da manhã, esteve presente o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha e os súbsecretários de Estado da mesma pasta que visitaram os «stands» organizados pela Associação Industrial de Angola e participaram numa prova produtos angolanos.

Desalojados da Pala

O Chefe do Estado inaugura no dia 18 a barragem do Carrapatelo e o aldeamento construído para os moradores da Pala, localidade que desapareceu sob as águas do regolfo. A Companhia Portuguesa de Electricidade **concedeu aos agregados familiares desalojados verbas resultantes das exprorpieções efectuadas,** nos termos duma nota da Secretaria de Estado da Agricultura. A nova Pala tem 30 casas habitadas.

A MORTE DE LEILA DINIZ

Na relação dos passageiros do avião DC8 da Japan Airlines que explodiu ontem nas proximidades de Nova Deli consta o nome da artista brasileira Leila Diniz, que não sobreviveu. A actriz era casada com o realizador português Rui Guerra e estava na Ásia integrada num grupo artístico que se deslocara a Sidney, onde decorreu um festival de cinema, no qual foi apresentado o filme brasileiro «Mãos Vazias».

Opinião

HOMEM PREVENIDO VALE POR DOIS VIBRIÕES

Sinais de cólera na Metrópole, se os há, não ultrapassaram ainda as fronteiras da benignidade. O perigo por que passámos no ano transacto parece estar desvanecido — ou apenas se limitou a recuar para poder saltar mais longe?... As autoridades sanitárias estão certamente atentas ao evoluir da latência mórbida, cuja existência, de resto, não foi desmentida. E todos seremos informados, na altura própria, do que haja a fazer para contrariar as arremetidas do vibrião.

Resta saber se essas informações não virão demasiado em cima dos acontecimentos, sem preparação prévia, sem planeamento, como, em alguns aspectos, aconteceu no ano passado. Resta saber se a cobertura terapêutica e profiláctica se fará em termos de segurança e amplitude que tornem de facto eficientes as medidas tomadas. Resta saber, enfim, se a nossa frente anticólera é contínua, ou tem pontos fracos em gente e meios, em pessoal e em vacina.

Que a eventualidade do novo surto colérico se mantém, não há dúvidas. Para nos alertar, bastam as notícias constantes que nos chegam de Angola, bastante explícitas quanto à existência, ali, de focos de infecção que justificam atentas medidas preventivas. Ora, a regularidade dos contactos entre Angola e a Metrópole torna mais do que possível uma contaminação.

Não se tomem estas palavras como expressões alarmistas de um pretenso propósito de pôr em dúvida os dispositivos sanitários existentes. Pelo contrário: são as notícias vindas de Angola que mostram a gravidade de uma situação que, embora parecendo estar sob «contrôle», pode escapar-se sùbitamente a ele e causar sérios e gerais danos nas populações. Veja-se, para exemplo, que o comunicado distribuído recentemente pela Delegação de Saúde de Benguela alerta a população do Lobito. Catumbela e Baía Farta para que seja utilizado o Fanasil, única forma de jugular a endemia de cólera existente naquela zona, ao mesmo tempo que chama a atenção para o facto de o curto prazo de tempo de acção deste medicamento obrigar a ministrá-lo na mesma data e a toda a gente para que se consiga a extinção do vibrião colérico, agente da endemia.

A mesma Delegação de Saúde acrescentava que se a população não colaborar na campanha, apresentando-se prontamente nos postos de distribuição, poderá tornar-se responsável por uma epidemia em massa considerada «muito provável» e recordar que o número de portadores do vibrião colérico vai aumentando dia a dia, apesar de todas as medidas de profilaxia.

Pretendia-se assim lançar uma gigantesta campanha visando a erradicação definitiva da cólera em Angola, dado que aquela região seria a única ainda afectada. Mas a situação noutros lugares não é afinal tranquilizadora, como se depreende da entrada em funcionamento, em Luanda, de mais sete postos de vacinação anticolérica, e do aviso à população de que «a defesa conferida pela vacinação efectuada no princípio do corrente ano carece urgentemente de ser reforçada, sob pena de se perder a imunidade».

Tudo isto nos vai lembrando que nunca serão excessivos os cuidados que desde já se organizem. Depois da casa roubada, não adiantam trancas nem lamentações. Importa sim é que se eliminem os vibriões à solta, aparentemente inofensivos, mas que esperam apenas os grandes calores do Verão para desencadearem um ataque para o qual é nosso dever estarmos preparados.

Hora de negociar

Terminado o seu grande programa de encontros ao mais alto nível, volta o Presidente Nixon a enfrentar o problema mais dramático do momento, o mesmo que não deixou de pesar sobre as suas conversações em Pequim e Moscovo e que condicionará largamente, sem dúvida, às eleições americanas de Novembro: a guerra da Indochina. Com o seu cortejo de destruição, mortos e heroismo, este interminável conflito continua a ser um desafio para a humanidade na hora da coexistência pacífica e das **normalizações**.

É verdade que o presidente americano poderá encontrar alguns motivos de satisfação na situação presente. No terceiro mês da sua ofensiva, os norte-americanos e os seus aliados da Frente Nacional de Libertação não conseguiram tomar outras cidades importantes além de Quang-Tri. As forças de Saigão, após a sua primeira derrocada perto da zona desmilitarizada, batem-se bem de modo geral continuando a resistir em An Loc e Kontum. A sua combatividade, que já havia permitido a Nixon conduzir as conversações de Moscovo com relativa tranquilidade de espírito, dá agora aos militares norte-americanos a impressão de que a ofensiva comunista foi detida e que a perspectiva de um desmoronamento militar do Sul estão afastadas, pelo menos temporàriamente.

Estas previsões optimistas podem ser cruelmente desmentidas, como tantas outras no passado. Mas a situação do Vietname do Norte é incontestàvelmente mais difícil: o bloqueio naval parece quase completo desde a miragem dos portos, e os bombardeamentos norte-americanos, efectuados com engenhos novos e de grande precisão, são ao mesmo tempo mais intensos e mais eficazes do que entre 1965 e 1968. Como, por outro lado, nem russos nem chineses restabeleceram a antiga **entende** de modo a resolverem juntos os terríveis problemas suscitados pelo bloqueio, os abastecimentos estão agora a chegar ao Norte em ritmo muito mais lento. A ofensivupode continuar no Sul em função dos estoques acumulados, mas, a prazo médio, o futuro parece sombrio.

Os Estados Unidos e o presidente Thieu, porém, não tem problemas menores. A ofensiva comunista conseguirá, pelo menos, destruir em grande parte o edifício de pacificação que pacientemente estava a ser estruturado no Sul. Enquanto as melhores tropas sul-vietnamitas permanecem imobilizadas em Hué e An Loc, a FNL «apodrece» o Delta e as regiões povoadas da costa. Quanto a Nixon, terá de anunciar em breve um importante aumento, para o ano em curso, das despesas bélicas, e continua sem encontrar solução para o problema dos pilotos americanos prisioneiros no Norte: expõe-se assim, com as eleições à porta, a uma contestação que não previa há alguns meses. Com a progressão de McGovern, adversário declarado de todo o engajamento militar no exterior, tudo indica que a guerra do Vietname constituirá o ponto básico da campanha eleitoral.

O quadro da situação no Vietname é o de um beco sem saída. Mesmo que Hanoi e FLN renunciassem a toda e qualquer esperança de vitória militar, o Presidente Thieu estaria condenado, e com ele os seus protectores americanos, a ver permanentemente postos em causa os seus planos de pacificação e a consolidação do seu regime. Talvez se possa esperar que os dois campos, em função desta realidade, acabem por chegar a acordo sobre a necessidade cada vez mais inadiável de negociarem sèriamente.

ANACLETO MARQUES

A FORMAÇÃO DE TÉCNICOS AGRÍCOLAS

O aparecimento frequente nos últimos tempos de notícias, discursos e algumas reflexões críticas acerca dos problemas agrários, confirma uma certa tomada de consciência progressiva da importância e da necessidade que assume para a vida do País a reforma estrutural profunda, corajosa e honesta da agricultura.

Conscientes de que são numerosas as vantagens do desenvolvimento participado, na medida em que só através dele será possível uma correspondência efectiva às aspirações colectivas, entendemos por bem dar algumas achegas sem pretender esgotar o assunto.

Tem-nos merecido reparo que se fale habitualmente sobre agricultura em termos gerais, uniformizando mais ou menos os problemas e as soluções como se do norte ao sul fosse tudo igual. Parece-nos importante, ao falar-se da questão agrária, nunca esquecer a existência de dois tipos de casas agrícolas, sob pena de mascarar a verdadeira face dos problemas e das situações e de falsificar as conclusões quanto às vias a prosseguir. O futuro da agricultura de latifúndio será certamente bem diverso do futuro da agricultura de minifúndio. Enquanto os grandes agricultores têm normalmente os seus interesses salvaguardados, os médios e pequenos agricultores vêm-se sem perspectiva: **«o preço daquilo que temos de comprar aumenta constantemente. Entretanto, o preço do que vendemos não aumenta. Temos de produzir mais para poder comprar o mesmo e, portanto, trabalhamos mais; em lugar de diminuir as horas de actividade, há que aumentá-las para poder amortizar os investimentos, devolver os empréstimos. Estamos num beco sem saída!»** (um grupo de jovens agricultores).

Prisioneiro deste círculo o homem do campo tem que diminuir o custo da produção; se tem um custo de produção elevado, o que em regra acontece, não pode remunerar devidamente o seu trabalho; pouco a pouco a sua exploração decai e vê-se obrigado a abandonar a terra. Assim se processa a saída silenciosa de milhares de camponeses. Uns após outros são empurrados para os trabalhos mais duros noutros sectores da economia, quer no País quer no estrangeiro, soterrados quantas vezes numa marginalidade inaceitável e imerecida.

O principal movimento cristão de jovens rurais, a Juventude Agrária Católica, pretendendo ser um instrumento activo na luta pela transformação e desenvolvimento do mundo rural, nomeadamente do sector agrário, e tendo verificado que uma grande percentagem de agricultores se encontra sem formação profissional e sem possibilidades de adquirir, decidiu lançar-se com entusiasmo à formação profissional agrícola para jovens, coisa nova no nosso País, através de cursos intensivos com o necessário enquadramento na vida prática, a par de muitas outras actividades propensas à abertura da mentalidade dos agrários.

Há cerca de cinco anos, limitada pela falta de meios económicos indispensáveis e na disposição de dar contributo válido aos Organismos Oficiais que teriam a responsabilidade de tal tarefa, pediu a colaboração da Junta de Colonização Interna. Aceite este pedido com a cedência dos Centros de Formação Profissional e de pessoal técnico, iniciou-se a realização de Cursos de Iniciação Agrícola e, mais tarde, de Base para Empresários Agrícolas.

De harmonia com o espírito que a anima, a J. A. C. tentou pôr em execução uma pedagogia menos directiva que a escola oficial, baseada sobre a experimentação a partir das condições existentes, tendentes à formação de animadores do desenvolvimento rural e de empresários. Porém, na altura em que tentou estabelecer um protocolo de colaboração para assegurar o efectivo cumprimento dessa orientação, até aí não aceite, e para salvaguardar a independência necessária, concluiu que a Junta de Colonização Interna estava mais interessada em fazer muitos cursos, talvez para apresentar relatórios a justificar as verbas despendidas, do que em realizar um trabalho mais lento mas ajustado às realidades. Nós não acreditávamos na quantidade mas na qualidade e suspendemos a colaboração.

Hoje, embora sabendo que a formação profissional não soluciona o fundamental — de pouco serve a aquisição de conhecimentos se não for possível garantir a sua aplicação em condições aceitáveis —, continuamos a acreditar na urgência de proceder à formação profissional dos agricultores e de acompanhar essa acção de transformações conjunturais adequadas. Não pode no entanto continuar a ser o que tem sido até aqui, ou é preferível não a fazer. A Formação Profissional Agrícola é matéria muito delicada, todos o sabemos, não só pelo conteúdo, sempre a exigir adaptação ao meio em que irá ser aplicado, como também pelo modo de a concretizar. Não se pode aceitar a falha de ajustamento à realidade que os actuais programas apresentam e a inexistência de uma infra-estrutura capaz de fazer um trabalho de preparação prévia a partir das necessidades sentidas pela população para uma motivação consciente. Um Serviço de Formação Profissional Agrícola não tem justificação de per si. E absolutamente indispensável que a sua acção seja parte integrante dum projecto global, elaborado com a participação da população. Se assim não for, **os cursos ministrados nada são e para nada servem.** Podem provocar uma certa abertura das mentalidades à cada vez mais crescente evolução das técnicas agrícolas, mas que nos pode isso interessar se não existem condições de aplicação?...

Se nos dispusessemos a fazer contas, confrontando os resultados obtidos com o valor e significado das verbas despendidas, haviamos de ficar certamente elucidados... Uma grande parte dos jovens que participaram em Cursos de Formação Profissional Agrícola deixaram o campo ou estão em vias de o deixar. Porquê?... Ninguém os ajudou a enquadrar na vida prática das suas explorações sem futuro aquilo que lhe ensinaram nos Centros. Não acreditam nas possibilidades de sair deste círculo vicioso. A emigração aí está!

DL/NACIONAL

NO RIBATEJO, SEM FACHADA
ARTE MARIALVA MISSES AO AR LIVRE

Vinte e três «misses» de toda a Europa divertiram-se à grande e à «irlandesa» numa festa oferecida ontem por um grande proprietário do Ribatejo. Com a presença de mais de duas centenas de convidados, as beldades (quase todas loiras) deram um curto passeio pelo Tejo metidas em barcos enfeitados, assistiram a uma tenta e, em pleno ar livre, debaixo de árvores frondosas que as defendiam do Sol quente, provaram pitéus ribatejanos acompanhados dos melhores vinhos.

Já a meio da tarde procedeu-se à eleição de «Miss Europa F.R. 72» (F.R. são as iniciais da casa Francisco Ribeiro, onde decorreu a festa) tendo acontecido um facto singular: «Miss Portugal» e «Miss Malta» venceram «ex-aqueo». A portuguesa Íris, porém, teve uma atitude: abdicou do seu título e deixou que «MissMalta» ganhasse sòzinha uma bonita jóia. Só que o dono da casa, sr. Rogério Ribeiro, não esperou mais tempo e anunciou que «Misse Íris» teria outra jóia igual.

Esperta, esta moçambicana com olhos de pantera, segundo dizem...

— **«Há algumas que se vê bem que são meninas»** — Esta afirmação foi feita por uma das muitas senhoras de meia-idade, que, curiosas, acompanharam as «Misses» no seu dia ribatejano.

E, convenhamos, a afirmação tinha uma certa razão de ser. Vejamos. **«As «Misses» são mulheres como outras quaisquer»** — afirmou-nos «Miss Bélgica», uma das candidatas mais discretas mas mais interessante. No entanto, apesar de serem mulheres como quaisquer outras, a verdade é que toda a gente está à espera de super-mulheres, fatais, bonitas, esbeltas, e tudo o mais que quiserem imaginar. Pois bem, muitas das «Misses» não tinham nada disso, a não ser, claro, uma série de características comuns a todas as «Misses» do mundo, como uma certa sofisticação e um sorriso estereotipado.

Voltando às diferenças visíveis neste dia que com elas convivemos na lezíria ribatejana, os contrastes não eram apenas físicos. Por exemplo: durante a pequena tourada feita num redondel expressamente construído para aquele momento, as «misses» na generalidade, bateram palmas e interessaram-se pelo que se passava lá dentro (o cavaleiro GMUSTAV Zenkel e Manuel dos Santos mostraram as suas habilidades). E digamos que até aí estava tudo certo, com a arte marialva e as beldades de mãos dadas — como se pode comprovar com o toureio feito conjuntamente por Miss Espanha e Manuel dos Santos. No entanto, apoiada num enorme guarda-sol a que achara piada, Anne Marie Roger, miss Bélgica, com cara de menina, estava só e triste, olhando desanimada o que se passava no redondel. Mais tarde, durante o almoço de truz, servido ao ar livre, miss Bélgica continuaria só, olhando as árvores, mirando o Sol, acariciando com os olhos os cavalos à solta. E enquanto as outras beldades comiam e bebiam ruidosamente, e as misses de Inglaterra, Escócia e Irlanda constituiram um verdadeiro reino unido, festejando alegre e desinibidamente com campinos portugueses, enquanto isso, dizíamos, miss Ane Marie não provou nenhum dos pratos que tinha à sua disposição, alimentando-se frugalmente com a fruta que por ali abundava.

Mas o mais importante de tudo, quanto a nós, foi a imagem o mais anti-miss possível que em breve se gerou em toda a lezíria. Bem dispostas e em contacto total com a natureza, elas deixaram as poses, a fachada, o sorriso estereotipado e foram então mulheres e meninas como outras quaisquer. Dançaram ao som do rancho folclórico (coitados, homens e mulheres fardados a preceito estiveram do princípio ao fim a dar alegria àquela gente), sentaram-se à vontade; riram sem peias, conviveram com quem lhes apeteceu, foram felizes. Pelo menos assim pareceu.

Um passeio pelo Tejo em barquinho, enfeitados, foi uma parte do programa das misses no Ribatejo. Uma ternura.

DL/ESPECTÁCULOS TV

VAI UM COPINHO Ò MAURÍCIO

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

As árvores morrem de pé.
Mas o pé não morre de árvore.

As grandes senhoras do teatro estão a desaparecer? Talvez. Não desaparece assim tão fàcilmente o teatro das senhoras. A qualidade do teatro para senhoras só tem rival na qualidade do teatro para senhoras ou, como se diz em certas portas, para cavalheiros.

Não há verdadeira poesia ao serviço dos temas falsos. O que está ao serviço dos temas falsos confunde-se com a poesia apenas para aqueles espectadores a quem se roubou a maneira de encontrar a poesia no teatro; a maneira de não se encontrarem com a vida.

Certos espectadores sentam-se no teatro como quem se senta numa poltrona. Há dramaturgos que levam a bajulice ao ponto de ainda lhes calçarem as pantufas.

Há peças que são apresentadas não uma vez — o que já seria demasiado — mas uma data delas. É a isto que se chama poluição.

...A mim, o que me safa, é não chegar ao ano dois mil. Os que chegarem lá ainda vão gramar o Luis Filipe, o Pedro Lemos, o Varela Silva, a Lurdes Norberto. Sem falar no Casona.

(Palmas: o eco que a mentira prova ao encontrar o muro da mentira).

Há certas palavras que nasceram com uma estrelinha na testa: um quase nada as salva. Quando estavam quase a tombar no inferno do escândalo, veio a boa fada e deu-lhes a mão.

A palavra **imaginação**, por exemplo.

Basta, por vezes, tirar-lhe a cedilha e temo-la caída no Caronte da sua própria natureza.

Quem disse que era uma peça?
Quem disse que era teatro?

É muito simplesmente uma romagem de saudade. Depois de ter sido um projecto da **saudade**. O prefácio a um epitáfio.

Pode morrer o teatro.
Podem morrer todos os dramaturgos

Apresenta-se «As árvores morrem de pé» todas as quintas-feiras e o problema está resolvido.

... e de vez em quando, para não variar, mete-se uma tourada.

O teatro não é uma agência de felicidade

O teatro não é de felicidade.
O teatro não é uma agência.
O teatro não é.
O teatro não.
O teatro
... está bem, muito obrigado.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DE EMPREGADOS NO COMÉRCIO DE LISBOA

Comemorações do 1.º Centenário

Comunica-se aos Srs. Associados e Familiares que se realiza amanhã, dia 17, pelas 21.30 horas, na nossa sede, uma sessão de homenagem e consagração à congénere Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria, na qual será proferida uma conferência, do distinto Jornalista Leopoldo Nunes, sobre Mutualismo.

Os Corpos Sociais e a Comissão Executiva das Comemoracões do 1.º Centenário pedem e muito agradecem aos prezados Consócios a honra da sua comparência a este acto.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEATRO INFANTIL
PRODUÇÃO DE
VASCO MORGADO

PINÓQUIO

SÁBADO
ÀS
15.30 HORAS

(Maiores de 4 anos)

•

BILHETES DESDE 10$00
Crianças até 10 anos
50% de Desconto

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEATRO INFANTIL

A METRUL apresenta
TEATRO
DO ARCO DA VELHA

O SEGREDO
DA ABELHA
de Ricardo Alberty

A BRUXINHA
QUE ERA BOA
de Maria Clara Machado

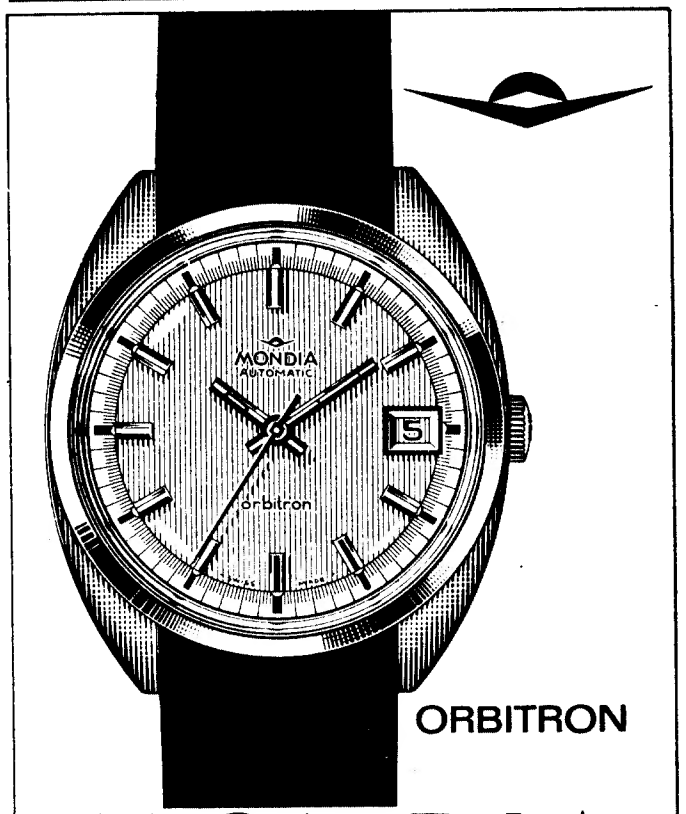
DOMINGO
ÀS 15.30 H.

(MAIORES DE 4 ANOS)

•

BILHETES DESDE 10$00

CRIANÇAS
ATÉ 10 ANOS
50% DE DESCONTO



ORBITRON

MONDIA

SÍMBOLO DA HORA EXACTA

MOVADO — ZENITH — MONDIA
Holding Horloger S. A

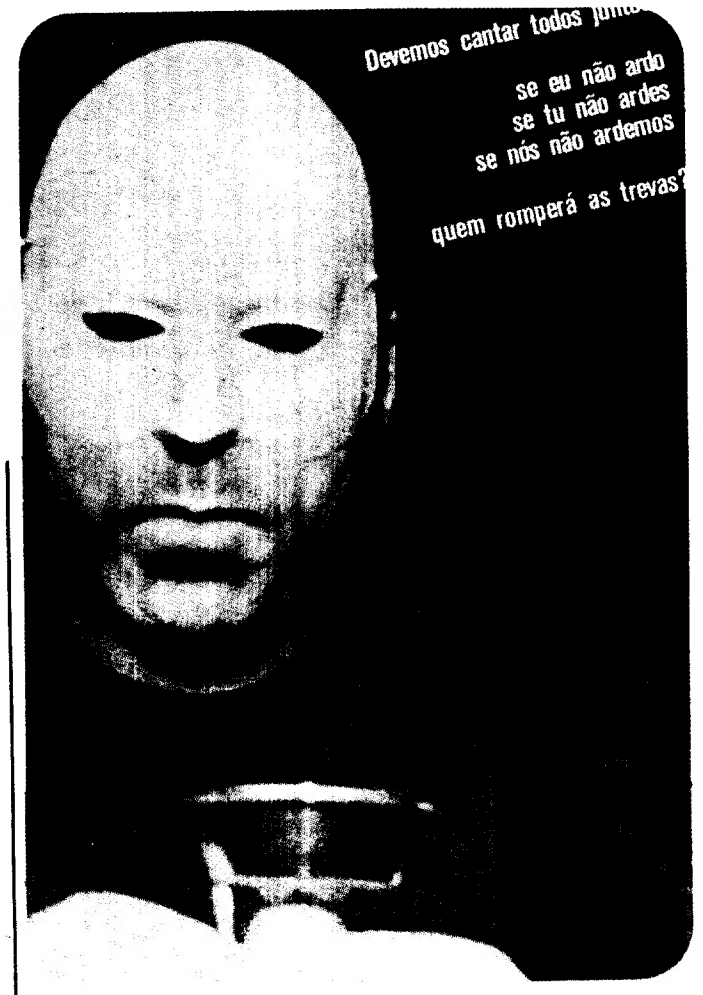
A venda nas boas ourivesarias e relojoarias

Quando vir este símbolo, então, saberá que pode contar com um Serviço Bancário completo.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

DL/ESPECTÁCULOS — TEATRO/MÚSICA

Um archote na noite



«AULULARIA», de Plauto. Tradução de Maria Helena Lucas. Recriação e encenação de Ruy de Matos. Cenários e figurinos de Jorge Rocha. Música de António de Oliveira. Um poema de Eugénio de Andrade. Colaboração de Fausto Correia

Crítica DE CARLOS PORTO

Leite. Assistência de Fernanda Pimentel. Montagem de Augusto Gaudêncio. Assistência técnica de Alexandre de Almeida. Luminotécnica de José Mendes. Sonoplastia de Jorge Santos. Maquinista: João Patrício. Fotografias: Leonel Coutinho. Programa: Luís Soares. Malhas: Nazaré Carinhas. Intérpretes: Helena Heitor, José de Carvalho, João Pinhal, Leonor Bernardo, Raul Cardona, Vasco Fraga, Elia Maria, Vítor Sérgio, Zita Esteves. Cénico do Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação. 3/6/72.

«Se eu não ardo/ se tu não ardes, se nós não ardemos/ Quem romperá as trevas?» — assim se canta a abrir e a encerrar este espectáculo.

Se o teatro não é um archote na noite escura — para que serve o teatro?

Se o teatro não nos projecta — a todos os que o fazem e aqueles para quem é feito — para outros lugares da inteligência dos fenómenos que nos rodeiam — para que serve o teatro?

Se o teatro não nos ajuda a destruir as palavras (ódio, solidão, crueldade) de que fala o poeta Eugénio de Andrade — cujo poema «Urgentemente» aqui é cantado — para que diabo serve o teatro?

Catálogo de efeitos, se se quiser: colagem de imagens e de sinais, colhidas ou involuntàriamente absorvidas em alguns espectáculos recentes; espectáculo que se coloca estèticamente sob o signo do confusionismo — nem por isso esta nova criação de Ruy de Matos (com o Grupo da CNN) deixa de criar um forte e exaltante clima de integração intérpretes-espectadores.

Assenta este trabalho numa contradição fundamental: pretende ser ao mesmo tempo uma clarificação da linguagem do teatro — a sua desmistificação, como lá se diz — mas acaba por acumular uma série de efeitos sem os distanciar com suficiente força crítica. Quis-se denunciar, precisamente, a manipulação teatral desses truques mas acabou-se por os utilizar como matéria de criação. A distanciação proposta na forma como o coro age e como provoca o espectador não é suficientemente violenta e actuante para estabelecer o equilíbrio, para tornar didáctico o que acaba por interessar principalmente sob o ponto de vista crítico (embora, como se disse, com aspectos pouco originais).

Brecht, de quem se projecta um retrato e algumas frases, José Afonso e as baladas incluídas no espectáculo, e aquilo que representam, são sacrificadas a uma prática teatral que acaba por lembrar Victor Garcia. E, assim, as declarações sobre as funções do teatro (integrados no espectáculo) acabam por parecer falsas ou demagógicas. Não houve a coragem de sacrificar alguns truques — certos, noutro tipo de teatro —, de depurar o espectáculo da sobrecarga de imagens e de sinais que desvalorizam o conteúdo das respectivas cenas, nem a de cortar a representação com mais frequência de forma a pôr o espectador perante aquilo que se queria mostrar-lhe: a construção (por vezes artificiosa) de uma linguagem.

O espectáculo inicia-se com um noticiário internacional que coloca o espectador perante a situação do mundo (notícias bem escolhidas), neste mundo em que o próprio teatro deve integrar-se. A representação da farsa de Plauto que deu origem, entre outros, à peça de Suassuno «O Santo e a Porca» — é intercalada com cenas que «puxam» o espectáculo para o nosso tempo: é o caso de uma crítica à alienação pela publicidade proposta através de vozes **off** e de cartazes empunhados pelos actores (COMPRE, GASTE, USE), lembrando o número de Rui Mendes na revista «Saídas da Casca». A representação da peça de Plauto transforma-se num ritual sobre o poder de dinheiro (que lembra vagamente a encenação de Gutkin com «Volpone»). Esse ritual estrutura-se em cenas curtas cujo conteúdo, repito, é por vezes abafado pelo peso dos sinais utilizados pelo encenador: a corda e o véu negro (que lembram «A Casa da Bernada Alba», na recriação de Angel Facio); luvas com tinta luminosa e gestos em câmara lenta (como em «Um Sonho» de Strindberg-Luzia Martins); um combate de boxe entre um velho rico candidato à mão de uma jovem e o pai desta, em que, além da corda, os lutadores usam luvas adequadas (quase como em «A Dança da Morte em Doze Assaltos», de Durrenmatt-Listopad); grades e cenas de perseguição (como em «A Fera Amansada», encenada pelo próprio Ruy de Matos); máscaras duplas.

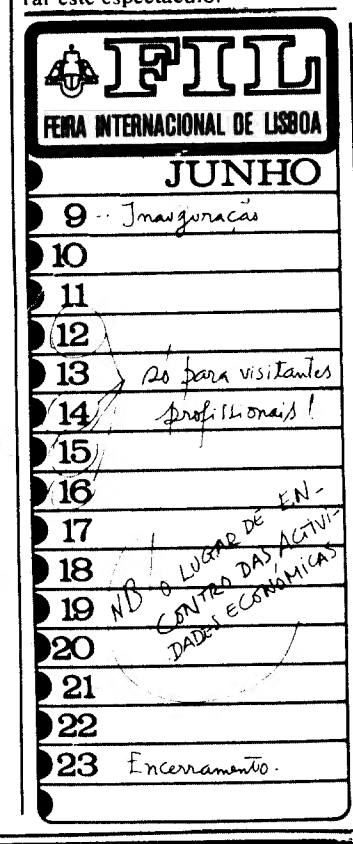
Não devemos, apesar dos reparos feitos, perder de vista o facto essencial de Ruy de Matos ser efectivamente um homem de teatro. Para o provar basta assinalar a composição do escravo (que usa mangas de alpaca) e as cenas entre este e o seu «dono e senhor» que se vê obrigado a libertá-lo; basta sobretudo ver a marcação de um silêncio, após um texto significativo da peça, vindo os actores à boca do palco: esse silêncio e essa marcação obrigam o espectador a tomar consciência do significado do que foi dito.

As cenas com o escravo são exemplares de clarificação das relações entre classes e uma demonstração do que o espectáculo teria ganho se se tivesse procurado com mais frequência esse caminho.

Com tudo o que tem de discutível, de confuso, de repetitivo, este espectáculo é uma das mais apaixonantes experiências do nosso teatro amador. E vem sublinhar as possibilidades e as limitações de Ruy de Matos. No que se refere às primeiras devo dizer que não há no teatro profissional muitos encenadores capazes de articular tão eloquentemente as suas próprias concepções com as do autor, numa síntese dinâmica que implica uma nova leitura da obra apresentada. Dirigindo muito bem os actores, procurando sempre uma marcação significante, sabendo dar ao espectáculo o ritmo exigido. Ruy de Matos necessita apenas de se tornar mais impermeável a influências de forma a construir espectáculos tanto quanto possível originais.

O nível dos interpretes, o empenho e a sinceridade com que trabalham o espectáculo conseguindo traduzir os vários níveis em que aquele se situa o espírito de equipa que se respira, evitam-me salientar qualquer nome. Sob esse aspecto, também este espectáculo constitui uma lição a ter em conta.

P. S. — «Aululária» representa-se ás sextas-feiras e aos sábados no simpático teatro de bolso da CNN em Alfama.



HITACHI
Autorádios
Rádios Transist
Alta Fidelidade
Gravadores
Aspiradores
Ventoinhas
Ar Condicionado
Exaustores
Máquinas de Cozinha
HITACHI
o maior prestígio japonês representado por
NOGUEIRA INTERNACIONAL
Exposição e Vendas
Av. República, 41
Tel. 779151 — Lisboa
R. Santos Pousada, 678
Tel. 53867 — Porto
PLANO

ANDARES
ESTRADA POÇO DO CHÃO, LOTE 1494
BENFICA — JUNTO AOS TRANSPORTES
Em prédio de óptima construção, habitaç. de 4 e 5 casas soalh. cozinha, desp.ª, roupeiro, 2 casas de banho. Madeiras exóticas, loiças e az. em cor de 1.ª qualidade, casas pintadas ao gosto do comprador. PREÇOS DESDE 510.000$00. MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292 — Telf. 369384 5 6 — 328232/3 — 361756

DL show O "ROCK" E OS TOUROS

Anunciado durante algumas semanas como o maior acontecimento musical ligeiro depois de Vilar de Mouros, o Festival do Montijo que se realiza já no próximo sábado, na praça de touros local, deveria, pelo menos em princípio, estar dividido em duas partes distintas: uma de música portuguesa e outra de música «rock» feita pelos mais representativos agrupamentos nacionais. Motivos de ordem burocrática impediram, no entanto, a organização de ver concretizado o seu projecto: a maioria das pessoas que deviam actuar «isoladas» foram avisadas a tempo de não comparecer.

De qualquer modo, mesmo amputado numa parte essencial, o festival do Montijo vai reunir numa praça de touros mais de seis mil e duzentos pessoas que, durante cerca de doze horas consecutivas, se movimentarão com a música dos grupos contratados. Não diremos que este é o desfecho mais certo (já em Vilar de Mouros não houve canção portuguesa, nem no Estoril). No entanto já não estará tudo perdido se as mil e duzentas pessoas concentradas na praça de touros do Montijo tiraram algum partido desse facto

JOSÉ JORGE LETRIA

AVULSAS

Com o Verão(?) chega a Espinho o Grupo Gulbenkian de Bailado, que apresenta hoje, pelas 22 e 30, os bailados «Sky Well), «Antigas Vozes de Criança» e «Metarmofoses». O espectàculo, que se insere no IX Festival de Música de Espinho, é organizado pela Academia de Música de Espinho, tem o patrocínio da Comissão Municipald e Turismo e realiza-se no Teatro S. Pedro.

E já que estamos em Espinho, aqui vai outra: Paco Santacruz actua no Grande Casino.

O Orfeão Académico de Coimbra estará hoje na Soociedade de Recreio «Os Penicheiros», do Barreiro.

José Afonso gravará outro LP dentro de dois ou três meses. Ainda não se sabe se as orquestrações terão a assinatura de José Mário Branco, mas, ao certo, Boris é o escolhido para acompanhar o «Zeca», à viola.

«A Rapariga do Auto-Stop» pode ser vista hoje, na sessão «Cinema e Aventura» no cinema Império, pelas 18 e 30.

Os «Bonecreiros» vão iniciar uma digressão com o trabalho «A Grande Cegada das Touradas, Mulheres e Fado». Assim, estarão amanhã no arraial da Mouraria, ao largo Martim Moniz, no dia seguinte em Alfama, no largo de São Miguel, no dia 19 em Campolide e no dia 20 em Carnide.

O maestro Jorge Costa Pinto partiu para Joanesburgo, a convite da South African Broadcasting Corporation. Costa Pinto vai dirigir a orquestra dessa empresa de Rádio em quarente números portugueses e sul africanos para posterior transmissão, devendo regressar apenas nos primeiros dias de Julho. Todos os arranjos e orquestrações são da autoria do maestro português, que, para além dessa gravação, vai, ainda, dirigir alguns concertos públicos.

Jorge Costa Pinto

Continua a digressão do grupo de Campolide. Desta vez a deslocação é ao 1.º Acto de Teatro de Algés. Aí, as pessoas terão outra oportunidade de ver «A Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança», de António José da Silva, o Judeu, numa encenação de Joaquim Benite bastante elogiada pela crítica. Os espectáculos de sexta, sábado e domingo.

Os «Bonecreiros»

DL/ESPECTÁCULOS MÚSICA/CINEMA/TEATRO

"ROLLING STONES" NA BASE DE INCIDENTES

A Polícia teve de fazer uso de granadas lacrimogéneas para restabelecer a ordem à entrada duma sala de concertos de Tucson, no Arizona, onde se exibiam os «Rolling Stones» na vespera, em S. Diego, o concerto dado pelo conjunto também provocou graves desordens.

Cerca de 200 ou 300 jovens que não obtiveram lugar na sala partiram os vidros das janelas à pedrada e agrediram os agentes com garrafas. Foram presas duas pessoas.

LIZ TAYLOR E TOPOL RECEBERAM GALARDÕES

Elizabeth Taylor e Tpol acabam de ser considerados, na Itália, os melhores actores estrangeiros do ano respectivamente pelas suas interpretações nas películas «XYZ» e «Um violino sobre o telhado», recebendo a mais alta distinção cinematográfica deste país: a estatueta de Donatello.

CONCERTOS EM ANGOLA

Seguiram para Angola a violoncelista Clélia Vital e a pianista Teresa Vieij que vão fazer uma série de concertos em Moçâmedes, Sá da Bandeira, Novo Redondo, Cabinda, Benguela, Lobito, Carmona, Nova Lisboa e Luanda. Estes concertos resultam da colaboração emre a Pró Arte e a Academia de Música de Luanda.

Marsans

EXCURSÕES 1972
PARTIDAS DE LISBOA

LOURDES, ANDORRA E MADRID
9 dias ..... 3.950$00
GALIZA E COSTA CANTÁBRICA
9 dias ..... 3.850$00
LOURDES, ANDORRA, BARCELONA, VALÊNCIA E MADRID
12 dias ..... 4.950$00
LOURDES, PARIS, ANDORRA E MADRID
15 dias ..... 5.950$00
PARIS, LONDRES E MADRID
16 dias ..... 8.500$00
BELGICA, HOLANDA, FRANÇA, VALE DO RENO, SUIÇA E ANDORRA
20 dias ..... 9.950$00
ESCANDINÁVIA, RÚSSIA E POLÓNIA
20 dias ..... 16.120$00
— VIAGENS DE FÉRIAS
ISTAMBUL E OS BALCÃS
22 dias ..... 14.950$00
— VIAGENS IT
— APARTAMENTOS
— BILHETES
— PASSAPORTES
PEÇA CATÁLOGOS
Informações e reservas
AV. DA LIBERDADE, 72-A
Telefs. 32 31 42 — 37 00 00

Marsans

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

Um outro "Macbeth"

A tragédia desse génio que foi Shakespeare, Macbeth, sofreu substanciais modificações de carácter ideológico numa produção alemã oriental que se encontra em representação em Brandeburgo.

Hainer Mueller, originalmente encarregado de traduzir a tragédia de Shakespeare acabou por verificar que não servia os fins do espectáculo que se propunha lançar, daí que, em vez de uma tradução respeitadora, resolveu entrar pelo caminho de uma adaptação livre, que modifica deliberadamente as premissas da peça. O «Macbeth», de Heiner Mueller, poucas semelhanças tem com a carreira do violento assassino escocês. As principais vítimas são os sofredores camponeses, mas como no original de Shakespeare eles não desempenham qualquer papel, a tragédia foi modificada para retratar a miserável vida dos pobres sob o jugo dos senhores feudais. À parte essa reinterpretação básica, na versão do dramaturgo Mueller existem determinados incidentes individuais nos quais Shakespeare nunca pensou, e que devem fazer estremecer os seus ossos no túmulo, mas nenhuma tão perturbante como a morte do tirano Macbeth.

O vilão de Mueller (garante às três bruxas que «ninguém nascido de um ventre de mulher poderá fazer mal a Macbeth» — mas, no acto final, nada mais nada menos de 12 soldados cercam o rei usurpador para o matarem com as suas lanças.

A transposição da peça para esta nova interpretação não resultou apesar de tudo aquilo que se esperava.

NOVIDADE EM GRANDE ESTILO

General Motors
O maior fabricante mundial de automóveis.

NOVOS VAUXHALL 1800 L e 2300 SL

Em cada um o prestígio, a classe, as linhas, o conforto, o espaço de um grande carro. Em cada um a técnica, a segurança, a qualidade de um Vauxhall – produto da General Motors, o maior fabricante mundial de automóveis.

Motor: Bloco de ferro fundido em crómio, com cilindros dispostos a um ângulo de 45º. Árvore de cames à cabeça com cinco bronzes de apoio.
Válvulas de admissão e escape montadas alternadamente na cabeça. Potências – 90 BHP no modelo 1800 L e 114 BHP no modelo 2300 SL. **Transmissão:** Embraiagem de disco com diafragma de mola. Caixa de 4 velocidades, todas sincronizadas. Diferencial semi-flutuante. Veio de transmissão com cardans. **Travões:** Hidráulicos de circuito duplo, com discos às rodas da frente assistidos por servo-freio, e polias atrás. **Conforto:** Aquecimento e ventilação reguláveis. Bancos confortáveis e ajustáveis ao corpo. **Segurança:** Carroçaria monobloco, toda em aço, amortecedora de choques. Coluna de direcção compressível. Óculo traseiro com desembaciador eléctrico, no modelo 23000 SL. Larga área envidraçada para uma melhor visão. Portas traseiras com fecho estudado para a total segurança das crianças.

Os novos VAUXHALL 1800 L e 2300 SL esperam-no no seu Concessionário.

DL/GERAL

ORA DIGA-NOS ...

JÁ QUEIMOU A ALCACHOFRA?

No ritual dos santos populares, tantas vezes repetido, a alcachofra ocupa ainda um lugar privilegiado. Enquanto uns a queimam quase religiosamente, outros olham-na com a indiferença de quem resolve por outro lado os seus problemas sentimentais. Ao lado dos manjericos e das bichas de rabiar, a alcachofra dá a festa uma cor especial...

José Ramon Martinez de Brito, empregado hoteleiro disse-nos: **Até nem sei o que isso é. Se tem a ver com os santos populares, posso dizer-lhe que não me diverti nada com eles porque estava a chover. De resto sou espanhol e percebo pouco destas coisas.**

Otílio Junqueiros, militar, disse também de sua justiça sobre a alcachofra:

Tenho a impressão de que sei o que isso é, apesar de na minha terra, que é o Alto Alentejo, isso ter outro nome. Mas olhe que não acredito muito nessas coisas.

Com Eunice Silva Andrade, empregada industrial, passou-se sensìvelmente o mesmo, com a diferença, porém, de que ela acredita no poder de alcachofra.

Acredito na alcachofra mas ainda não a queimei este ano. Talvez o faça para o S. Pedro. Nos outros anos tenho queimado, mas desta vez como choveu tive medo que não resultasse.

CARTÃO SOTTOMAYOR BANKAMERICARD

REALIZA-SE EM STREZA A TERCEIRA REUNIÃO INTERNACIONAL DOS CARTÕES BANKAMERICARD

É já no próximo mês de Agosto que todos os Bancos do Mundo, filiados no sistema BankAmericard, se reunirão em Itália para um terceiro encontro de trabalho.

Representa o Banco Pinto e Sottomayor o sr. João Ribeiro da Fonseca, Director do Departamento do Cartão Sottomayor, que conduzirá a sessão de trabalho relativa à promoção comercial e publicitária dos cartões de crédito BankAmericard.

Esta escolha do representante português, é bem significativa do valor já internacionalmente reconhecido à operação portuguesa do Cartão Sottomayor, quer do ponto de vista técnico, quer do ponto de vista comercial, excedeu largamente as perspectivas iniciais.

CONCURSOS DOCUMENTAIS DE PROMOÇÃO

Um parecer da Procuradoria Geral da República, publicado no «Diário de Governo», II Série, define várias normas para os concursos documentais de promoção, através das seguintes conclusões:

«1.ª Nos concursos documentais de promoção do pessoal dos quadros da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, a valorização dos vários elementos a atender pelo júri tem de exprimir-se em pontos ou valores, do somatório dos quais, em relação a cada candidato, resultará a classificação final;

«2.ª Esta classificação deve ser feita tendo em atenção as informações dos serviços referentes aos três últimos anos, os elementos constantes das fichas cadastrais dos candidatos e os documentos e trabalhos por estes tempestivamente apresentados;

«3.ª Das fichas cadastrais fazem parte as informações anualmente prestadas pelos chefes ou encarregados dos serviços sobre os seus subordinados, nos termos do parágrafo único do artigo 24.º do Decreto-Lei n.º 35422, de 29 de Dezebro de 1945;

«4.ª O recusro das deliberações dos júris dos mencionados concursos só pode ter por objecto a apreciação da regularidade formal, e não também o juízo formulado pelos mesmos, júris quanto ao mérito e classificação dos concorrentes.

«Termos em que se entende dever ser negado provimento aos recursos interpostos».

PROSSEGUE A ESCALADA DOS "RATOS" DE AUTOMÓVEIS

Aos inúmeros carros ùltimamente roubados em Lisboa (circunstância que leva a supor estarem os «ratos» de automóveis empenhados numa verdadeira escalada pré-estival), juntaram-se mais os seguintes:

FA-80-80-Austin 1000
PP-74-19-Austin
SN-85-52-Austin 850;
DA-52-07-Austin 850
SN-92-92-Fiat 1500
IB-50-63-Fiat 125
FG-75-32-Fiat 850
GA-93-43-Fiat 124
IH-94-57-Fiat 127
CF-24-35-Taunus 15 M
BG-25-88-Cortina
FL-68-73-Ford
PN-82-28-Morris 1000
LE-86-99-Vauxhall
ID-57-32-Vauxhall Viva
II-59-09-Consul
SN-46-83-Fiat 1500
CH-45-92-Fiat 124
ID-83-28-Fiat 850
EF-40-55-Citroën
LC-68-35-N.S.U.
ID-57-88-Lancia

Entretanto, foram recuperados os seguintes veículos:

BF-58-38
EI-30-30
LD-75-51
ID-58-88
AL-44-27
DI-80-41
MO-56-02
BC-97-73
EF-64-30
HC-57-85
IB-91-39
FG-37-46
AL-75-30
FL-68-73
GI-93-71
IB-26-72
IB-68-93
IF-87-24
LD-50-88
SO-24-89

Notícia de

LIVROS

TORQUATO DA LUZ

"OS LUSÍADAS" DO MORGADO DE MATEUS

Por iniciativa da Livraria Sam Carlos, acaba de sair um excelente «fac-simile» (apenas mil exemplares destinados ao mercado e todos rubricados pelo editor) da edição de «Os Lusíadas», de Luís de Camões, dada à estampa, em Paris, em 1817, pelo Morgado de Mateus, D.José Maria de Sousa-Botelho.

Trata-se de uma edição monumental, ricamente encadernada, que interessa, sem dúvida, aos bibliófilos. Dada a reduzida tiragem, vai tornar-se, ràpidamente, uma raridade.

O volume, muito valorizado com belíssimas gravuras, inclui uma «Advertência» do organizador da edição, que diz a certa altura: «O mais ardente patriotismo e a minha admiração por Camões me fizeram ùnicamente entrar nesta empresa. Retirado dos negócios públicos e do serviço do meu Soberano, e chegado ao Outono da vida, com uma saúde arruinada, pensei que, na minha situação, não poderia fazer coisa mais agradável à minha Pátria do que dar-lhe uma boa edição daquele Poema que é o maior monumento da glória nacional».

Além da «Advertência», há ainda uma «Vida de Camões», que preenche cerca de 80 passagens do volume, e que constitui ao mesmo tempo um ensaio muito curioso sobre a obra do nosso maior poeta.

Com este trabalho pretende a Livraria Sam Carlos homenagear Camões no 4.º centenário da publicação de «Os Lusíadas» e, simultâneamente, lembrar o notável esforço do Morgado de Mateus — que nos legou a mais bela de todas as edições do poema nacional.

PORTUGAL

Edições Panorama lançaram, com excelente apresentação gráfica, o volume monumental «Portugal — um país que importa conhecer.»

Trata-se de uma edição luxuosa, em óptimo papel, e ilustrada com centenas de fotografias a cores. Nela se documentam os vários aspectos da vida nacional, pretendendo-se assim fazer um retrato do país: o homem, a paisagem, o arado e a máquina.

A planificação gráfica pertence a Sebastião Rodrigues, com a colaboração de Vasco Lapa. O consultor de fotografia foi Augusto Cabrita. O guião original esteve a cargo de Ana Duque. Manuel Figueira escreveu o texto e Maria Helena Prazeres colaborou na recolha de fotografias.

TRADIÇÕES MUÇULMANAS

O dr.Fernando Amaro Monteiro, investigador da Universidade de Lourenço Marques e director do jornal «A Tribuna», que se publica naquela cidade moçambicana, escreveu a introdução para o volume «Selecção de Hadiths — Tradições Muçulmanas», publicado pela Biblioteca do citado estabelecimento de ensino superior.

A versão portuguesa baseou-se na tradução francesa levada a cabo por G.H.Bousquet.

BOLSAS DE ESTUDO

Os diplomados portugueses pelas Escolas Superiores Faculdades ou Institutos de Agronomia podem concorrer à bolsa de estudo para frequência do curso de um ano do Instituto Agronómico Mediterrânico, em Bari, Itália.

CHEFES DE PESSOAL

Membros da Associação Portuguesa dos Directores e Chefes de Pessoal seguiram para Paris a fim de ali participarem na reunião do Comité Director da Associação Europeia de Direcção de Pessoal, no qual se ultimarão os pormenores do VI Congresso Europeu que no próximo ano se realizará em Lisboa.

Fundação Calouste Gulbenkian

SERVIÇO DE MÚSICA

IGREJA DE S. VICENTE DE FORA — Amanhã às 15.30 horas

GRANDE CONCERTO CORAL - INSTRUMENTAL COMEMORATIVO DO TRICENTENÁRIO DE HEINRICH SCHÜTZ

Maestro: ROGER NORRINGTON

HEINRICH SCHÜTZ CHOIR / PHILIP JONES BRASS ENSEMBLE

ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN

Solistas: Robert Spencer e Julian Creme (chitarrone) / Pierre Salzmann e Harold Lester (órgão)

Obras de SCHÜTZ e GABRIELI

AUDITÓRIO DOIS — Hoje às 18.30 horas

Recital pelo barítono

MARIO MATEUS

Ao piano: FERNANDO JORGE DE AZEVEDO

Obras de BRAHMS, WOLF e CRONER DE VASCONCELOS

PREÇOS: Igreja de S.Vicente — 30$00 e 20$00
AUDITÓRIO DOIS — 30$00

50% de desconto a estudantes Grupo A — M/ 6 anos

INGLATERRA*ESCÓCIA*PAÍS DE GALES

Excursões em Avião + Autocarro

7 ITINERÁRIOS DIFERENTES

Preços desde Esc. 5.860$oo

Neste preço está incluído o avião a Londres e volta, O circuito em autocarro de luxo, acomodação com banho em bons hotéis, todas as refeições (em Londres só pequenos almoços)

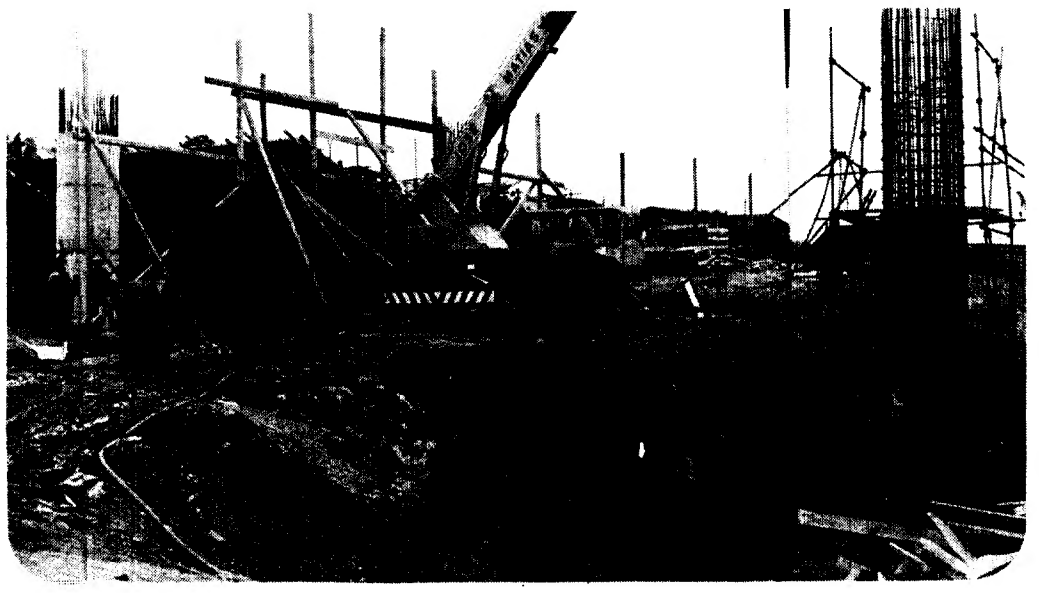
PEÇA PROGRAMA DETALHADO PARA:

VIAGENS RAWES

Rua Bernardino Costa, 47 (ao Cais do Sodré) Tel. 370231 Lisboa 2

DL /NACIONAL

Ligações Ferroviárias com o sul do Tejo



A propósito de uma notícia que publicámos em 22 de Maio sobre a ligação ferroviária com a margem Sul, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses esclarece que a conclusão da estação do Rego pode apressar a ligação ferroviária entre o Sul e o Norte do País, através da ponte sobre o Tejo.

Afirma a C. P.: «Cumpre-nos informar que a futura ampliação da estação do Rego irá permitir que ela venha a constituir o principal término da ligação ferroviária suburbana à margem sul do Tejo, através da ponte Salazar.

Tal empreendimento acha-se incluído no esquema do «Nó ferroviário de Lisboa», a seu tempo submetido à apreciação do Conselho Superior de Obras Públicas, cujo parecer favorável mereceu a homologação de Sua Ex.ª o ministro das Obras Públicas e Comunicações.

Ainda no capítulo das ligações com a margem Sul, prevê-se que, num futuro mais longínquo, se venha a encarar outra travessia do Tejo, entre o Beato e o Montijo.

O esquema do «Nó ferroviário de Lisboa», inclui ainda, novas linhas que servirão a margem Sul do Tejo: linha de Almada-Coina, linha Coina-Moita e concordância de Alhos Vedros, ramal do Seixal e ligação à Sidemetalurgia, ramal da Costa da Caparica (até à Fonte da Telha), ramal do novo aeroporto de Lisboa, ramal do futuro porto de contentores (na Trafaria), linha Coina-Setúbal e linha Moita-Muge.

Assim, se tudo correr com a normalidade desejada, temos fundadas esperanças de que se obterão soluções bastante satisfatórias, no quadro dos transportes ferroviários entre as duas margens do Tejo, na região de Lisboa.»

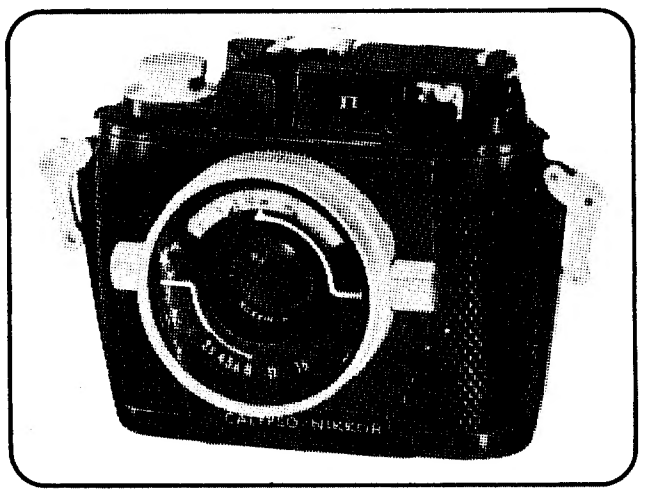
O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Olímpio P. Machado — S. BRÁS DE ALPORTEL

'Texlené' um tecido Riopele
POUSADA DE SARAMAGOS

Nikon apresenta

CALYPSO/NIKKOR II

A CÂMARA 24×36 DE "CHOQUE" PARA A FOTOGRAFIA DESPORTIVA



Aqui está a câmara que o acompanhará em todos os desportos onde seria loucura utilizar a sua máquina habitual.

Pode mergulhar com ela, deixá-la cair na neve, na areia, expô-la à chuva, sem a oxidar, sem que nela penetre a mais pequena gota de água ou o mais pequeno grão de areia.

A CALYPSO/NIKKOR II beneficia da soberba qualidade óptica Nikon

Resiste a todos os choques e às pressões submarinas. Ela é de uma estanqueidade total. Tudo nela foi concebido para a fotografia desportiva: grande facilidade de manejo, uma objectiva de 35 mm com grande profundidade de campo, e ainda duas objectivas intermutáveis de 28 e 80 mm.

Dirija-se sòmente às casas especializadas em material Nikon

Representantes exclusivos:
EST. M. SIMÕES, JR., SARL
Rua dos Douradores, 10 — LISBOA

TEATRO MONUMENTAL
VASCO MORGADO APRESENTA
RAUL SOLNADO
P'RÁ FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
IRENE ISIDRO · JÓSE DE CASTRO
E AINDA
LINDA SILVA
A FADISTA
BEATRIZ DA CONCEIÇÃO
JÚLIO CÉSAR VICTOR MANUEL
FERNANDA FRANCO · MARIA · VICTOR HUGO
E O INTERNACIONAL
PICCADILLY STARS BALLET

ESTA SEMANA — ESTREIA
2 SESSÕES 20.45 e 23 H.
(GRUPO D - M/ 18 anos)
LOTAÇÕES ESGOTADAS
ATENÇÃO: As marcações para as sessões da estreia só são respeitadas até às 21 horas de hoje

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA
SHARVEN-FRANCE
Campo Grande, 1-D. 2.º, Esq. — LISBOA-5
Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.
PEQUENO INVESTIMENTO ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

ESTUDANTES

Agentes de Venda da SATA Student Air Travel Association para todos os serviços relacionados com Viagens de Férias:

Em Coimbra C. A. D. C. Couraça de Lisboa, 30 Telefs. 27926 e 22483 e UNITAS Rua da Sofia, 73-1.º Telef. 27743

No Porto UNICEPE Praça Carlos Alberto, 128-A Telef. 36660

EDITAL

ESPERAS DE TOUROS DURANTE A FESTA DO COLETE ENCARNADO

FEBO VARGAS DE MATOS, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER que, com vista à protecção de pessoas e bens por ocasião das esperas de touros que se realizam nos dias 1, 2 e 9 de Julho próximo integradas na Festa do Colete Encarnado, são as ruas por onde transitarão os touros das largadas devidamente encerradas a toda a espécie de circulação, e vedadas convenientemente por tranqueiras. Resultando daqui que a entrada de pessoas nas ruas e recintos reservados expressa e ùnicamente aos touros só pode dar-se por transposição voluntária das referidas vedacões, esta Câmara Municipal não se responsabiliza por qualquer acidente ocorrido dentro das ruas e recintos mencionados.

E para constar se passou o presente Edital que vai ser afixado nos lugares do costume.

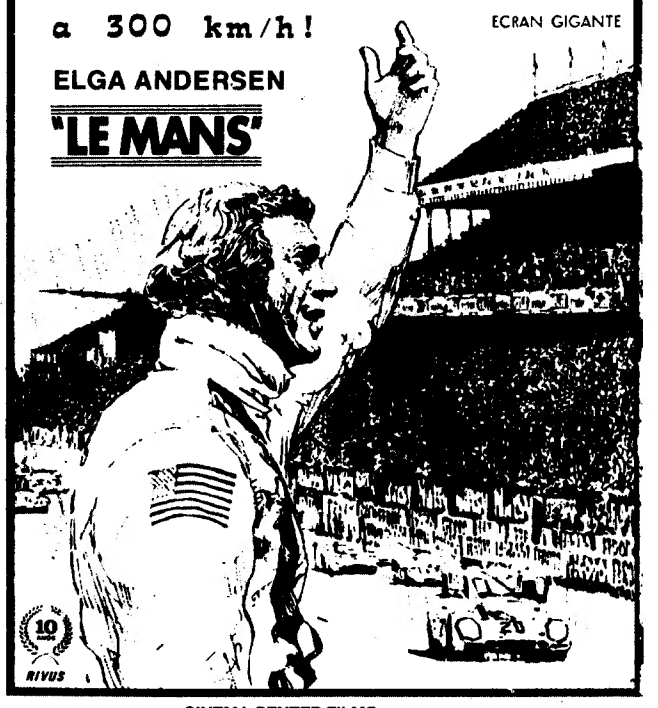
E eu, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 9 de Junho de 1972.

O Presidente da Câmara,
Febo Vargas de Matos
Ten. Cor. Pil. Av.

ANDARES
C/ GARAGEM — ZONA DO AREEIRO
Rua Professor Mira Fernandes, lote 1.543
Futuro Prolongamento da Av.ª João XXI
Em prédio de construç. cimento armado, com bons acabamentos, compostos de 6 div. soalh., coz.ª, roupeiros, 3 casas d> banho (sendo uma privativa de um dos quartos). PREÇO 900.000$00. MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292 — Telf. 369384 5 6 — 328232/3 — 361756

STEVE McQUEEN
a 300 km/h!
ELGA ANDERSEN
"LE MANS"
70 mm ECRAN GIGANTE



CINEMA CENTER FILMS apresenta
Arg. HARRY KLEINER Mús. MICHEL LEGRAND Prod. exec. ROBERT E. RELYEA
Prod. JACK N. REDDISH Real. LEE H. KATZIN uma prod. de SOLAR PRODUCTION
um exclusivo RIVUS GRUPO A (m/6 anos) PANAVISION° Color by DE LUXE.
HOJE DE NOVO no ecran gigante do 21.30 MONUMENTAL

DL/GERAL

TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

O mecânico de Gago Coutinho recorda a histórica viagem

«Conheci Sacadura Cabral, no ano de 1917, em Saint Rafael, na França, quando ele aí foi para conseguir o seu brevet de piloto da marinha» — começou por dizer-nos Roger Soubiran, que foi mecânico dos dois pioneiros da aviação portuguesa na travessia aérea do Atlântico Sul. Soubiran, com mais de 80 anos, chegou ontem a Lisboa a convite da Comissão das Comemorações. Veio cheio de recordações do tempo em que era um jovem técnico da Marinha Francesa e tomou conhecimento da aventura de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

— **Nasceu, naturalmente entre nós** — continuou — **uma enorme simpatia. E, um dia, ele convidou-me para jantar: éramos ambos oficiais. A certa altura, disse-me: Quer vir para Portugal comigo? Penso que, em breve, serei comandante da aviação da marinha portuguesa e gostaria de o ter lá para me ajudar e prestar assistência técnica.**

Davam-se então os primeiros passos da aviação militar, inicialmente integrada na Marinha; em 1916 inaugura-se a Escola Militar da Aeronáutica, com o fim de preparar observadores e especialistas. Tudo parecia nascer a partir do nada e havia que recorrer a material e técnicos do estrangeiro.

SACADURA

— **Eu já tinha sido ferido por três vezes e encontrava-me muito cansado. A proposta agradava-me muito. E fiquei esperando que o convite se realizasse. Pouco depois, fui transferido para a Grécia. Um dia, o almirante a que eu estava subordinado, mandou-me ir ter com ele dizendo que que o Ministério da Marinha me chamara. Compreendi logo. Era o Sacadura!**

Uma vez em Portugal, o perito francês foi para Vila Nova da Rainha:

— **Nessa altura, o Governo português comprou à aviação naval francesa um hidroavião que se encontrava em Aveiro, e que se destinava à defesa submarina. Fui eu que o montei e reparei. Com Sacadura fiz um primeiro vôo sobre Lisboa.**

Até então, o histórico voo ao Brasil nem sequer era sonhado. Havia outras metas. E Gago Coutinho ainda não tinha «entrado em cena»...

— **Voltámos a França e a Inglaterra para comprar maquinaria e ferramentas. Planeava-se um voo até à Guiné. Mas foi Gago Coutinho que nos fez mudar de planos, com a ideia de voar até à Madeira para pôr à prova o seu sextante. Ele tinha a certeza de que encontraria a ilha.**

E assim foi. Com todas as dificuldades e aventuras, terminando com o afundamento do hidroavião ao largo de Porto Santo Um flutuador tocou na água e:

— **Meus amigos, um trambulhão! Fomos todos a pique com avião e tudo! Viemos à superfie no meio de um mar de chamas, pois a gasolina tinha-se incendiado.**. Ri-se, no seu perfeito português, Roger Soubiran.

UM POUCO DE SORTE

E chegou a altura da grande viagem. Os seus preparativos começaram no dia em que Gago Coutinho a propôs. Assim os conta o convidado francês:

— **Não havia então nenhum aparelho capaz de tal viagem, mas Gago Coutinho soube da existência de um em Iglaterra que se destinava a fazer carreiras entre a Terra Nova e a Irlanda. Lá fomos. Os ingleses garantiam as boas qualidades do avião, mas não chegava. De qualquer modo o navegador português afirmou que «com um pouco de sorte talvez chegassem aos Penedos.**

Mas Soubiran teve de ficar em terra pois o avião não podia com muito peso. Em terra, pròpriamente, não ficou. Coube-lhe acompanhar o vôo de barco, no «República».

— **Lá fiquei nos Penedos à espera de ver o avião chegar. Também lá estavam os almirantes Sarmento Rodrigues e Quintanilha de Mendoça Dias, ambos, nessa altura guardas-marinha. E ele lá chegou, tão certo como um comboio de Lisboa ao Porto. Era uma coisa admirável!**

Certamente que Soubiran não conhece muito bem os nossos caminhos-de-ferro, mas fàcilmente se compreende a sua emoção ao ver realizad A TAREFA EM QUE ELE E OS SEUS COMPANHEIROS DE AVENTURA SE ENCONTRAVAM EMPENHADOS:

Assim relembrou Roger Soubiran a sua juventude de aventura aérea. Hoje esses tempos são apenas uma lembrança viva que justificam a sua participação na comemoração do feito. Ele estará esta noite no Teatro S. Luís e no sábado dará a sua participação na inauguração do monumento evocador da travessia, mandado erguer pelo município de Lisboa, junto da Torre de Belém.

FRANCISCO NEVES

Carlos Rodrigues, calmo perante o touro

APURADO O FINALISTA DE "JOVENS TOUREIROS"

Chegou ao fim a iniciativa de Manuel dos Santos. Foi escolhido o finalista do concurso destinado a apurar o melhor jovem toureiro. Fizeram-se buscas, dirigiram-se convites aos mais novos para que surgisse um toureiro capaz de galvanizar as multidões e arrastar o entusiasmo que vai fenecendo nas praças portuguesas. Quem quis tentou a sua sorte. De quase cinco centenas a quem a empresa do Campo Pequeno e o Grupo Tauromaquico Setor I concederam oportunidades, ficaram dois jovens, que ontem à noite disputaram a final: Carlos Rodrigues e Jaime Barquinha, o primeiro da Golegã, o segundo de Vila Franca de Xira.

O espectáculo de juventude que ontem decorreu caracterizou-se pela alma que todos os partecipantes puseram nas suas intervenções. Refira-se os cavaleiros João Moura e José Vareja Crujo, que receberam prolongados aplausos, bem como os no vilheiros António Alfonso «Sevilhano», e Carlos Pimentel.

Os dois finalistas bateram-se com entusiasmo. Enquanto Carlos Rodrigues pecava por falta de alegria, Barquinha não segurava o touro, dançando permanentemente na sua frente. No final, o júri, constituido por Oliveira Martins, Cabral Ascenção, Saraiva Mendes, João Moreira de Almeida, António Dias e Artur Pires, deliberou distinguir por unanimidade Carlos Rodrigues.

Destaque-se desde já a intervenção dos forcados da Azambuja entusiástica e decidida.

No final, Carlos Rodrigues declarou-nos: **Pois estou satisfeito. Talvez isto seja o princípio de uma carreira a que aspiro. Preciso é de trabalhar. E muito.**

NINGUÉM QUER O «TRIBUTO DA MOEDA»

Ninguém ofereceu dinheiro por uma pintura antiga representando o «Tributo da Moeda». A pintura é assinada por «Titianus» (Ticiano?) e foi ontem a leilão pela terceira vez numa base de licitação de 50 mil escudos, metade do preço que tinha sido pedido na primeira almoeda.

A pintura é semelhante à que se encontra exposta na Galeria Royal de Dresden, mas os peritos recusam-se a garantir a sua autenticidade. Agora o tribunal irá decidir se a obra deve ir de novo a leilão.

Governador no Estoril

O governador cívil do distrito de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, desloca-se no domingo a S. João do Estoril, onde, às 17 horas, inaugurará a nova sede do Ginásio-Biblioteca da Sociedade de Educação Social, que este ano perfaz 61 anos de existência.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Firmino A. Vilhena Raposo «Café Aliança» — ALJUSTREL

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco António Galrito «Papelaria Castrense». Rua Morais Sarmento, 22 — CASTRO VERDE

VASTEELS EXPRESSO

Ribatejo, Sol e Touros

XIX FEIRA DO RIBATEJO

SANTARÉM

Tome parte nesta grandiosa manifestação nacional
acompanhando-nos

Estaremos presentes, com assistência às principais manifestações e «corridas», nos dias:
4 — 5 — 10 — 11 — 18 de Junho

Peça programa detalhado e inscreva-se
Av. Ant. Aug. Aguiar, 88-C — Tel. 4 21 85
Rua Caminhos de Ferro, 62-C — Tel. 68 85 88
ou
na sua habitual AGÊNCIA DE VIAGENS

Nas suas férias
Omega Constellation

Esc. 5.200$00
Agência Oficial
JOALHARIA J.N.CUNHA, LDA
Rua Aurea, 201 - Lisboa

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Direcção dos Serviços Técnico-Especiais
BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que se encontra aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até dia 3 de Julho de 1972.

São condições essenciais para admissão a este concurso ter a 4.ª classe de instrução primária, mais de 18 anos de idade e menos de 30 à data do encerramento do concurso.

Os sapadores bombeiros recrutas terão o vencimento mensal ilíquido de 2 000$00 durante o período de oito meses (instrução de recrutas) e de 2 400$00, após esse período, tendo ainda direito a fardamento e alojamento.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida D. Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, em 12 de Junho de 1972.

O Presidente,
Fernando Santos e Castro

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29-Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL DA SECÇÃO FEMININA

CONVOCAÇÃO

Em conformidade com as disposições conjugadas dos art.ºs 22.º, n.º 7 e 24.º n.º 1 dos Estaturos do Sindicato de acordo com a remissão do Título V do artigo 19.º dos Estatutos da Secção Feminina, convoco a Assembleia Geral da Secção Feminina para reunir na sede deste Sindicato, no dia 16 de Junho de 1972 pelas 20 horas e 30 minutos, com a seguinte:

ORDEM DOS TRABÁLHOS

1. — Discutir e deliberar sobre a futura participação orgânica das mulheres na realização dos fins do Sindicato.

2. — Discutir e deliberar sobre a eventual continuação ou dissolução da Secção Feminina do Sindicato.

Não havendo número legal de sócios presentes, fica desde já convocada nova Assembleia Geral para o mesmo dia e local, às 21 horas e 30 minutos funcionando com qualquer número de sócios.

Lisboa, 29 de Maio de 1972

Pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Secção Feminina, O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, (a) Ezequiel de Sousa.

maravilhosa solidão a dois

A experiência vivida vale 1000 imagens.
Viver a experiência — os dois e um Triumph Spitfire MK IV.
Viver em alegria, em grande estilo, em plena juventude.
Os dois e um Triumph Spitfire MK IV.
Desportivo. Enérgico.
E note o sorriso feliz de quem vai a seu lado...
Pois! o Triumph Spitfire também não se empresta aos amigos.

Cilindrada 1300 c. c.
Potência máxima
75 cv. a 6000 r. p. m.
Raio de viragem 3,65 ms.

novo TRIUMPH SPITFIRE MK IV

Tem a pinta da família!

72 TRF-SP-01

Em exposição e venda nos «stands» de: J. J. GONÇALVES, SUCRS. AUTOMÓVEIS, LDA.
Lisboa — Rua Camilo Castelo Branco, 2-D Tel. 537181 — Porto — Rua da Constituição, 225
Tel. 02-44071/40352 e Alexandre Braga, 130 Tel. 02-29121/2/3
Matosinhos — Av. Serpa Pinto Tel. 02-930262

CAFER — Rua Júlio Diniz, 858—Porto Tel. 02-691074/60075

DL/GERAL

A crise das conservas

Fábrica encerrada na Nazaré

Uma fábrica de conservas de peixe pertencente à firma «Algarve Exportadora», que funcionava na Nazaré há cerca de 41 anos, foi encerrada no passado mês de Abril, deixando no desemprego oito homens e 30 mulheres que nela trabalhavam regularmente. Como a fábrica absorvia grande parte do produto da pesca da sardinha da Nazaré — segundo apurámos junto dos frequentadores da lota, a firma comprava cerca de 500 cabazes de sardinha por dia — os reflexos deste encerramento são muito mais vastos prejudicando um grande número de pessoas.

Este foi o terceiro encerramento de fábricas pertencentes à firma «Algarve Exportadora» que, depois de fechar as de Lagos, Setúbal e agora a Nazaré, ficou apenas com as de Peniche e Matosinhos.

A fábrica da Nazaré que, quando em laboração plena aumentava o número de operários para cerca de cem, funcionava durante a campanha da sardinha, entre Maio e Dezembro, fabricando especialmente conservas de sardinha sem pele e sem espinha e por vezes também conservas de cavala.

Segundo consta, a fábrica recebeu um subsídio por encerramento superior a mil contos (um subsídio fixo e outro pelo número de caixas de sardinha feitas nos últimos anos), enquanto o pessoal efectivo recebeu indemnizações do fundo Nacional de Mão-de-Obra. Por outro lado, como era de calcular, o pessoal eventual nada recebeu...

Entretanto, no dia 2 de Junho, no jornal Alcoa, de Alcobaça, veio publicada a escritura de constituição de uma nova sociedade chamada «Salpena», constituída, ao que parece, por familiares dos proprietários da «Algarve Exportadora» e que se dedicará à salga de peixe nas instalações da fábrica que fechou.

Recorda-se, a propósito, que já no ano passado constou que a fábrica ia encerrar. Nessa altura, porém, o Grémio do Comércio local e a Câmara resolveram intervir junto das autoridades competentes e o assunto foi protelado até agora, momento em que tudo se processou tranquilamente.

"Aconselhem-se com os maridos"

Fechou mais uma fábrica. Com uma pitada de exagero, não muito, diríamos que fecha quase uma por dia. Esta era de conservas de peixe.

«A automação de uma fábrica ou de um conjunto industrial fornece um pequeno modelo das mudanças que devem ocorrer na sociedade por força da tecnologia eléctrica». Isto postula o Mac-Luhan para a sociedade da electrónica, ou do interprocesso electromagnético. Mas não é o que está aqui em causa (não é ainda, no geral dos casos, o trânsito da indústria da mecanização para a dos computadores que determina estes encerramentos): apenas a crise gravíssima da indústria da pesca, que se, origina na falta de planificação e de apoio adequados, de utensilagem moderna, etc.

Acontece mesmo estas operárias da usina fechada, muitas das quais ficaram na miséria, desculparem e até justificarem o patrão (e como isso é típico do nosso país): o patrão era boa pessoa — e provàvelmente era mesmo — foi forçado pelos reveses que sofreu a pô-las na rua, inclusivamente ofereceu-lhes trabalho noutras fábricas de conservas, que ainda as têm, mas ficam tão longe, a centenas de quilómetros dali. E ali é que elas têm as suas casas, seus filhos e cadilhos. O seu Norte, os seus mortos, o vento bravo que lhes tem chicoteado o mar e as vidas — mas que as alimenta, que as balança habitualmente entre o dia e a noite. A terra onde os olhos lhes hão-de cair e descansar, de apodrecer (por uso), as rendas de ovos do dia dos casamentos próprios e alheios, os retratos já amarelecidos do passado, o fogo do lar, o migalho de pão tão pouco seguro.

E, depois, com quem hão-de aconselhar-se estas mulheres de sete saias?

— Aconselhem-se com os vossos maridos — diz o encarregado.

Mas se os maridos andam no bacalhau! E quem não o sabe?! não é?...

Trata-se de optar entre a indemnização e essa outra fábrica, lá longe.

Algumas das pobres de Cristo nem maridos têm. E é que, lá isso conta. Se conta! E o Sindicato? O Sindicato fecha-se em copas. Não há nada a fazer, asseguram. Não haverá? O advogado que esta e aquela e aqueloutra consultaram garante-lhes que ir para o Tribunal de Trabalho também não adianta. Pelo menos neste caso.

Uma das mais afortunadas, de entre as operárias que ficaram desempregadas, tinha 32 anos de labuta na fábrica. Ganhava presentemente 6$50 por hora (é certo que os dias eram irregulares). Quando para lá entrou, recebia, também por hora, seis tostões e meio.

Deram-lhe 8232 escudos. Há quem a inveje. Quase todas ficaram pior, algumas mordendo os beiços, de choro represo. A vida daqui por diante: um anoitecer de sal e gelo. Mas não poderá ser diferente?

Amortalhadas ao sol, acocoradas, mãos quietas e tristes, que há pouco ainda eram úteis, eram mãos, ei-las no largo.

CURSOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

No próximo ano lectivo, o departamento de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa vai realizar uma série de cursos de extensão universitária, para pós-graduados e estudantes universitários, com possibilidade de formar grupos homogéneos.

Alguns dos referidos cursos serão orientados por personalidades estrangeiras de renome no campo da Filosofia.

Quaisquer inforções podem ser obtidas pelo telefone 783100.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

«Devemos emprestar-nos aos outros e darmo-nos apenas a nós próprios»

(Montaigne)

ANNA KARINA no filme de JEAN-LUC GODARD

HOTEL

VIVER A SUA VIDA

(VIVRE SA VIE)

Fotografia de RAOUL COUTARD — Música de MICHEL LEGRAND

Prémio Especial do Júri e Prémio da Crítica Italiana no Festival de Veneza

4ª SEMANA

LONDRES

GRUPO D [interdito a menores de 18 anos]

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO

CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172

Rua 1.º de Dezembro, 45

CÉSAR FIGUEIREDO DE MIRANDA POMBO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Participação e missa do 7.º dia

Celeste da Conceição Nunes Correia de Miranda Pombo; César José Nunes Correia de Miranda Pombo, sua mulher e filha; Zina de Figueiredo de Miranda Pombo, filha, genro e netos; Alberto de Figueiredo de Miranda Pombo e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à sua Divina Presença no passado dia 10 o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, tio e parente e que amanhã dia 17 às 11,30 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua Alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto.

P.N.A.M.

AGÊNCIA MAGNO Telef. 534167

BOM APETITE

RESTAURANTE VELEIRO

PRAIA DE CARCAVELOS

NOVA GERÊNCIA

DIÁRIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA

TONI DOS BIFES

Av. Praia da Vitória, 50-E

Telef. 53 60 80

AMANHÃ

FEIJOADA À PORTUGUESA

DOMINGO

ARROZ À VALENCIANA

ABERTO AO DOMINGO

RESTAURANTE SNACK-BAR Colina

Rua Filipe Folque, 46-A

Telef. 560209

AMANHÃ

DOBRADA À COLINA

Estalagem «A GRUTA DO RIO»

RIO DE MOURO

Telef. 2 98 05 35

(Auto-Estrada para Sintra)

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

BACALHAU À LAGAREIRA

E

CABRITO NO CHURRASCO

SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

Câmara Municipal de Lisboa

Apresenta todas as noites pelas 21.45 horas numa realização da CASA DA COMÉDIA «A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA».

de António José da Silva (Judeu)

Encenação de Herlander Peyroteo

JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS

(Ao Campo Pequeno)

Bilhetes à venda no próprio local

Descanso da companhia, 2.ª-feira. Grupo C — 14 Anos

ESTALAGEM D. SANCHO II

ELVAS — Telef. 127

COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA

QUARTOS CONFORTÁVEIS

NO SEU FIM-DE-SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144

Telef 790211

JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS

c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

Premiado pelo S. N. I.

(Maiores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

AUTO CONSTRUÇÃO INSEGURA NAS BARRACAS DE MARVILA

Para os dez mil habitantes das barracas de Marvila o sonho de uma casa compra-se a prestações de 300$00 por mês. Foi uma iniciativa da Prodac — Associação de Produtividade na Auto Construção — uma asssociação com fins assistenciais e educativos criada há 4 anos por iniciativa da «Caritas» e da União Católica dos Industriais e Dirigentes do Trabalho (UCIDT). Por contrato com a Câmara Municipal de Lisboa, a Prodac comprometeu-se a promover a construção de casas provisórias para aquela população.

As obras têm sido morosas. Algumas casas encontram-se já erguidas, mas os próprios habitantes das barracas vêem-se obrigados a acabá-las. O sonho de ter uma casa começa a tornar-se caro. «DL» relata o que ouviu no Marquês de Abrantes, e apresenta os esclarecimentos dos responsáveis da Prodac.

— **Quando a Prodac aqui chegou a gente recebeu-a de braços abertos. Quem é que não deseja ter a sua casinha? Foi isso o que nos prometeram: uma casa ao fim de am ano. Que bastava pagar 300 escudos por mês. Afinal, levantaram as paredes de umas tantas casas e pedem-nos para as acabarmos...**

E uma mulher de meia-idade, Leonor Caldeira Grilo, de seu nome. **Faço questão de dizer o nome. Não estou a inventar mentiras. Sou capaz de repetir isto a quem quiser ouvir.** À volta reúne-se uma pequena multidão. Rostos de cansaço e velhice, que não vêm só da idade. Gente que envelhece precocemente. São os habitantes das barracas da Quinta do Marquês e da Quinta das Claras, em Marvila, algumas das pessoas que constituem os 10 mil habitantes daquele bairro onde duas mil e tantas construções de madeira velha abrigam, homens, mulheres e crianças. Muitas crianças. Gente.

Gente inquiéta. Gestos e vozes que se soltam, como se há longo tempo reprimidos. Todos

Eng.º Pinto Coelho: «97 por cento da população aderiu a nós»

querem falar. Como se de repente descobrissem o direito de queixar-se.

Uma outra mulher, rosto duro de privações, a que não falta uma certa força e determinação, impõe a sua voz. Quer contar tudo, desde o princípio:

— **Um dia, chegaram aqui umas méninas, a querer saber quais eram as nossas condições, ordenados, número de familiares. Mais tarde, puseram editais nas paredes a mandar-nos ir pagar 300 escudos a um prédio cor-de-rosa. É lá que são os escritórios da Prodac. Foi a primeira coisa que construíram. A maior parte das pessoas aceitaram; as outras quiseram continuar a pagar a renda na Câmara, mas ali não queriam aceitar o dinheiro. Houve muita gente que depositou esse dinheiro na Caixa Geral de Depósitos.**

n Sentiram-se colocados entre a possibilidade de ter uma casa e a necessidade de sair dali, à procura de outro sítio e de outro tecto de madeira. A população é constituída, na maior parte, por operários e serventes. Os rendimentos não vão, em muitos casos, além dos 2500$00. As famílias são numerosas. Assinar um papel é fácil, o pior é depois...

— **Sei lá o que diz o contrato! Eu acreditei no que eles prometeram! Se lá estivesse a pena de morte, assinava na mesma, porque mal sei ler uma letra!**

Eu até tenho medo de ir para lá. As casas não têm alicerces. Se vem um tremor de terra, vai tudo abaixo. Mal por mal, preferia estar descansada na minha barraquinha — diz-nos uma velha, mãos agarradas a um pau que finge de bengala, com a força de quem quer agarrar desesperadamente a vida.

Os habitantes das barracas da Quinta do Marquês têm medo. Não apenas da consistência das habitações, mas da própria consistência de um sonho que compram por 300$00 mensais.

— **Eu tenho uma reforma de um conto de réis** — afirma o sr. Joaquim Marcos, imagem da resignação. — **Comprei esta barraca há uns três anos, estava a pagar 50$00 à Câmara e fiquei a pagar o mesmo à Prodac. Não sei se é bom ou mau, isso é lá com eles. Se me derem uma casa até 300 ou 350$00, acho bem. Agora, dizem-me que vou para uma camarata, por ser sòzinho. Isso é que eu não vou. Se não me derem uma casa, pego na tralha e marcho para outro lado.**

O nervosismo e a insegurança ressaltam nas palavras. Alguns receberam comunicação da Prodac a ameaçar a demolição das barracas em que habitam, no caso de não pagarem, durante dois meses, as quotas a que se obrigaram.

— **Eu tinha uma barraca alugada a uma rapariga** — afirma ainda Leonor Caldeira Grilo — **mas eles não querem cá pessoas sòzinhas. Veio cá a polícia e demoliu-a. Se não fosse eu alojar a rapariga comigo, o que era feito dela a estas horas?**

— **Houve uma rapariga que teve de ir para a Santa Casa da Misericórdia** — atalha uma vizinha. — **E a um rapaz que estava na tropa, vieram cá e puseram-lhe os tarecos em cima do telhado de uma vizinha.**

Em 7 de Outubro de 1971, foi assinado entre a Câmara Municipal de Lisboa e a Prodac um contrato mediante o qual se cedia a esta entidade, por um período de 12 anos, o direito de superfície sobre os terrenos da Quinta do Leal, Quinta das Claras, Quinta dos Padres, Quinta das Flores, Quinta do Chalé, Bairro Chinês e Quinta Marquês de Abrantes.

Do contrato resultava imediatamente para a Prodac a obrigação de «saneamentos dos **Bairros-de-barracas** existentes nos terrenos acima referidos, substituindo as barracas aí existentes por fogos unifamiliares, de betão armado e construção mecanizada, edificadas em regime de autoconstrução, mediante contratos a celebrar individualmente com os seus sócios beneficiários» e desenvolvimento paralelo de actividades constantes de um programa então estabelecido, a cumprir por fases. A primeira fase consistiria na divulgação do plano junto dos habitantes do bairro, seguindo-se a fase de construção de casas-tipo, recolha de impressões ácerca das mesmas e informação sobre o programa a desenvolver durante a autoconstrução. Numa terceira fase, teriam lugar as actividades formativas com os grupos autoconstrutores do sexo masculino e um programa social dirigido ao sexo feminino. Mais tarde, viria a preparação dos grupos para a autoconstrução e a mudança das famílias.

ESCLARECIMENTOS DA PRODAC

Os serviços locais da Prodac ficam instalados num prédio cor-de-rosa, situado na Quinta das Claras, próximo do bairro onde já estão edificadas as primeiras casas para realojamento dos habitantes das barracas. O secretário geral da organização, eng.º Pinto Coelho, e o assistente social, Matos Dias, recebem-nos para nos dar conta do programa já cumprido. O optimismo dos nossos interlocutores contrasta nìtidamente com a desconfiança e o desalento que detectámos nos habitantes das barracas.

— **A população já conhece o programa da Prodac, que tem sido divulgado através de reuniões com grupos de trabalho, constituídos por 25 pessoas, com um representante eleito pelos próprios interessados. Cerca de 97 por cento dos habitantes associaram-se a nós, voluntàriamente, pagando-nos, desde Outubro de 1970, quotizações da ordem dos 300$00 por família, embora, em certos casos (estudados individualmente) paguem menos. A participação dos habitantes, na totalidade, permite uma receita mensal de 280 a 300 contos. Assim, até Janeiro, deste ano, obtivemos 4050 contos só em quotizações, tendo neste momento, cerca de 5200 contos. Claro que as quotizações são insuficientes para fazer face ás despesas previstas no orçamento, motivo por que se recorreu a outras entidades para o financiamento. Dado que 80 por cento da população é beneficiária das Caixas de Previdência, um decreto-lei permitiu o Fundo Nacional de Abono de Família a conceder-nos um empréstimo de 60 mil contos em condições excepcionalmente favoráveis.**

— Quando começará o realojamento da população?

Os prazos estabelecidos com a Câmara para a construção não puderam ser rigorosamente cumpridos, porque os habitantes trabalham nos tempos livres, o que torna os acabamentos mais morosos. Estamos a construir 50 habitações por mês, gastando-se, aproximadamente, dois meses, para a montagem das habitações. Neste momento, 83 fogos, estão já na fase de acabamento em regime de auto-construção. Encontrando-se mais 100 fogos na fase final de montagem. Dentro de dois meses, começará o realojamento da população. E, até Abril de 1974, devem estar montados 1300 fogos.

— No momento de adesão dos habitantes das barracas ao programa da Prodac, estes tiveram conhecimento de que lhes competia acabar as casas?

— **Por definição, a Prodac é uma empresa de auto-construção...**

— Mas, na generalidade, a população não entende a definição. Ficou estabelecido no contrato que os habitantes recebiam as casas só com as paredes erguidas?

— **O contrato definitivo ainda não foi elaborado, porque depende da participação de cada agregado familiar para a sua casa. Foi assinado um contrato-tipo, provisório, que vai sendo alterado e adaptado em função da situação de cada agregado. Ainda que ali não conste expressamente qual o estado em que as casas serão entregues aos inquilinos, ficou assente, logo nas primeiras reuniões de divulgação que seriam os interessados quem as acabava. Da própria agenda das reuniões consta: «definição do conceito de auto-construção». Foi, portanto, a partir daí, que as pessoas optaram: inscreverem-se ou não. Dos acabamentos faz parte a colocação do soalho e tecto, pintura das paredes, instalações eléctricas e de água, sendo os materiais fornecidos pela Prodac. Para maior facilidade nestas obras, estabeleceu-se uma especialização de funções, de acordo com as habilitações de cada pessoa.**

— Que acontece à população que não aderiu ao programa da Prodac?

— **Resolvem o problema pelos seus próprios meios. A população que habita as barracas não tem qualquer direito a realojamento. Portanto o programa da Prodac beneficia-a largamente, na medida em que legaliza uma situação de clandestinidade. A Câmara comprometeu-se a realojá-la nos fogos de renda económica da urbanização da malha de Chelas, a construir nesta zona, ao fim de 12 anos. Quanto aos que não se tornaram sócios da Prodac, continuam na situação anterior em relação à Câmara.**

— Não são desalojados imediatamente das barracas?

— **Só daqui a 12 anos se tornará necessária a demolição das barracas em que habitam, para efeitos de urbanização.**

— As pessoas que, por qualquer motivo, não possam cumprir o contrato com a Prodac são desalojadas das barracas em que se encontram?

— **É uma sanção que está prevista no contrato, e que seria actuada com a colaboração da Câmara Municipal. Mas só entrariam em vigor se o terreno em que se situam as barracas se tornasse necessário para urbanização, o que ainda não se verifica.**

— Portanto, não se têm verificado casos de demolição de barracas?

— **Só no caso de os habitantes as abandonarem. Como não se deseja que o número de agregados familiares aumente, a melhor solução é demolir as barracas que se tornarem desnecessárias.**

O FUTURO

O eng.º Pinto Coelho ainda nos esclarece sobre outros pontos.

As habitações são de quatro tipos, de acordo com a constituição do agregado familiar, sendo a mais pequena constituída por um quarto, cozinha, sala comum e casa de banho. A confirmar os receios de alguns habitantes, não é permitido o realojamento de pessoas

À medida que uma casa se constrói, há uma barraca a destruir

isoladas. Para estas, estão a ser criados tipos especiais de habitação, que reunirão grupos de 8 a 9 pessoas, dispondo cada uma de quarto próprio e utilizando zonas comuns.

Quanto ás pessoas que desistam do contrato, ser-lhe-á reembolsado 50 por cento da importância paga, revertendo o restante para um Fundo Social, criado para completar ou substituir o pagamento da quota dos habitantes que justifiquem a impossibilidade de a satisfazer total ou parcialmente. Os preços das rendas variam em função da participação fornecida em dinheiro e mão-de-obra.

Em caso nenhum os habitantes serão postos na rua — assegura-nos o secretário-geral da Prodac, com um ar de confiança que chocaria a sr.ª D. Leonor Grilo e uma boa parte da população das barracas que perdeu completamente a esperança na melhoria da sua situação, apesar das reuniões de divulgação e motivação. O povo não entende esta confiança e vive em constante pesadelo, sobretudo depois do envio das circulares que ameaçavam de demolição as barracas dos moradores com quotas em atraso. Um pesadelo que dura há muitos meses. Até quando?

Bairro da Prodac, em Madrid: as paredes estão prontas

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Prates Piteira
PAVIA

ESTRANGEIRO

CAIRO: Heykal quer a guerra "o mais depressa possível"

CAIRO, 16 (ANI, F. P. e R.) A actual situação de «nem guerra, nem paz» no Médio Oriente é um «crime histórico» e há uma «necessidade extremamente vital» em acabar com as tréguas entre árabes e israelitas e recomeçar com as hostilidades «o mais depressa possível» declara Moamed Hassanein Heikal, director do jornal oficioso «El Ahram».

As tréguas, que já duram há 22 meses, foram perturbadas na terça-feira por um combate renhido entre aviões egípcios e israelitas — no qual, segundo declararam informadores militares dos dois lados, foram abatidos dois «Mirages» israelitas e dois «Mig-21» egípcios.

O prolongamento da presente situação só será favorável a Israel na medida em que lhe dá tempo para estabelecer cada vez mais firmemente o seu domínio nos territórios árabes conquistados.

Escrevendo o seu artigo de fundo semanal no «Al Ahram» de que é director, Heikal instigou os dirigentes do seu país a utilizarem a força da diplomacia e a força das armas para porem termo o mais breve possível a um estado que não é de guerra nem de paz e que é asfixiante na crise do Médio Oriente.

A crise, na sua posição actual, não tem equivalente desde a Segunda Guerra Mundial, e permitir que continue será «um crime histórico».

Referindo-se à resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, aceite pelo Egipto como base para uma solução do problema do Médio Oriente, como algo parecido com um compromisso, Heikal faz notar que até mesmo isso falhou em resolver fosse o que fosse.

À PROCURA DOS CORPOS

Aviões israelitas patrulharam uma secção das águas internacionais, ao largo da costa mediterrânica do Egipto, nas últimas 24 horas, procurando os corpos dos dois pilotos israelitas cujos aviões foram abatidos por jactos egípcios na terça-feira anuncia hoje o diário «Al Akhbar», sem pormenorizar se os corpos foram ou não encontrados.

Na batalha aérea a primeira travada em quase dois anos dois caças «Mirage» de Israel foram abatidos e dois «Mig-21» egípcios foram atingidos de acordo com informadores militares egípcios.

ASTRONAUTAS SOVIÉTICOS TREINAR-SE-ÃO NOS EUA

WASHINGTON, 16 (ANI) — Dentro de um ano, chegam a Houston astronautas russos, que vêm treinar-se para um voo espacial conjunto a realizar em 1975, e os astronautas americanos já estão a aprender russo para o mesmo efeito — declarou aos jornalistas o dr. James Fletcher, director da NASA, depois de ter conferenciado com o presidente Nixon, durante cerca de 20 minutos, acerca dos planos para o primeiro voo espacial de cooperação russo-americano.

Fletcher salientou que o treino conjunto «é absolutamente essencial» e que a URSS concordou em enviar para Houston uma cópia da sua nave Soyuz, a fim de facilitar os treinos.

O director da NASA, que, na sua visita ao presidente Nixon, foi acompanhado pelos astronautas da Apolo-16 — John Young, Ken Mattingly e Charles Duke —, declarou que os funcionários russos e americanos vão reunir-se, provàvelmente em Julho, para conferenciarem sobre a orientação do programa espacial conjunto.

DOIS PRÉMIOS NOBEL PROCESSADOS POR ROUBO DE IDEIA

LOS ANGELES, 16 — (R.) Um físico italiano naturalizado americano anunciou ter movido um processo contra dois colegas galardoados com o Prémio Nobel a quem acusa de se terem apropriado das suas ideias para ganharem o prémio.

O dr. Oreste Piccioni, de 56 anos, professor de Física na Universidade da Califórnia, apresentou a queixa no tribunal superior de Berkeley contra o dr. Emilio Segre, de origem italiana como ele, e o dr. Owen Chamberlain, os quais foram contemplados em 1959 com o Prémio Nobel da Física pela descoberta do antiprotão, o primeiro passo no sentido de provar a existência de antimatéria.

O dr. Piccioni disse que lamenta ter de tomar esta atitude que poderá trazer desprestígio para a profissão científica, mas disse que não vê outro processo de corrigir um erro na história da ciência.

Segundo afirmou, teve a ideia de iniciar experiências sobre a antimatéria em 1954 e procurou então arranjar colaboradores, comunicando as suas ideias ao dr. Segre, com quem tinha trabalhado sob a orientação do falecido cientista atómico Enrico Fermi, ele próprio contemplado com o Prémio Nobel em 1938.

O dr. Piccioni disse que, em 1954, quando trabalhava em Berkeley com o dr. Segre e o dr. Chamberlain, falou a ambos na sua ideia de efectuar experiências com antimatéria e disse que precisava de colaboradores.

Os dois cientistas teriam porém efectuado eles próprios as experiências, que concluiram em 1955, excluindo-o e recusando-se desde então a admitir a sua contribuição para a descoberta da antimatéria.

O VICE-PRESIDENTE DO IRAQUE , Hussein Takriti (à esquerda, cumprimentado pelo ministro francês deos Negócios Estrangeiros, Maurice Schumann), deslocou-se a Paris, a fim de travar conversações com vista a um possível acordo para o fornecimento de petróleo iraquiano à França cuja copanhia petrolífera nacional tinha interesses na Iraq Petroleum Company, empresa ocidental nacionalizada pelo Governo de Bagdad. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

ANCONA DESERTA APÓS NOVOS SISMOS A NOITE PASSADA

ANCONA, 16 (ANI e FP) — A cidade de Ancona ficou deserta novamente ontem à noite, após — se terem — sentido novos abalos sísmicos de fraca intensidade.

Entretanto, vai ser enviada uma equipa de técnicos para estudar a situação. O Ministério das Obras Públicas destinou já uma verba de 940 milhões de liras (mais de 42 mil contos) para os trabalhos de reparação mais urgentes.

O Governo italiano continuou hoje a enviar tendas, produtos alimentares e dinheiro para Ancona, sequência da série de tremores de terra que tornaram inabitável esta cidade de cem mil habitantes.

De acordo com informações colhidas nos hospitais, cerca de cinquenta pessoas ficaram feridas na queda de estuque resultante dos 46 choques que abalaram Ancona num período de 26 horas, anteontem e ontem.

Três homens de idade compreendida entre 45 e 61 anos moreram vitimados por ataques de coração. Muitas outras pessoas, nomeadamente crianças, receberam tratamento por se encontrarem em estado de choque.

Os habitantes deste porto do Adriático passaram a sua segunda noite em automóveis, comboios e autocarros postos à sua disposição pelas autoridades, com abrigos de emergência Rolando Ricciotti, vice-presidente do município, declarou que os abalos destruiram vários edifícios já danificados pelos abalos verificados em Fevereiro, e causaram estragos em muitos outros.

Os sismos de Fevereiro causaram estragos avaliados em cem biliões de liras (4590 contos), mas desta vez os danos foram, de longe, superiores — acrescentou Ricciotti.

A muitos habitantes foram dados bilhetes de comboio, a fim de que pudessem ficar em casa de amigos ou de parentes, noutras cidades.

Poucos estabelecimentos abriram ontem. E os únicos que fizeram algum negócio foram os que se dedicam à venda de caravanas.

DESACORDO NA CONFERÊNCIA SOBRE O MEIO AMBIENTE

ESTOCOLMO, 16 (R) Delegados que participam na conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente completaram às primeiras horas de hoje uma minuta de **declaração acerca dos problemas ecológicos**, mas não conseguiram chegar a acordo quanto a dois princípios importantes.

Um grupo de trabalho especial, que está a tratar da declaração, concluiu as suas deliberações, após sete dias de espinhoso e difícil regateio.

Havia dúvidas acerca do futuro do **preâmbulo da declaração**, a seguir a uma insistência chinesa à última hora relativamente a uma série de emendas com acentuado carácter polémico.

Um dos artigos sobre o qual não se chegou a acordo requeria que um país fornecesse informações acerca de qualquer actividade que pudesse prejudicar o meio ambiente de outra nação. Foi transferido para a Assembleia Geral da ONU.

O artigo fora literalmente afogado em propostas de emenda, entre outras da Argentina que desejava que fosse redigida em termos mais enérgicos, e doBrasil, que achou que toda a cláusula estava sujeita a objecções, segundo afirmaram fontes afectas à conferência.

O outro artigo importante é uma questão relacionada com armas de destruição maciça. Os chineses exigiram, com grande oposição dos Estados Unidos, que o artigo pedisse a destruição de armas químicas, biológicas e nucleares e que, como primeiro passo, que se chegasse a acordo sobre o não emprego de armas nucleares.

Interrogado acerca do que pensava sobre a declaração, o secretário-geral Maurice Strong, do Canadá, declarou: «Estou absolutamente satisfeito de que temos mais que as minhas mais fracas expectativas. Muitíssimo mais».

A nova declaração contém 26 princípios, a seguir à inclusão de novos sobre poluição marinha, conservação da vida selvagem, valores do meio ambiente nos países desenvolvidos e em desenvolvimento e a importância da estabilidade dos preços das matérias primas para protecção dos meios ambientes do «Terceiro Mundo» da exploração em excesso.

A conferência tem de debater e aprovar até à meia-noite a declaração, que é considerada o documento mais importante da reunião, visto estabelecer os princípios de comportamento e responsabilidades internacionais, dos quais dependerá a administração global do meio ambiente.

beba ÁGUA DE LUSO
viva a natureza!

KISSINGER VIAJA PARA PEQUIM

ESPERAM-SE NOVAS INICIATIVAS DE PAZ NO VIETNAME

WASHINGTON, 16 — (R) — O conselheiro presidencial americano, dr. Henry Kissinger, giajava hoje para Pequim no meio de grande especulação nesta capital sobre novas iniciativas de paz no Vietname.

A Casa Branca desmentiu formalmente qualquer ligação entre a quarta viagem do dr. Kissinger à China em menos de um ano e uma visita do presidente Nikolai Podgorny da União Soviética, que começou ontem.

Contudo, observadores notaram que ambas as visitas se efectuavam significativamente perto daquela que Nixon realizou há três semanas a Moscovo e do regresso, no princípio desta semana, a Paris, de William Porter, o enviado principal dos Estados Unidos às conversações de paz suspensas na capital francesa.

As delegações americanas e sul-vietnamitas suspenderam no princípio do mês passado as conversações, mas Porter exprimiu a vontade do seu país de as recomeçar se o lado comunista mostrasse estar pronto para negociações sérias.

O dr. Kissinger passará alguns dias no Hawai, na viagem para Pequim, onde deverá chegar na sexta-feira, para uma visita de cinco dias.

A Casa Branca ordenou aparentemente a suspensão dos bombardeamentos aéreos à volta das áreas de Hanói e de Haiphong, pelo menos durante a visita do presidente Podgorny.

Embora isso pudesse sugerir um sinal da prontidão americana de acabar com esses bombardeamentos, incluindo ataques perto da fronteira chinesa, em troca de gestos pacíficos de Hanói, a sua razão principal é provàvelmente evitar um incidente grave.

Registou-se furor internacional em 1965 quando bombardeiros americanos atacaram Hanói durante uma visita a essa capital do primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine — uma situação que os Estados Unidos estariam nitidamente dispostos a evitar em qualquer momento particular.

BARRAGM BOMBARDEADA

HANOI, 16 (FP) — As autoridades de Hanói, ao anunciarem ontem à noite que a barragem de Thac Ba tinha sido atacada por caças-bombardeiros americanos, não esconderam que tais bombardeamentos poderiam provocar a inundação do Norte do país.

O informador do Ministério norte-vietnamita dos Negócios Estrangeiros que, porém, não indicou a importância dos estragos feitos na barragem de Thac Ba, o maior empreendimento hidroeléctrico do país, indicou à Imprensa que os aparelhos americanos tinham efectuado no mesmo dia bombardeamentos dos diques e das obras hidro-eléctricas de Tai Binh e de Tan Hoa.

A destruição dos diques do Rio Vermelho que nasce na China e que enche no fim do mês de Agosto segundo as condições climatológicas, cobriria de águas as regiões costeiras, provocaria o êxodo ou a morte de milhares de civis e reduziria consideràvelmente o potencial alimentar desta parte do país, que é considerada como o principal reservatório de arroz.

A GREVE DOS PILOTOS AINDA "PENDENTE"

NAÇÕES UNIDAS, 16 (R) — Pilotos das linhas aéreas internacionais do Japão decidirão hoje se efectuarão uma greve de 24 horas na segunda-feira, a fim de chamarem a atenção mundial para o problema da pirataria aérea.

A greve «está» ainda pendente» — declarou a noite passada Ola Forsberg, presidente da Federação Internacional das Associações de Pilotos das Linhas Aéreas (FIALP), a jornalistas.

Forsberg falava após uma conferência com o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, com quem discutiu os pedidos dos pilotos de acção do Conselho de Segurança contra a pirataria aérea.

Disse ainda, porém, que uma decisão final não seria tomada senão mais tarde, durante o dia de hoje, após discussões entre um grupo de funcionários da FIALP, que o acompanharam a esta cidade.

Pilotos de muitos países à volta do mundo, incluindo os Estados Unidos, Alemanha Ocidental e Grã-Bretanha, afirmaram que apoiarão a greve de um dia.

Contudo no Cairo, a Federação Arabe do pessoal dos transportes fez ontem um apelo à FIALP para desistir da greve.

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS COM RAIOS LASER

TELAVIV, 16 — (R) — Cirurgiões israelitas utilizaram raios laser em lugar de escapelos para realizar com êxito 33 operações em seres humanos.

O professor Yitzak Kaplan, director do departamento de cirurgia plástica do Hospital Beilinson, declarou a jornalista que fora a primeira vez no mundo que raios laser foram empregados em intervenções cirúrgicas em seres humanos, embora aparelhos de raios laser tivessem sido usados nos Estados Unidos em operações experimentais em animais.

O professor Kaplan acrescentou que os raios laser eram especificamente benéficos para a ablação de tumores e de orgãos que se tornassem cancerosos. Havia menos efusão de sangue com os raios laser do que com um escapelo.

CONTRA OS IMPOSTOS — em Memphis, EUA, o proprietário de uma casa de limpeza a seco, o negro Lasauders Hudson, que não queria pagar impostos, obrigou ontem três funcionários das finanças a sairem do seu estabelecimento completamente despidos, enquanto mantinha como refém um quarto funcionário. Foi necessário o governador do Tennessee, Winfield Dunn, vir de Nashville até Memphis para o convencer de que teria de enfrentar as consequências de não haver pago impostos, pelo que acabou por ir ter á cadeia. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

A CHAVE DA EUROPA

A nova fase das conversações interalemãs em Berlim, no sentido da normalização das relações entre as duas Alemanhas, constitui um dos aspectos da nova atmosfera na Europa e é fruto da «Ostpolitik», a política de abertura a Leste do chanceler alemão ocidental Willy Brandt.

A política do chanceler, de realismo relativamente às consequências da derrota na segunda guerra mundial, conduzirá no entanto ao reconhecimento formal da República Democrática, embora com a esperança de que a reunificação da nação alemã se concretize um dia com a aprovação da URSS, de cuja esfera de influência a RDA faz parte. Entretanto, a Alemanha volta às condições de divisão anteriores ao império criado em 187 pelo chanceler Otto Von Bismarck sobre as ruínas das pretensões francesas de hegemonia europeia. Desde então, duas guerras mundiais em que os alemães se envolveram provaram que a Alemanha era a chave para a situação na Europa.

Americanos e russos, que têm ainda tropas nos territórios alemães, estiveram sempre de acordo pelo menos nesse ponto e agora, que se aprestam a enterrar o machado da «guerra-fria», procuram entender-se de forma a aproveitar a posição privilegiada que a vitória em 1945 lhes granjeou no centro da Europa e que lhes permite perturbar as tentativas que os europeus ocidentais estão a empreender para se unirem. Com efeito, a unificação europeia não é concebível sem a Alemanha, o que explica que, conforme o Mercado Comum, embrião da Europa Ocidental Unida progrida, a União Soviética aumenta as suas atenções em relação ao governo de Bonn, na esperança de desviar a República Federal de uma CEE politizada, com a perspectiva das vantagens da aproximação com o Leste europeu, tradicionalmente área da expansão alemã, que poderia processar-se no futuro

NUNO VIEIRA

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

fundamentalmente numa base económica compatível com os interesses dos Estados socialistas.

Nesse ponto, os americanos aproximam-se igualmente dos russos, sossegados por um lado devido à sua sólida implantação económica na Europa Ocidental, receiam por outro lado a capacidade competitiva dos europeus ocidentais, se estes conseguirem levar avante os seus esforços de unificação. A República Federal Alemã, segunda potência económica do Ocidente mas a não política por se encontrar na sombra das duas superpotências, é assim a pedra paradoxalmente fraca no edifício em construção da união europeia e um trunfo dos Estados Unidos e da URSS no jogo comum contra a CEE em vias de alargamento.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

14.280 — 16.000.000$00
17.039 — 1.600.000$00
24.170 — 240.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

14.279 — 21.000$00
14.281 — 21.000$00

PRÉMIOS DE 50 CONTOS

3.673; 3.814; 4.115; 10.829; 14.511; 17.302; 20.216; 20.384; 20.436; 23.925; 24.534 e 24.756

PRÉMIOS DE 3.000$00 (CENTENAS)

14.201 a 14.300; 17.001 a 17.100 e 24.101 a 24.200

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 170, 280 ou 780 são contemplados com 9.000$00, em cada bilhete os terminados em 039 são contemplados com 7.000$00, os terminados em 810 são contemplados com 6.000$00 e os terminados em 037, 053, 058, 125, 158, 172, 637 ou 767 são contemplados com 4.000$. Os números cujos dois algarismos finais sejam 70 ou 80, são contemplados com 5.000$ e os terminados em 39, com 3.000$00. Por último, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 0, têm direito a 2.000$00 de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

O Rei da Sorte vendeu o 2.º Prémio - Rua da Conceição, 23-Lisboa

O 3.º Prémio Grande foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Detida a anarquista Meinhof

HAMBURGO, 16 (ANI) — A Polícia Federal alemã deteve hoje Ulrike Meinhof, de 37 anos, dirigente anarquista que era procurada há mais de dois anos — informa a agência DPA.

Ulrike teria sido detida em Hanover.

O nome de Meinhof estava associado ao de Eas Baader, de 29 anos, detido no início do mês. Eram os principais dirigentes do grupo anarquista Baader-Meinhoff, responsável por numerosos assaltos a bancos e colocação de bombas em toda a República Federal.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Raimundo Colaço. R. Dr. Oliveira Salazar, 9 . ALMODÔVAR

CALEIDOSCÓPIO

DESVIO AÉREO — Aviões das linhas aéreas japonesas receberam hoje ordem para fazerem um desvio de 590 quilómetros em volta do centro do Vietname, a seguir ao desastre que ocorreu ontem com um aparelho da Cathay Pacific, devido ao qual pereceram 81 pessoas. As linhas aéreas japonesas, que efectuam 28 voos por semana sobre o Vietname do Sul até Bangkok tomaram a medida a conselho do Ministério dos Transportes, em virtude dos combates violentos que se travam naquela área. (R.).

MENOS VODKA — O Governo soviético tem em estudo um projecto de lei contra o alcoolismo. Rádio/Moscovo, que dá a informação, especifica que o Governo preconiza a limitação do fabrico do Vodka, a regulamentação da sua venda e distribuição e, em contrapartida, a extensão do fabrico de cerveja e das bebidas sem alcool. (F.P.).

AMEAÇA DE PARALISAÇÃO — A Grã-Bretanha encontra-se hoje ameaçada de ficar com os seus principais portos imobilizados indefinidamente em virtude de uma greve não oficial dos estivadores iniciada como protesto contra a eventual prisão de três militantes sindicais. As cotações na bolsa de Londres registaram ontem uma descida espectacular em face desta crise que se avizinha e o primeiro-ministro Edward Heath convocou uma reunião urgente do gabinete para estudar a situação. (R.).

RANGERS: EXCLUSÃO — O Glasgow Rangers, da Escócia, vencedor da Taça Europeia dos Vencedores das Taças, foi proibido de participar durante as duas próximas épocas nas competições da União Europeia de Futebol (UEFA), segundo foi anunciado hoje em Berna. Contudo, a Comissão Disciplinar da UEFA confirmou que o Glasgow Rangers foi o vencedor da final da Taça Europeia dos Vencedores de Taças. (R.).

«ANO DA LIBERTAÇÃO» — O rei Hassan, de Marrocos, dará hoje explicações sobre o seu apelo para fazer de 1973 o «ano da libertação da Africa». Discursando ontem no encerramento da cimeira africana, Hassan disse que o último ano tinha sido o da reconciliação de todos os africanos, e acrescentou que o próximo ano deveria ser o «ano da libertação», já que os africanos «tinham decidido não só intensificar a luta mas também vencerem as próprias divergências». Hassan convidou todos os movimentos de libertação africanos a organizarem Governos no exílio, que seriam reconhecidos em toda a Africa e fora dela. (R.).

DL/GERAL

Começa em Veneza no dia 19 o 19º. Festival Internacional do Filme Publicitário

Portugal, estará como é tradicional, presente no 19.º Festival Internacional do Filme Publicitário, que este ano decorre em Veneza, de 19 a 24 do corrente.

Organizado pela SAWA Screen Advertising World Association, o certame reune os expoentes da produção publicitária internacional, estando já inscritos 1 400 filmes de 32 países (400 de cinema e 1 000 de TV).

O Festival Internacional do Filme Publicitário, que se realiza todos os anos, alternadamente em Cannes e Veneza, contará nesta sua 19.ª edição, com a presença de 1 900 delegados de 32 países.

A representação portuguesa é composta por 43 pessoas.

Aliás, o nosso país não se limita a envir a Veneza uma delegação numerosa. Efectivamente Portugal concorre com cinco filmes de cinema e um de TV de elevada categoria, que documentam de forma bem clara, a evolução da actividade publicitária nacional. Aqueles seis filmes são apresentados por dois concorrentes. A SAWA, representada desde sempre em Portugal por Propagandas Belarte, Lda. cujo director-geral, senhor António Pereira Coelho, é aliás o membro permanente do nosso país na organização, é uma prestigiosa entidade publicitária internacional que, desde o seu início, tem chamado a si a tarefa da realização do importante certame.

O juri internacional, que julgará os filmes, é integrado por 20 pessoas, entre as quais, como membro português figura o sr. Jorge Tavares Rodrigues, que já anteriormente e por duas vezes dele fez parte.

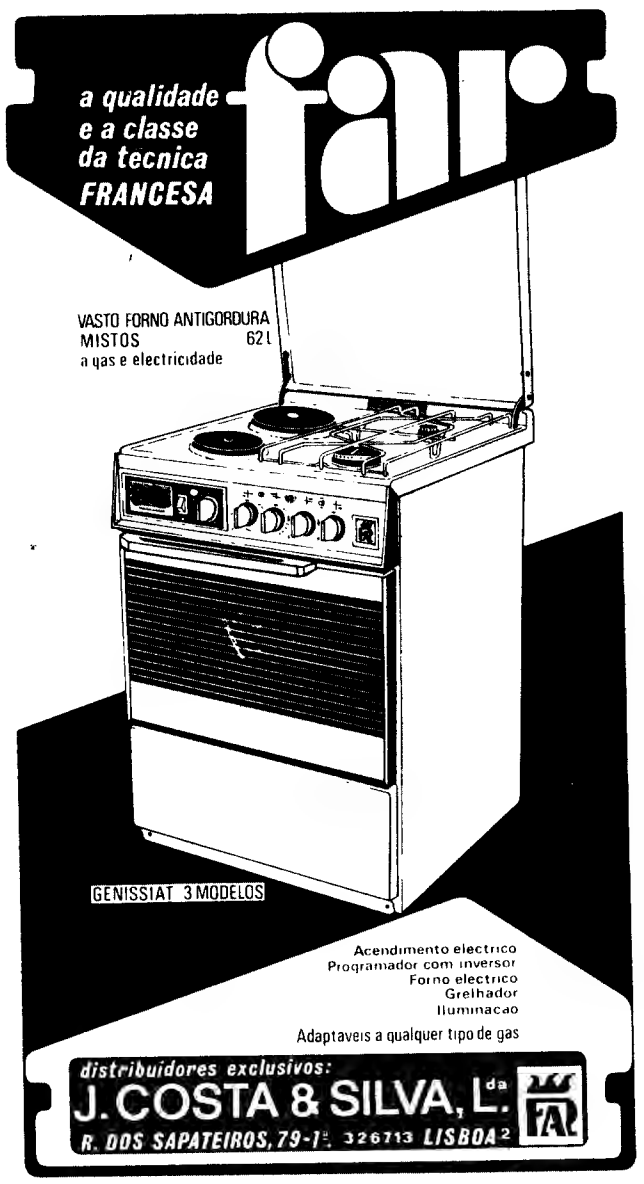
Aos melhores filmes — a exibir durante seis dias — serão atribuidos o «Grand Prix» de Cinema e TV e Leões de Ouro, Prata e Bronze.

TOMAR: BARCA NOVA

Encontra-se no nosso País a fim de visitar a Granja Agrícola Barca Nova, representante para Portugal da Shaver Poultry Breeding Farms — Canadá, o Dr. R. Cole, professor da Universidade de Cornell e consultor da referida organização. Esperavam o Porf. R. Cole e sua mulher os Drs. José Maria Mendes Godinho e José Castelino e Alvim

a qualidade e a classe da tecnica FRANCESA

fiar



Acendimento electrico
Programador com inversor
Forno electrico
Grelhador
Iluminacao

Adaptaveis a qualquer tipo de gas

distribuidores exclusivos:
J. COSTA & SILVA, L.da
R. DOS SAPATEIROS, 79-1.º 326713 LISBOA 2

QUADROS

de Pintores Portugueses, compro, tais como Eduardo Viana, Mário Eloy, Júlio Pomar, Carlos Botelho, Jorge Barradas, António Carneiro.

Vou ver as obras A CASA. Trata: Tel. 531045.

SONADEL

SOCIEDADE NACIONAL DE DETERGENTES S. A. R. L.

CAPITAL — 70 000 CONTOS

Sede e Fábricas:

SOBRALINHO — ALVERCA DO RIBATEJO

Avisam-se os Senhores Accionistas que está a pagamento a partir do próximo dia 26 do corrente, nos balcões do Banco Totta & Açores a quantia de Esc. 69$24 por acção, cativa de imposto de selo, referente ao dividendo do exercício 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990$00
Frigoríficos	1.900$00
Trituradores	260$00
Secadores de cabelo	140$00
Cassetes	35$00
Relógios de cozinha	300$00

VENDAS A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

PRONTO A VESTIR

Fatos leves. Casacos e calças. Vestuário para campo e praia e as últimas novidades em malhas, camisas, calções de banho e um bom sortido em tecidos para fatos por medida.

VERÍSSIMOS

Av. Guerra Junqueiro, 8-C

— Telef. 72 73 35 —

Já pensou em automóvel para as suas férias?

Então visite a exposição carros de serviço que lhe proporciona:
J. J. GONÇALVES SUCRS, AUTOMOVEIS, LDA.

AUSTIN COOPER «S»
AUSTIN MINI-1000
AUSTIN MINI-1000-MISTA
AUSTIN MINI-1275-GT
AUSTIN-1300-2 PORTAS
AUSTIN-1300-4 PORTAS
AUSTIN-1300-GT
AUSTIN MAXI-1750
AUSTIN-1800
AUSTIN-1800 «S»
TRIUMPH-1300-TC

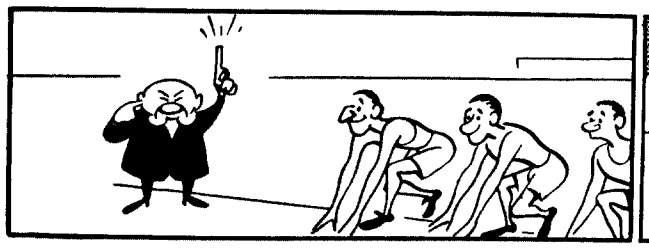
Todos estes veículos têm garantia

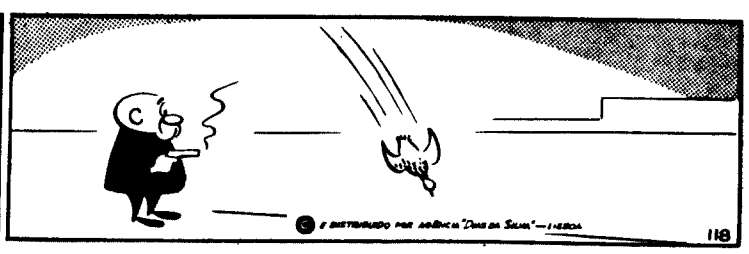
Rua Ferreira Lapa, 16-20
(à Rua do Conde Redondo)

72 CAU — 08

O PICANTE NIVEN

David Niven, que interpreta o papel de um padre no seu novo filme, está agora a obter grande êxito como escritor. O seu livro autobiográfico, «Na Lua de Balão», está na lista dos dez mais vendidos na Inglaterra há 25 semanas e já é «best-seller» também nos Estados Unidos. Niven conta muitas histórias picantes e nem sequer poupa as suas ex-esposas e algumas das actrizes com quem contracenou em Hollywood e na Inglaterra.





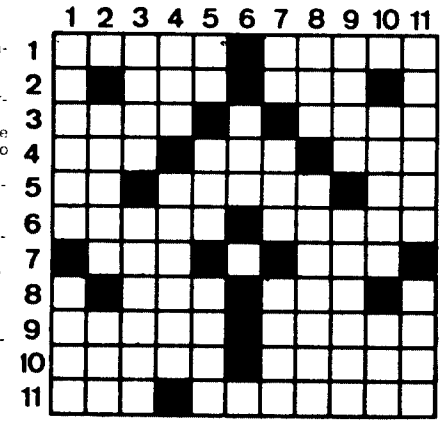
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10120

HORIZONTAIS:

1 Cidade de Portugal. Pragana de uma espiga
2 Apologia. Aia
3 Mana. Artigo definido. Porfundo.
4 Nome de planeta. Nome de astro. Preposição e artigo definido (pl)
5 Tempo do verbo haver. Leitos. Oferece
6 Aguço. Foles.
7 Empunher. Cabelos brancos.
8 Bigorna de aço sem hastes. Duna na Suécia
9 Desejara. Fixar a vista em
10 Derribar. Rio da França
11 Sulca. Armaria (abrev). Catedrais



VERTICAIS:

1 Cintila. Preposição.
2 Arruaça. Maior.
3 Espírito. Pau aguçado que se crava na terra para segurar ou prender a si alguma coisa
4 Distrito da Índia portuguesa. Gerara
5 Em partes iguais. Sadio. Nome de mulher
6 Astrónomo português que montou o observatório Astronómico de Lisboa
7 Bário (s.q). Pelos de certos animais. Semelhante.
8 Vasilha para vinho. Tirais
9 Esmaga. Puras.
10 Completos. Medida de superfície
11 Velhas. Grandes.

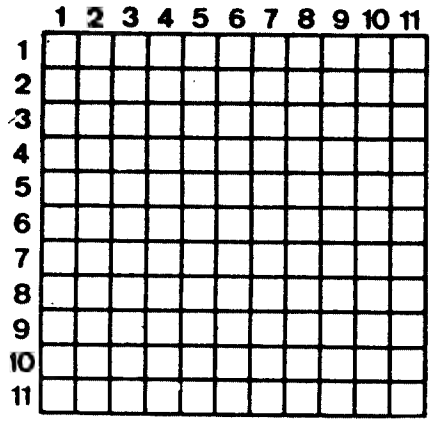
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6278

HORIZONTAIS:

1 Mau cheiro. Cidade de França. Certo.
2 Filha do Oceano e de Tétis. Nome de um planeta.
3 Líquido gorduroso. Imperador romano célebre pela sua crueldade.
4 Chefe etíope. Rio do estado de Mato Grosso. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
5 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Localidade dos Países Baixos residência do Kaiser Guilherme II (1920 a 1941). Cério (s.q).
6 Fúteis (fig). Cauda.
7 Érbio (s.q). Sufixo que designa estado.
8 Ovário dos peixes. Fluido aeriforme. Passado.
9 Perfume. Repartição pública na China.
10 Medida japonesa igual a dois decilitros. Nome dado outrora a Dido, fundadora de Cartago. Nota musical
11 Aldeia de Itália. Calcular.



VERTICAIS:

1 Amo apaixonadamente (fig). Espécie de piroga africana.
2 Irmão de leite. Ocos.
3 Pernadas de sobreiro. Comer à ceia.
4 Satélite de Júpiter. Remorso. Ofereci.
5 Post Scriptum. Preposição e artigo definido (pl). Colarinho.
6 Nome que se dava às aves-do-paraíso por se julgar que não tinham pés. Nota musical.
7 Artigo indefinido. Donzela de Orleães. Bom senso.
8 Prefixo de privação. Negativa. Rio da Suíça.
9 Comitiva. Tecido forte de linho ou algodão.
10 Travo luta com. Ave pernalta
11 Jornalista português autor de «Na Terra do Café». Resumir.

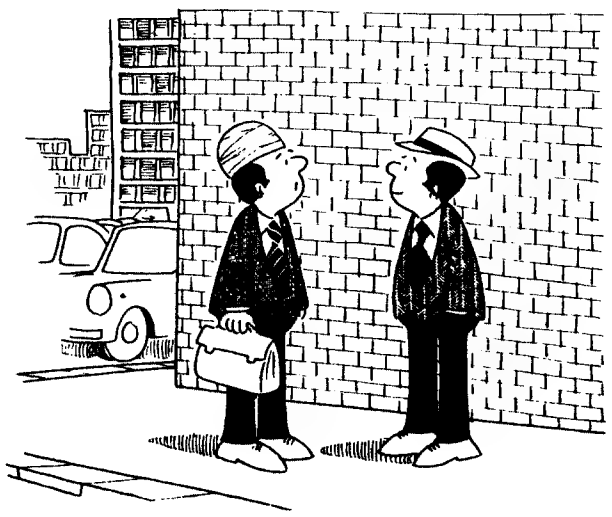
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10119

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 PRIMEIRO.	1 EU. DEPOIS.
2 Urrar. Arado	2 Rio. Amarão
3 Ias. Asir	3 Praia. Orais.
4 Dói. Cós. Toa	4 Rãs. Ci. As
5 Acasalou	5 Ir. Catas. Pá
6 Pá. It. Cás	6 VOS. Ta
7 Omo. Anas. An	7 Ea. Sacar. Im
8 Iaras. Risca	8 Ira. Lásio
9 Sras. Oito	9 Rastos. Sias
10 Aí. Pai. Aa	10 Odiou. Actas.
11 Costa. Massa	11 Ora. Anão

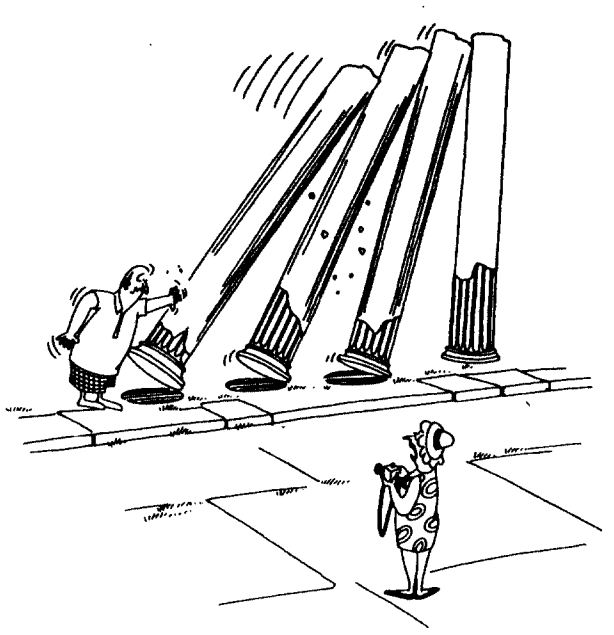
PROVÉRBIO: PRIMEIRO, EU; DEPOIS, VOS.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6277

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Vim. Biá. Com.	1 Varar. Prega
2 Atolo. Niari	2 It. Rupia. Ar
3 Riachos	3 Mortal. Sisa.
4 Artes. Odete	4 Lies. Acato
5 Ruas. Aias	5 Boas. Avá. As
6 Pi. Aro. Al	6 Cri
7 Pi. Aviso. Am	7 Anho. Osa. Ac
8 Rasca. Alamo	8 Ioda. Oliva
9 Ia. Ir	9 Caseia. Arei
10 Gasta. Avelã	10 Or. Talam. La
11 Araós. Caiar	11 Mires. Moçar



— ... e aí eu disse-lhe que só poderia pensar como ela se me abrissem a cabeça ao meio...



— Não podias ficar quieto um momento?

DL/NACIONAL

I Plenário da Legião Portuguesa

«As forças de segurança não se fizeram para dialogar. Essa missão merece o respeito geral e tem que ser intransigente», afirmou o ministro Gonçalves Rapazote na sessão de abertura do I Plenário da Legião Portuguesa. O ministro do Interior viria a falar, no decorrer do seu discurso, na actividade das cooperativas, das associações académicas e da missão da polícia.

A sessão de abertura do I Plenário da Legião Portuguesa foi presidida, esta manhã, pelo ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, estando presentes o almirante Henrique Tenreiro membro da Comissão Central da Legião Portuguesa, general Pereira de Castro, comandante-geral, prof. Costa Leite Lumbrales, primeiro presidente da comissão central o eng.º Sebastião Ramires, da Acção Nacional Popular, o dr Ramiro Valadão, presidente do conselho de administração da RTP e grande número de filiados.

A reunião plenária, destinada exclusivamente a legionários, tem por objectivo abordar temas como **«A LP como força metropolitana ou pluricontinental»**, **«A LP como força política de irradiação»**, **«A LP na actual conjuntura»** e **«A LP como milícia e como força de dissuação»**.

O I Plenário prolonga-se até ao próximo domingo, data em que se irá proceder à leitura de conclusões, em cerimónia presidida pelo ministro da Defesa Nacional.

Sindicato dos vendedores organiza simpósio

Numa conferência de Imprensa realizada esta manhã no hotel Tivoli, a comissão organizadora do 1.º Simpósio Nacional de Produção, Promoção e Vendas revelou aos representantes dos Orgãos de Informação os objectivos daquele encontro, que decorrerá em Ofir de 28 de Setembro a 1 de Outubro, por iniciativa do Sindicato Nacional dos Empregados Viajantes e de Praça do Distrito do Porto.

Segundo afirmou o director deste Sindicato e presidente da comissão organizadora, sr. Custódio da Silva, com a realização do simpósio pretende-se estabelecer um **diálogo aberto entre os sectores da Indústria, Agricultura, Comércio e os profissionais ligados às vendas de serviços e de produtos.** Afirmando que o vendedor é o elemento que mais directamente pode influit no crescimento da produção, contribuindo para se conseguir um equilíbrio de preços, o presidente do Sindicato dos Vendedores salientou a importância do vendedor na evolução comercial e industrial do país e, ao mesmo tempo, a sua função social. **É facto incontroverso que um bom vendedor, hoje, não vende; cria situações que conduzem à procura e à compra dos produtos ou serviços** — acrescentou.

O interesse do Sindicato no simpósio justifica-se para **defender os superiores interesses da Nação, sem descurar (...) os interesses dos trabalhadores em geral e, especificamente, dos profissionais de vendas.** De acordo com esta ideia, e com a orientação que está a ser seguida pelo próprio Sindicato, as realizações que terão lugar durante o simpósio visam, essencialmente, a consciencialização e aperfeiçoamento profissional do vendedor. Os problemas directamente ligados às condições de trabalho dos vendedores portugueses não fazem parte da

Crianças com fome não foram atendidas numa pastelaria

Aconteceu ontem cerca da meia-noite, na avenida de Roma. Pessoas que saíram do cinema Londres repararam perto da entrada, numa miúda andrajosa e descalça com cerca de 5 anos, chorando convulsivamente. Uma senhora pegou na criança ao colo e perguntou-lhe por que chorava. Não respondeu.

Surgiu um outro miúdo também andrajoso mais novo ainda (4 anos). Era irmão. Perguntaram-lhe por que chorava a menina. Encolheu os ombros e também não respondeu.

Apareceu finalmente um terceiro irmão, mais velho (cerca de 7 anos). Também ele nada disse, receando talvez que pensassem que mendigavam. Conseguiu saber-se, porém, que moravam no Pote d'Agua, que os pais estavam em casa e que eles estavam ali por causa da fome.

A senhora, mais um casal, levaram os três à Pastelaria Roma e pediram para eles copos de leite. Um senhor de meia-idade, aparentemente um dos responsáveis daquele estabelecimento, recusou-se pura e simplesmente a servi-los.

Sem comentários...

MÉDICOS DISCUTEM PROBLEMAS DA CLASSE

Inicialmente marcada para a Aula Máxima da Faculdade de Medicina de Lisboa, realizou-se ontem, pelas 22 horas, na sede da Ordem dos Médicos uma assembleia ordinária da Secção Regional de Lisboa.

Nas acanhadas instalações do seu sindicato, os médicos em assembleia ouviram, antes da ordem de trabalhos, informações quanto à posição da Ordem no que respeita ao já conhecido caso do laboratório Lepetit-Laseque e no que respeita às condições das casas de saúde, recentemente reunidas em grémio.

A ordem de trabalhos da assembleia continha dois únicos pontos: a discussão e votação do Relatório e Contas de período de gerência decorrido entre 25 de Novembro e 31 de Dezembro de 1971 e a apreciação do Orçamento para o ano de 1972. Foi o primeiro ponto discutido na sua generalidade, tendo-se, por razões de ordem prática, passado à aprovação do orçamento e ficando adiada a continuação dos trabalhos para data a designar.

Assunto de crucial importância para a classe médica, foi abordado o problema da próxima Assembleia Geral, a realizar amanhã

Primeiro doutoramento em Psicologia Médica

Terminou, com a classificação de Distinção e Louvor, as suas provas de doutoramento na Faculdade de Medicina de Lisboa, o dr. Camilo Cardoso, assistente de Psicologia naquele estabelecimento de ensino superior.

Para o seu doutoramento, que é o primeiro que, nas Faculdades de Medicina do País, se faz na especialidade de Psicologia Médica o dr. Camilo Cardoso apresentou para dissertação uma obra intitulada «Psicometria da Deterioração Mental» e, como tese complementar, «Escalas de Apreciação Psiquiátrica — Estudo Quantitativo da Sintomalogia Depressiva».

Licenciado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, com a classificação de 18 valores, o sr. Doutor Camilo Cardoso, permaneceu em Paris durante três anos, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, tendo, durante esse período, feito diversos cursos de especialização e obtido a especialidade de Psicologia Patológica, no Institut de Psychologie da Sorbonne.

Regeu cursos em várias escolas de enfermagem de Lisboa e a cadeira de Psicologia, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, e tem publicados mais de uma dezena de trabalhos, abordando os mais variados temas: psicometria, hipnose, arte infantil, orientação profissional, etc.

Sonâmbulo furta garrafas de Uísque

As histórias de sonâmbulos, capazes de praticarem as mais incríveis proezas ou actos mesmo a dormir, abundam na literatura. Na vida real...bem, na vida real temos agora o exemplo de José Dias da Silva, de 34 anos, vendedor ambulante, residente na Rua Calvet de Magalhães, 52, R/c. em Caxias. Dirigindo-se a noite passada, a altas horas, a um supermercado da Rua Conde Sabugosa e conseguindo abrir uma porta das traseiras, penetrou no estabelecimento. Por lá passeou um bom bocado, até que lhe cheirou a uísque. Pegou em oito garrafas e ensacou-as, fazendo-as acompanhar de duas embalagens de puré. À saída, porém, o guarda-nocturno da área surpreendeu-o. Foi então a vez de se mostrar surprezo com o facto de ser detido e, mais: com o facto de transportar, ele mesmo, as oito garrafas de uísque e os dois pacotes de puré. Que não se lembrava de nada. Nem de entrar no supermercado, nem de se apoderar das garrafas. Assim entrou na esquadra, depois no Governo Civil, onde continuou a afirmar:

— **Não me lembro de nada. Não sei como aconteceu isto. É que eu parece-me que sou um bocado sonâmbulo, sabem? Se calhar fiz isto a sonhar...**

Como a polícia não acredita em sonambulismos Dias da Silva terá de responder pelo seu acto e, momento, transitará para a Polícia Judiciária.

Murtosa

Na reunião da Câmara Municipal da Murtosa foram tomadas, entre outras as seguintes deliberações: autorizar o internamento de doentes pobres em hospitais; deferir processos de vistoria, para habitação de prédios novos; tomar conhecimento do parecer da Direcção de Urbanização, favorável á localização e construção do novo Patronato Jardim de Infância e Lar, com a aprovação da Câmara a construir junto do novo hospital e tomar conhecimento do subsídio concedido pelo Estado, de 73 200$00, para a pavimentação a betuminoso da Rua do Prof. Alípio Portugal e outras na Murtosa.

Foi resolvido realizar contratos de arrendamento das casas do Bairro António da Cruz Barbosa, na Torreira; proceder ao ensaibramento da rua de acesso ao Bairro Antóni da Cruz Barbosa; concordar com algumas alterações no horário de carreiras da Auto-Viação da Murtosa, Lda., propostas por esta empresa; deferir processos de obras, orçamentadas em 313 737$30; isentar o Sport Marítimo Murtoense do pagamento de licença para execução de obras na séde; elaborar uma planta do Cemitério Municipal da Murtosa, abrir concurso público para exploração da Cantina do Parque de Turismo da Torreira; estudar o regulamento do imposto de trabalho; atribuir subsídios ás Juntas de Freguesia; estudar a execução de obras de reparação nos Paços do Concelho e propor que se estabeleça um contrato, a aprovar pela Direcção de Urbanização, para comparticipação, nas obras de saneamento e esgotos.

Engenharia portuguesa consultada pelo Brasil

RIO DE JANEIRO, 16 (A) O juíz, da Décima Vara Criminal, dr. José Lucas Alves de Brito, não autorizou o presidente da empresa Sobrenco, eng. Sérgio Marques de Souza (um dos acusados do desabamento do viaduto da Avenida Paulo de Frontin), a partir para Portugal, onde negociaria com o Laboratório de Ebgenharia Civil de Lisboa, a elaboração de um modelo reduzido da obra que ruiu. No seu despacho, o juiz afirma: «foi concedido ao acusado, o prazo de noventa dias, para a apresentação da prova de defesa, do ensaio de mdelos reduzido pelo prof. Edgar Cardoso de Lisboa prazo este qe matenho. O acusado pretende, com outras medidas, além da deferida adiar o processo e ver correr o prazo já fixado.»

O «prof. Edgar Cardoso não precisa de conselhos técnicos e, muito menos, da presença do acusado para elaborar o estudo» — disse por sua vez, o promotor Luis Brandão.

No seu despacho, o juiz Alves de Brito aceitou as razões do promotor e indeferiu o pedido de viagem a Lisboa.

N.R. Um porta-voz autorizado do Laboratório Nacional de Engenharia Civil prestou-nos o seguinte esclarecimento:

«O L.N.E.C. foi contactado pelo Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de Guanabara para se ocupar da observação do viaduto, com vista a julgar da sua segurança.

"Zeca Ruço" continua a monte na África do Sul

PRETORIA, 16 (L.) — O português José Daniel dos Santos Rocha, mais conhecido por «Zeca Ruço», considerado pela Polícia como um dos indivíduos mais perigosos da Africa do Sul, ainda se encontra a monte depois de ter fugido da secção «à prova de fuga» da Prisão Central de Pretória. Com 27 anos de idade, «Zeca Ruço» fugiu a semana passada com outros dois reclusos — um dos quais foi capturado — através de um buraco na parede das oficinas da prisão.

Após a descoberta da fuga, foi lançado imediatamente um alerta por todo o país, mas o português — que foge pela terceira vez — e o outro preso Eldon Heinrich Schultz, de 31 anos, ainda não foram descobertos.

José Daniel Rocha é um emigrante ilegal que entrou na República da Africa do Sul depois de escapar da prisão em Lourenço Marques. Foi condenado por roubo, assalto e posse de armas de fogo sem licença, bem como munições e explosivos. Fugiu pela primeira vez em 1968 da Prisão Central de Burban. Em 1970, fugiu da Prisão Central de Pretória com outros três condenados a longas penas e foi recapturado no Rand depois de buscas intensivas.

VALIOSO PROGRAMA DAS FESTAS DE S. JOÃO

O programa das Festas de São João está concluído e foi assim organizado:

Em 23 (Noite de São João), «arruada» pelos mareantes do rio Douro, fogueiras do São João, concurso das «rusgas» do São João, fogo-de-artifício na Serra do Pilar, Regatas Internacionais «Vasco da Gama» (em colaboração com o Sport Clube do Porto) — hastear das bandeiras e vistoria das embarcações.

Dia 24, (Dia de São João), desfile das Marchas Sanjoaninas, primeira e segunda regatas internacionais; inauguração da Exposição Filatélica, às 17 horas, no salão nobre do Clube Fenianos Portuenses.

Dia 25, exposição de flores no Jardim de São Lázaro, «Cascatas de São João» (classificação) e regatas internacionais.

Dia 26, espectáculo de teatro ao ar livre na Praça do Município.

Dia 27, no Palácio de Crista, à noite, fogo aquático e fogo preso, largada de balões e quinta regata internacional.

Dia 28, no Teatro Rivoli, às 21 e 45, concerto sinfónico, com coro; concurso de montras e última regata.

Dia 29, «arruada» por seis bandas de música, às 22 e meia hora depois concerto em conjunto na Praça do Município.

Dia 30, espectáculo de teatro pelo T. E. P. e dia 1 de Julho, «arruada» pelos mareantes do rio Douro e Festival das Marchas, no Palácio de Cristal.

Outras iniciativas integradas nos mesmos festejos: Exposição Iconográfica de São João, na torre medieval, a inaugurar no dia 20 e que se encerrará em 8 de Julho; Concurso de Montras de 22 a 30 de Junho; Concurso de «cascatas do São João», de 23 a 25 de Junho A ornamentação e a decoração de ruas durante o período dos festejos sanjoaninos serão vistosas e originais.

AUTÓDROMO DO ESTORIL — DL/AUTOMOBILISMO

O maior arranque
do nosso automobilismo desportivo

Abrindo uma nova era para o automobilismo português, inaugura-se amanhã o Autódromo do Estoril, obra que durante vários anos constituiu quase um sonho para todos quantos desejavam o incremento dos desportos motorizados. E até mesmo depois de terraplanados os primeiros metros quadrados de terreno, ou mesmo quando os «bulldozzers» já empreendiam trabalhos mais importantes, eram muitos ainda os que punham em dúvida a concretização da obra. Mas ela aí está, ainda não completa é certo, mas atestando a viabilidade da iniciativa. E a Costa do Sol, principal zona turística do País, fica a possuir mais um polo de atracção. Esperemos que este seja bem aproveitado, e num futuro muito breve Portugal possa contar com uma grande prova internacional. A obra que amanhã se inaugura, servindo já excelentemente o automobilismo português, é a primeira fase de um empreendimento turístico bastante arrojado mas com todas as possibilidades de êxito. Porém, feita a obra, é preciso dinamizá-la, para que ela não se transforme numa montanha de cimento armado. Recuperar para o nosso País o Grande Prémio de Portugal de Fórmula 1 deve ser um dos primeiros objectivos, e que não se nos afigura totalmente impossível, agora que muitos circuitos começam a ser vetados por não oferecerem as necessárias condições de segurança.

A OBRA

A ideia da construção do Autódromo começou a germinar em Outubro de 1966 e as obras iniciaram-se em Agosto de 1967.

Tudo começara quando veio a Lisboa o Arquitecto Brasileiro Ayrton Cornelson que já tinha realizado outros projectos de Autodromos no Brasil e se propunha construir este em Portugal segundo um esquema financeiro baseado na venda progressiva de lugares cativos. O automobilista Joaquim Filipe Nogueira aderiu á ideia e foi um dos elementos dinamizadores da iniciativa. Resolvido o problema do terreno restava arranjar o capital para arrancar e para a primeira fase da obra. Após muitas deligências e consideradas muitas hipóteses a presidente do Conselho de Administração da Matur, D. Fernanda Pires da Silva, entusiasmou-se com a ideia e constitui-se a Autodril, empresa que se abalançou á obra. As dificuldades foram muitas. Umas de natureza burocrática, outras de natureza técnica. Surgiram os imponderáveis, como sempre acontece, mas tudo acabou por ser vencido. E a obra aí está enriquecendo o equipamento turístico de uma região que bem carecida disso se encontrava.

Para a inauguração será utilizada a segunda variante do Autodromo que é constituida pela maior parte do anel de velocidade (primeira variante). O total desta pista é de 2942 metros, contendo sete curvas todas bastante rápidas, especialmente a saída do anel de velocidade para entrar na variante.

O Autódromo fica situado na Estrada Nacional n.º 9, entre Sintra e o Estoril, cerca de 1 km antes da bifurcação para Alcabideche e Cascais. Recomendamos aos leitores que tencionem assistir ás corridas, saindo de Lisboa, a conveniência em utilizar a estrada Lisboa-Sintra, voltando á esquerda para e En 9 ao chegarem ao Ramalhão. Deste modo evitam a marginal e o tráfego intenso dos fins de semana motivado pela afluência ás praias da Costa do Sol e encontram maior facilidade na entrada para os parques [illegible] pela direita.

SEPSA

As guardas metálicas [illegible] protecção da pista do novo [illegible] mo do Estoril foram fa[illegible] e fornecidas pela SEPSA [illegible] Sociedade de Construçõe[illegible] tro-Mecânicas, S.A.R. [illegible] Leça do Bailio, utilizando [illegible] de aço fabricada pela Sid[illegible] Nacional.

TOIROS EM ALMADA

DOMINGO, 18

às 18 horas (às 6 da tarde)

7 preciosos toiros do Doutor José Manuel Andrade

CAVALEIROS:

MANUEL CONDE e LUÍS MIGUEL DA VEIGA

ESPADAS:

ARMANDO SOARES e JÚLIO GOMES

Forcados Amadores de Lisboa de Nuno Salvação Barreto

A PROMETÁLIZ fabricou e forneceu as cadeiras e mesas de fibra de vidro para o **AUTÓDROMO DO ESTORIL**

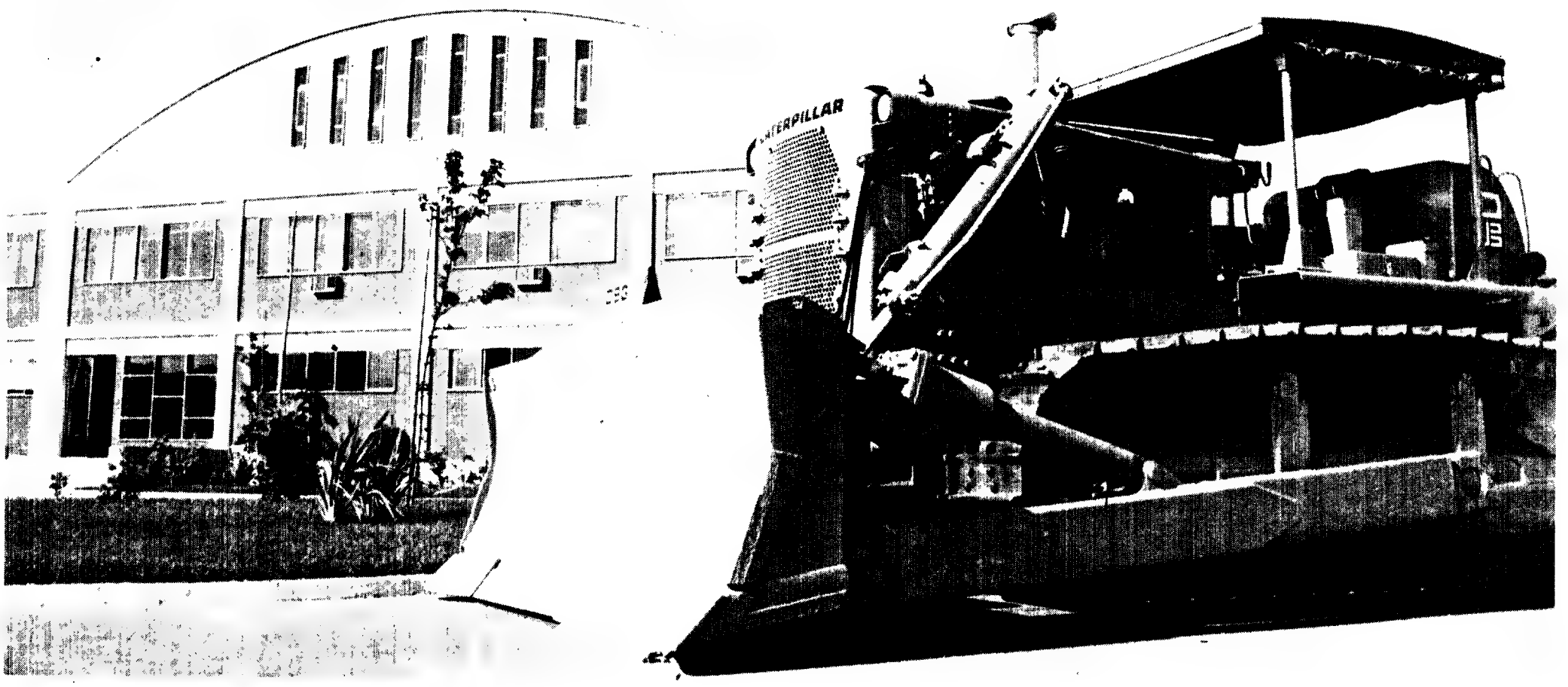
Sede: Lugar de Recarei, Leça de Balio, telef. 951815. Filial: Rua de Santana à Lapa, 180 r/c. esq., Lisboa-2, telef. 679118

AUTÓDROMO DO ESTORIL

O TAPETE DE BETÃO BETUMINOSO FOI EXECUTADO PELA FIRMA:

JOSÉ BENTO PEDROSO & FILHOS, LDA.

EQUIPADA COM UMA CENTRAL **MARINI** PRODUZINDO 70 TON/HORA



VIAS DE COMUNICAÇÃO e AERÓDROMOS ● OBRAS DE URBANIZAÇÃO ● HIDRÁULICA FLUVIAL ● OBRAS HIDRÁULICAS ● ESGOTOS E DRENAGENS ● ESTRUTURAS DE BETÃO ARMADO e PRÉ-ESFORÇADO ● HIDRÁULICA MARÍTIMA ● PONTES DE BETÃO ARMADO ou PRÉ-ESFORÇADO ● PONTES DE ALVENARIA, CANTARIA ou BETÃO SIMPLES ● DEMOLIÇÕES e TERRAPLANAGENS

JOSÉ BENTO PEDROSO & FILHOS, LDA.

CONSTRUÇÕES e OBRAS PÚBLICAS

Telefs: 247 96 82 - 247 99 22/62/84 ● TRAJOUCE — CASCAIS

DL/ AUTOMOBILISMO

As provas do Autódromo em perspectiva

No programa de inauguração do Autódromo do Estoril estão inscritas 5 corridas: Fórmula Ford e Fórmula V, que serão misturadas na mesma prova, Grupo 1 (Turismo de Série), Grupo 2 (Turismo Especial), Grupos 3,4 e 5 (Grande Turismo e Desporto) e, por fim, a Fórmula 3, anunciada como «prato forte» das corridas inaugurais.

Se as quatro primeiras provas são essencialmente nacionais, já que, para além do Grupo 2 em que estão inscritos alguns estrangeiros muito bem equipados, a prova de Fórmula 3 tem um cariz acentuadamente internacional, nela participando apenas três pilotos portugueses.

FÓRMULA FORD (FÓRMULA V)

Na Fórmula Ford há bastantes inscrições, o que já há muito tempo não se verificava, e o mesmo se poderá dizer, embora em menor escala, da Fórmula V. Tendo o número de inscrições superado a expectativa, cremos que teria sido uma boa medida fazer duas corridas separadas do que juntar estas duas fórmulas, junção tanto mais aberrante, quanto elas diferem enormemente uma da outra e a Fórmula V não tem condições para sair airosamente do confronto.

Na Fórmula Ford estão inscritos todos os melhores pilotos nacionais que têm carros desta fórmula... e mais alguns.

Carlos Azevedo que utilizará o «carro de rampa» de Ernesto Neves, o Lotus 61-M, e os estreantes, nesta fórmula, «Pêquêpê» e António Borges, que correrão, também em Lotus 61-M, são pilotos de provas dadas e com bastante talento, mas não deverão inquietar Ernesto Neves e o seu Lotus 69-Novamotor,em quem todas as atenções se irão centrar, e que é o nosso melhor trunfo contra os ingleses Mike Catlow (já conhecido entre nós depois das suas participações em Vila Real e Montes Claros onde correu com o patrocínio do jornal «Motor») e Chris Smith, o americano Danny Sullivan e o holandês Rudolph Wunderink. Mike Catlow é dos melhores pilotos da Fórmula Ford, mas dos outros pouco ou nada se sabe. No entanto, pelo menos os três primeiros, deverão estar melhor equipados que os portugueses.

Para além de Ernesto Neves, os pilotos nacionais mais rápidos deverão ser Santos Mendonça, que tem um novo motor preparado na Scholar, Frederico Abecassis, que também deve apresentar-se com um motor novo, António Barros e Carlos Azevedo, cuja estadia em Inglaterra lhe deu bastante experiência nestes carros. Luís Fernandes e «Robert Giannone» poderão também conseguir bons tempos, bem como Artur Passanha, que se espera não tenha sido afectado pelo azar que o tem perseguido, e Honorato Filipe, que regressa às pistas depois do acidente de Vila Real

António Barros será um dos participantes na Fórmula Ford.

ano passado. «Manuel Atsoc» também faz o seu regresso depois de uma longa ausência e «Pêquêpê» e António Borges são incógnitas pois correm pela primeira vez na Fórmula Ford e os carros, alugados, não estarão em condições ideais. Na Fórmula V, os três austríacos inscritos em Kaimann V, Heinz Machon, Ernest Ota e Walter Raus, não deverão ter adversários, pois os Kaimann são dos melhores carros da Fórmula V que têm acumulado imensos sucessos internacionalmente. O mais rápido dos portugueses é Portela Morais, que também tem o melhor dos poucos «Vês» que ainda há em Portugal. De qualquer modo, para os lugares secundários poderá haver interessantes despiques.

GRUPO 2 (TURISMO ESPECIAL)

O Turismo Especial deverá ser dominado pelos espanhóis Ruiz-Gimenez e Jaime Mesia, mas aguarda-se uma réplica condigna de Araújo Cabral ou Christian Melville, que pilotarão, um ou outro, o BMW 2800 do «Team Trevauto-BMW», que fará a sua estreia nas nossas pistas. Os espanhóis Uriarte e Barrios, o dinamarquês Erik

Carlos Azevedo «dividir-se-á» entre as Formulas 3 e Ford.

Hoyer, Carlos Santos e Mário Figueiredo discutirão os lugares seguintes, podendo ainda «Thomas Price», Gomes Pereira, António Borges, «Pêquêpê» e Mário Gonçalves animar a corrida, embora sem possibilidades de chegarem aos primeiros. Os Cooper-S farão uma «corrida à parte».

GRUPO 1 TURISMO DE SÉRIE

E aguardada com grande expectativa a primeira corrida de Grupo 1 da época, que será o primeiro confronto directo entre os Alfa-Romeo 2000 e os BMW 2002 TTi. Embora o primeiro lugar esteja já e «a priori» garantido para o Camaro de Néné, o segundo lugar será, certamente, muito disputado por «Nicha» Cabral, Carlos Santos, Jorge Ribeiro de Sousa, Melville, António Borges, Bernardo Sá Nogueira, Adolfo Sampaio e talvez António Herédia, «Lumaro», Pedro Rasteiro, Gomes Pereira, Miguel Lacerda e João d'Avila.

Também neste agrupamento haverá uma «corrida à parte» entre os Datsun 1200 e Austin/Morris 1275 GT e espera-se que seja espectacular. Não havendo corrida a contar para o «Troféu Datsun», a presença de vários 1200 poderá dar uma ideia do espectáculo de que se revestem sempre as provas daquele troféu.

GRUPOS 3, 4 e 5 (GRANDE TURISMO E DESPORTO)

Esta é uma das provas mais longas e a que tem menor número de inscrições. Também nesta o primeiro lugar deve ser para Carlos Gaspar. Só qualquer percalço poderá obstar à vitória do piloto nortenho, que tem um carro imbatível. Mais para trás, será curiosa a luta entre os dois litros e ver se Ernesto Neves e Carlos Santos, com o Porsche 907 de Rui Guedes, conseguirão resistir aos Lola T-212 e T-290, ao Chevron B-21 e ao Daren, pilotados, respectivamente, por Rolf Skoghg (212), Walter Lehmann (212), Tony Birchenhough, Roger Heavens e Peter Richardson. Portela Morais, Américo Nunes e Sequeira Ferreira discutirão os lugares seguintes. Mário Gonçalves estreia um protótipo feito a partir de um Cooper-S, cujas possibilidades se desconhecem, mas que não deverá ficar em último.

FÓRMULA 3

A Fórmula 3 dará o cunho verdadeiramente internacional à inauguração do Autódromo do Estoril. O facto de terem sido anuladas algumas provas incluídas no Campeonato de França desta especialidade, levou o Federação Francesca do Desporto Automóvel a incluir a prova do Estoril no seu desfalcado calendário, o que bastante contribuiu para o elevado número de presenças, em que os franceses estão em larga maioria.

Jorge Pinhol correrá em Portugal, pela primeira vez na Fórmula 3

Será precisamente entre os franceses que a prova se decidirá. Rousselot, Leclère, Serpaggi, Dolhem, Ethuin, Auvray e Coulon, são dos melhores pilotos franceses da Fórmula 3, e todos eles têm grande experiência em monolugares, sobretudo devido à sua passagem pela antiga Fórmula França, que agora se chama Fórmula Renault.

Tirando a presença dos franceses já referidos, há que lamentar a ausência dos maiores expoentes europeus desta fórmula de promoção, tais como Williamson, Trimmer, Bond, Von Opel, Mass, Vittorio Brambilla e outros.

Na Fórmula 3 estarão presentes três pilotos nacionais. Jorge Pinhol, que se encontra em Inglaterra a ganhar alguma experiência , trará o seu G.R.D., esperando-se que não seja vítima dos problemas nas provas inglesas. Ernesto Neves e Carlos Azevedo estrear-se-ão nesta Fórmula, o primeiro com um Lotus 69, que será patrocinado pelo jornal «Motor», e o segundo com Brabham BT-35, que embora sendo um modelo do ano passado se mantém competitivo. O problema destes dois pilotos será não conhecerem os carros e estes serem alugados e portanto não estarem para eles e, certamente, longe das condições ideais.

O conjunto de provas com que se fará a inauguração do Autódromo do Estoril parece reunir condições para um bom espectáculo e pode-se dizer que já há muito tempo não via, em Portal, um tão equilibrado lote de corridas. Mesmo assim, ainda há um caminho bastante longo a percorrer até que se possam ver boas provas de automóveis no Estoril.

CONSTRUTORA MODERNA

SEMPRE PRESENTES nas realizações de vanguarda
COLABORÁMOS TAMBÉM neste empreendimento

Possuindo toda uma vasta gama de montagens conte ainda com a eficiência dos nossos técnicos que existem na medida exacta das suas exigências
CONSULTE-NOS para colaborarmos também consigo

construtora moderna, s.a.r.l.
Estrada Nacional n.º 10
Amora
Telef. 2491002 PPCA

Horário de provas e treinos

16 DE JUNHO

10 horas: Verificação técnica.
14 horas: 1.ª Sessão de treinos oficiais para automóveis do Grupo 2 (Turismo Especial).
15 horas: Sessão de treinos oficiais para automóveis da Fórmula V e Fórmula Ford.
16 horas: 1.ª Sessão de treinos oficiais para automóveis do Grupo 1 (Turismo de Série).
17 horas: 1.ª Sessão de treinos para automóveis dos Grupos 3/4/5 (Grande Turismo e Desporto).
18 horas: 2.ª Sessão de treinos oficiais para automóveis de Turismo Especial.
19 horas: 2.ª Sessão de treinos oficiais para automóveis de Fórmula V e Fórmula Ford

17 DE JUNHO

10 horas: Verificação técnica.
13.30 h.: 1.ª Sessão de treinos oficiais para automóveis da Fórmula 3.
14.30 h.: 2.ª Sessão de treinos oficiais para automóveis de Turismo de Série.
15.30 h.: 2.ª Sessão de treinos oficiais para automóveis de Grande Turismo e Desporto.
16.30 h.: 2.ª Sessão de treinos oficiais para automóveis de Fórmula 3.
17.30 h.: Corrida destinada a automóveis do Grupo 2 - 40 voltas - 117,680 km — Taça Junta de Turismo da Costa do Sol
19 horas: Corrida destinada a automóveis da Fórmula V e Fórmula Ford-30 voltas - 88,260 km Taça Câmara Municipal de Cascais.

18 DE JUNHO

10 horas: Verificação técnica.
15.30 h.: Corrida destinada a automóveis de Turismo de Série-Grupo 1-40 voltas-117,680 km Taça Secretaria de Estado da Informação e Turismo.
17 horas: Corrida destinada a automóveis de Grande Turismo e Desporto-50 voltas-147,100 km Taça Automóvel Clube de Portugal.
18.30 h.: Corrida destinada a automóveis de Fórmula 3-50 voltas-147,100 km Taça João Ortigão Ramos.

DL/DESPORTOS

IV GRANDE PRÉMIO RIOPELE

Fernando Vieira (Benfica) o mais rápido nas Antas

Do nosso enviado especial

NEVES DE SOUSA

PORTO — Principiou ontem à noite na pista das Antas, a quarta edição do Grande Prémio Riopele, em ciclismo. E anote-se, com agrado, que o público acorreu em número muito razoável às bancadas, não obstante a noite se mostrar um tanto ou quanto fria, em relação ao mês que atravessamos. A sua presença, afinal, apenas significa o entusiasmo que continua a merecer-lhe o ciclismo, mesmo que saiba, de antemão, não estarem presentes as maiores figuras do ciclismo nacional. Esta circunstância, porém, vem paradoxalmente emprestar à quarta edição do Grande Prémio Riopele, um clima de equilíbrio, susceptível de proporcionar grande incógnita quanto ao vencedor final.

Como primeira nota positiva, portanto, a presença de elevado número de pessoas nas bancadas das Antas, como que a testemunhar à organização da prova, o seu inteiro apoio por levar por diante os planos traçados, contando embora com as ausências dos mais cotados nomes da modalidade.

A primeira etapa foi disputada no sistema de contra-relógio por equipas (fórmula tradicional que apenas foi quebrada o ano passado na Volta a Portugal) e a mais rápida de todas foi, como de resto tem vindo a ser hábito, a do Benfica, a sétima a partir. Depois da equipa do Benfica correu ainda a do F.C.Porto, mas não obstante o calor do público, naturalmente a puxar pelos ciclistas da camisola azul e branca, o seu tempo foi inferior à equipa encarnada. Deste modo, à partida para a estrada, os homens do Benfica ocupam desde já as primeiras posições, a poucos segundos de diferença dos corredores das restantes equipas.

O mais rápido na pista das Antas foi Fernando Vieira, que completou as vinte voltas ao perímetro das Antas no tempo de 11 minutos e 29 segundos, o mesmo tempo, afinal, dos seguintes colegas de equipa: Manuel Correia, João Pinhal, António Martins, Orlando Alexandre, Venceslau Fernandes, Paulino Rodrigues e Raúl Ginja. Apenas dois corredores «encarnados» se atrasaram: Maximino Constantino (12 m. 48 s.) e José da Silva (12 m. 56 s.).

A segunda melhor equipa foi a do F.C.Porto que gastou um segundo mais do que o Benfica nos 9 quilómetros da etapa. O primeiro corredor do F.C.Porto a completar a prova foi Juan Cariñena, tendo-se atrasado três ciclistas: Manuel Soeiro, Manuel Gomes e Custódio Gomes.

Contando com as modificações previstas no regulamento da prova, a classificação da primeira etapa ficou assim ordenada, no que diz respeito às primeiras posições: 1.º — Fernando Vieira, 11/26; 2.º — Manuel Correia, 11/27; 3.º — João Pinhal, 11/28; 4.º — João Pinhal, António Martins, Orlando Alexandre, Venceslau Fernandes, Paulino Domingues e Raúl Ginja, todos do Benfica e com o tempo de 11/29; 10.º — Juan Cariñena, do F. C. Porto 11/30. Por equipas o Benfica somou 34 m e 21 s, colocando-se na vanguarda da classificação. Seguem-se-lhe F. C. Porto (34/30), Coelima (34/50), Ambar (35/12), Sporting (35/15), Tavira (35/15), Sangalhos (35/20) e Louletano (39/42).

AGOSTINHO: O MELHOR DA SUA EQUIPA NA VOLTA À SUÍÇA

Principiou em Zurique a Volta à Suíça em bicicleta na qual estão presentes três corredores portugueses. Joaquim Agostinho correndo pela «Magniflex», Firmino Bernardino e Leonel Miranda, alinhando pela «Maerki-Bonanza». A equipa vencedora da primeira etapa foi a «Goudsmith», tendo Joaquim Agostinho sido o primeiro ciclista da sua equipa a cortar a meta de chegada, classificando a «Magniflex» na quarta posição. A equipa de Firmino e Miranda não conseguiu melhor do que a nona posição. A equipa de Agostinho está a 15 segundos da que comanda a prova, enquanto a dos restantes portugueses se situa a 39 segundos. Hoje corre-se a segunda etapa entre Zurique e Brugg, na distância de 187 quilómetros.

NA MIDI-LIBRE, APENAS JOSÉ PEREIRA SE ATRASOU

Principiou ontem, igualmente, a prova ciclista Midi-Libre, na qual tomam parte os ciclistas portugueses Fernando Mendes, Joaquim Andrade e José Pereira. Na primeira etapa, corrida entre Castelnaudary e Valras, na distância de 220 quilómetros, os corredores portugueses Mendes e Andrade conseguiram o mesmo tempo do vencedor (Cyrille Guimard, 5 horas, 14 minutos e 11 segundos) e José Pereira não foi além da 74.ª posição, gastando mais 34 minutos e 5 segundos do que o vencedor.

No dia em que visitou pela primeira vez o Estádio Almirante Américo Thomáz Laurindo era um homem feliz. Agora, é a despedida.

LAURINDO: regresso a Angola

Hora de renovação no Restelo. O «internacional» Laurindo a quem o Belenenses oferece condições inferiores às do contrato vigente, aguarda que terminem os exames da esposa para regressar a Angola. Contristado com a **«falta de palavra de certas pessoas»** o magnífico avançado «azul» não quer procurar clube: **«não jogo numa equipa qualquer. Estou farto de sacrifícios sem compensações. Volto para Angola».**

Entretanto, o jovem Ramalho, recém chegado do Ultramar e ainda com idade júnior, assinou um compromisso de não-amador.

Por uma época foi contratado o paraguaio Gonzalez que aguarda a chegada de vários documentos para ver legalizada a sua situação.

Pedro e Teles (um médio com cartaz no Brasil), têm contrato para mais uma temporada. Dispensados por Scopelli, ambos se mostram dispostos a estudar as condições da rescisão. Aliás, a sua excelente craveira técnica torna-os elementos com muita procura no «mercado das transferências».

Também pela secretaria do Belenenses passou o brasileiro Djalma, preso à colectividade «azul» por mais uma época.

Mantém-se estacionário o «caso» de Luís Carlos. Pelo preço pedido ao Sporting para a transferência do vimaranense Jorge Gonçalves (2500 contos mais Márinho) se pode ver o baixo custo (600 contos) do «passe» do melhor marcador da equipa de Belém na última época.

O clube do Restelo não pode prescindir do concurso dos seus melhores jogadores. Porque em matéria de reforços sabe-se como é... Luís Carlos e Gonzalez: uma dupla jovem que pode vir a dar muito que falar. Mas a saída de Laurindo...

Atenção Belenenses: não se pode perder a «corrida do defesa» sob pena de se ficar para trás na «maratona do campeonato».

OLIMPÍADAS MODERNAS: UMA HISTÓRIA AMÁVEL

Capítulo sexto: de como não funcionou a unidade italiana e Londres pegou no facho.

Itália recém-unificada. Uma certefora. Roma propõe-se para o cenário das Quartas Olimpíadas. O Comité Olímpico Internacional aceita a proposta, com grande alegria. As agulhas dos Jogos não havia meio de acertarem, mas deta vez seria!

Não foi. Não foi, porque os fanáticos regionalistas esqueceram a política de unidade. Milão queria que os Jogos fossem lá. Turim queria a mesma coisa. Mui diplomàticamente, Roma desistiu, para evitar sarilhos.

Bastante à pressa, Londres pegou no facho olímpico, de chama amarela. O método britânico funcionou, mas só até certo ponto... Alturas houve em que os ingleses puseram de patte o seu (dizem que característico) «fair play». Por esta e outras razões, as Olimpíadas de 1908 ficaram conhecidas como os «Jogos da Discórdia». Para começar, os ingleses «esqueceram-se» de hastear a bandeira dos Estados Unidos. Dois atletas ianques juraram vingança: Taylor e Robbins passaram toda a final dos 400 metros a obstruir a passagem ao escocês Halswell, enquanto o seu compatriota Carpenter se escapulia a caminho da meta. O juri (todo britânico) anulou o resultado da prova e marcou nova competição. Ideia luminosa, que ficou até hoje: a pista foi dividida em corredores. Segunda vingança americana: a ausência. E o pobre Halswell, por sinal um excelente atleta, correu e venceu (claro) sòzinho! A maratona, mais uma vez, deu «bronca»: o italiano Dorondo entrou em primeiro lugar no estádio, mas tão falho de energias que caíu, esgotado, a uns metros da meta. Os juízes da corrida levaram-no às cadeirinhas até ao risco, facto que os americanos, teimosos, não perdoaram. Resultado: Dorondo, desclassificado; Hayes (por acaso atleta dos E.U.A.), declarado vencedor.

Apararição sensacional nos Jogos de Londres, a mercer um parágrafo único: a do futebol! Escusado será dizer quem ganhou... A Inglaterra, pois está visto. Há ou não há moral? Pois se o «desporto rei» nascera em terras de sua magestade britânica...

Em breve conclusão diga-se que, apesar de tudo, os ingleses deram uma lição de organização. Embora com acidentes vários, as provas das 21 modalidades decorreram num período de 12 dias, e quanto possível no mesmo local. Acrescente-se que se inscreveram 22 países e 2666 atletas.

Em Londres terá sido apontado o caminho: passados quatro anos, em Estocolmo, os Jogos Olímpicos teriam uma organização quase exemplar, valorizada pela presença de um público interessado... e iniciado. Público que assistiu (e chorou) a tragédia do maratonista português Francisco Lázaro. Será assunto para o próximo capítulo.

Observação breve: antes dos Jogos de Londres, tinham decorrido na capital grega, em 1906, uns campeonatos a que o barão de Coubertin se arrendeu de conceder o nome de Olimpíadas. Os governantes (da vontade do povo, não sabemos) quiseram comemorar o décimo aniversário da «restauração» dos Jogos, realizando uma «jogada» extra-calendário, pretexto para nova insistência destinada a impôr Atenas, como sede oficial das Olimpíadas modernas. Neste aspecto, a «jogada» não resultou. Relativamente à parte «desportiva» saliente-se o predomínio americano (mais uma vez) no atletismo, as proezas do italiano Terri, em cima da bicicleta, e a eficiência da organização: em dez dias, os os oitocentos e tal atletas presentes fizeram o que tinham a fazer. Olímpico-oficialmente, estes Jogos, porém, não contam.

ANTÓNIO TADEU

REGISTO

CORRIDA DE FESTA: A Federação e a Associação de Atletismo de Lisboa levam a efeito no domingo, pelas 22 horas, uma corrida pedestre nas ruas da cidade de Lisboa, denominada «I Grande Prémio dos Santos Populares». Esta prova integra-se nas Festas da Cidade e tem o patrocínio do Município. O percurso, no total de 3500 metros, será o VSeguinte: Avenida da Índia, Avenida 24 de Julho, Cais do Sodré, Rus do Arsenal e Praça do Município,onde está instalada a meta.

SESSÃO SOLENE: Para encerramento das festividades da comemoração dos seus trinta anos de existência, Associação Académica da Amadora realiza amanhã, às 21 horas, um festival a que preside o director-geral dos desportos. Exibir-se-ão as classes de ginástica da colectividade e prestar-se-à homenagem a Artur Martinho Simões, antigo presidente da direcção.

CASTIGOS NO «CESTO»: A Federação de basquetebol puniu com um ano de suspensão as jogadoras Maris Celeste Pinho e Cecília Maria Santos porqe, estando vinculadas ao Atlético, tiveram a coragem de actuar no encontro entre Benfica e Belenenses que se realizou no princípio de Fevereiro passado. Também Rui Martins, do CIF, foi punido com um ano de suspensão, tendo a pena sido reduzida a metade.

SARAU: O F. C. Porto promove amanhã, no Pavilhão do Lima, com início às 21 e 15, o festival anual da sua secção de ginástica.

Atletismo: história dos 400 metros

ATENAS, 1896. Thomas Burke, americano, ganha a medalha de ouro dos 400 metros, com 54 segundos e 2 décimos. Descendo e subindo, o tempo andou em «pés» americanos até aos Jogos de Londres (1908). Então o escocês Halswell, correndo sózinho por zanga dos competidores ianques (veja-se capítulo sexto da «história amável»), fez 50 segundos, tempo nada famoso, inferior aos dos Jogos de Paris e de São Luís (49,4 e 49,2, respectivamente). A casa dos 82 foi atingida, novamente por um atleta dos Estados Unidos, em Estocolmo (1912), quando Reipath estabeleceu a marca de 48 segundos e 2 décimos. Em 1924 e 1928, descida para os 47. Em 1932, William Carr, também americano, consegue 46 segundos e 2 décimos. ... den (da Jamaica) correu a distância em 45 segundos e 9 décimos, em Helsínquia (1952). Otis Davis, dos Estados Unidos, baixa para 44,9 em Roma (1960) e o seu compatriota Lee Evans, desce, espectacularmente, para 43 segundos e 8 décimos, nas últimas Olimpíadas (México). Aqui está uma prova que vai ser muito interessante de seguir, no Verão, em Munique.

'Texlene' um tecido Riopele
POUSADA DE SARAMAGOS

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Elec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	–	430$	–
Cons 3 %	–	457$	–
Cons 3 1/2	552$	552$	–
Centenarios	–	1.297$	–
Tes 5 % 57	1.000$	–	1.000$
Tes 5 % 59	–	–	–
Exter 1ª s	–	625$	670$
Extern 1ª c	–	625$	–
Extern 3ª s	–	–	820$
Extern 3ª c	800$	800$	–
Caut 3ª s	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	950$	950$	955$
C M L 5 3/	990$	985$	990$
C P 5,5 % — 67	–	945$	–
C P 5,5 % — 68	–	945$	–
C P 5,5 % — 69	–	950$	–
Corr 5 3/4 %	930$	930$	–
Metr 5 3/4 %	–	950$	–
Tur 5 3/4 %	–	–	1.000$
C P 63/4	1.025$	1.023$	1.030$

ELÉCTRICAS

G. 5 % — 58	–	–	–
G. 5 % — 59	–	–	825$
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	970$
G. 6 % — 67	–	–	–
G. 6 % — 69	900$	895$	900$
G. 7% — 71	–	760$	–
H E C 5 %	–	–	775$
H E C 6 %	–	900$	–
H E D 5 %	–	–	–
H. E D 6 %	–	890$	905$
H E N P. 5 %	–	–	–
H E S E 5 %	–	940$	–
H E. S E. 6 %	–	–	940$
H E Z 5 % — 57	–	–	840$
H E Zêz 6 %	–	–	930$
N. Elc 5 %	–	–	770$
N Elec 6 %	–	–	940$
Termoel 5 %	–	–	775$
U E P 5 % — 60	–	–	–
U E P 5 % — 63	–	–	–
U E P 6 %	–	–	–

DIVERSAS

A P T 5 % — 56	–	–	–
A P T 5 % — 58	–	–	890$
Lisnave 6 %	–	–	–
Nitratos — 60	–	–	–
Pet 2ª e 3ª	–	–	–
Sacor 7%	1.004$	1.004$	1.005$
Sacor 5 % — 54	–	930$	–
Sacor 5 % — 60	850$	–	–
Sid 5 % — 2ª	–	–	790$
Sid 5 % — 3ª	780$	780$	–
Sid 5 % — 4ª	–	–	790$
Socel 5 %	–	915$	–
U Fabril 67	–	940$	–
U Fabril 68	–	945$	–

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %	–	–	–
Rev 5 % 57	–	680$	–
Rev 5 % — 59/60	–	680$	–
Moçamb 5 %	–	400$	500$
Sonefe 5 %	–	800$	815$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	3.505$	3.500$	3.505$
Alentejo	1.420$	1.415$	1.420$
Angola	3.650$	3.620$	3.670$
Cred Predial	6.600$	6.650$	6.600$
Esp Santo	9.380$	9.375$	9.380$
Fomento	–	4.700$	4.800$
F & Burnay	35.200$	35.000$	35.500$
N Ultr m	6.050$	6.050$	6.070$
N Ultr c	6.600$	6.600$	6.620$
Portugal n	–	4.600$	4.800$
Portugal p	–	–	6.000$
P Atlântico	10.350$	10.350$	10.400$
Totta & Açores	6.180$	6.170$	6.180$
Algarve	2.420$	2.400$	2.430$
Borges & Irmão	8.670$	8.670$	8.700$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	9-6-72	15-6-72	16-6-72
GERAL	188,2	186,9	**187,0**
METROPOL	191,0	189,3	**189,5**
ULTRAM	168,0	169,0	**168,8**

De Seguros

Alentejo	147$	146$	147$
Bonança	–	15.000$	–
Império	–	–	19.000$
Mundial	1.366$	1.365$	1.366$
Soberana	–	–	1.850$
Tranquilidade	–	85.000$	–

Eléctricas

C P E p	1.106$	1.105$	1.106$
C P E n	1.080$	1.075$	1.090$
E Beiras	1.710$	1.700$	1.730$
G Elec c	339$	339$	339$5
H E A A	167$	167$	167$5
H. E N P	235$	232$	240$
H E S E	2.050$	2.000$	2.050$
U E P	–	196$5	197$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.040$	1.040$	1.050$
Ag Incomati	–	2.050$	2.100$
Ag S T e P.	–	–	–
Aç Angola	–	900$	920$
Alg Angola	–	210$	–
Ang Agric	–	–	–
Boror	–	120$	125$
Boror Com	–	–	–
Buzi	84$	83$	–
Cabinda	135$	135$	–
Com. Lobito	790$	785$	800$
D A — T 100	1.970$	1.950$	1.980$
H E Revué	–	–	–
I do Princ	–	–	–
Moçambique	–	157$	160$
Sonefe n.	–	–	–
Sonefe p	375$	375$	380$
Zambézia	63$	64$	65$

Diversas

Ag Lx. ant	–	410$	420$
Ag Lx. — 34	435$	435$	440$
Ag Lx — 36	–	405$	415$
Cel Guadiana	6.200$	6.180$	6.250$
C Leiria p	–	14.300$	14.500$
C Tejo p	1.260$	1.250$	1.270$
F Ramada	136$5	136$	138$
Fornos Eléct	138$	3.750$	3.850$
P Celulose	–	4.500$	4.550$
Siderurgia p	2.950$	2.950$	2.970$
Siderurgia n	2.500$	3.490$	3.500$
Socel	–	6.800$	6.850$
Cidla	–	–	–
C U F	–	–	2.200$
Intar	544$	543$	545$
Nitratos	–	1.000$	1.050$
Petroquimica	1.050$	1.040$	1.060$
Sacor	3.050$	3.050$	3.060$
Tab Portugal	1.950$	1.950$	2.000$
Tabaqueira	–	7.250$	–
U F Azoto	805$	800$	805$
Empor	220$	220$	230$
Ind Aliança	–	500$	–
I P Colón.	950$	950$	970$
Nac Naveg	–	–	3.700$
Naveg (Col)	2.140$	2.120$	2.140$
P Pesca	–	950$	–
Matur	–	980$	1.000$
R Marconi	2.200$	2.180$	2.220$
TAP	1.325$	1.325$	1.330$
Compal	–	560$	600$
Salvor	–	1.350$	1.400$
Penina	–	–	1.250$
Grão-Pará	920$	920$	950$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
F I D E S

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	31$50	34$00
Alemanha - Marco	8$35	8$65
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina - Peso Novo	–	–
Austria - Schiling	1$17	1$22
Bélgica - Franco	$60	$63
Brasil - Cruzeiro	3$50	4$50
Canada - Dólar	27$10	27$80
Dinamarca - Coroa	3$75	4$05
Espanha - Peseta	$41	$43
França - Franco	5$40	5$70
Holanda - Florim	8$25	8$55
Inglaterra - Libra	70$00	72$00
Itália - Lira	$045	$048
Marrocos - Dihran	5$00	5$50
Noruega - Coroa	3$95	4$25
Suécia - Coroa	5$50	5$80
Suiça - Franco	6$93	7$18

Ouro

Inglaterra - Libra Isabel	430$00	460$00
Inglaterra - 1/2 Libra	330$00	355$00
Ouro fino Barra	53$00	58$00

BANCO DO ALENTEJO
GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS
Praça D. João da Câmara, 18 Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 Telef. 30309

televisão

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Periodo

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Série filmada «Nany e o professor»
13.45 Telejornal -1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.25 Logo á noite

2.º Periodo

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 «O Circo Kiri»
19.30 Telejornal- 2.ª edição
19.45 Fronteiras do amanhã
20.00 Cinema 72
20.25 50 anos de História
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.00 Frente a Frente
22.30 Série do Oeste «Lancer»
23.00 Recital de piano por Segueira Costa
23.30 Telejornal-últimas noticias
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vária
21.00 Série filmada «Nanny e o professor»
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.00 Noite de Opera «Madame Butterfly»
23.35 Fecho

AMANHA

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal-1.ª edição
14.00 Dó lá si
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV Educativa
15.05 Directamente de Lucarno «Festa das flores»
16.00 Daniel Boone
16.50 As flores e o seu mundo
17.15 Programa feminino
17.40 Teledesporto
18.45 Danças e cantares do povo
19.10 ...e a vida continua...
19.30 Telejornal -2.ª edição
19.45 Skippy
20.10 Ensaio
21.00 **Se bem me lembro**
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.00 Os caminhos de Noele
22.30 Variedades
23.30 Telejornal-últimas noticias
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.45 O caso da semana
21.00 Viver no campo
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.00 Sabe...
22.45 Dr. Markus Welby
23.35 Fecho

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado entre o Rio Mondego e Tejo e geralmente pouco nublado nas restantes regiões; o vento era fraco e havia nublina ou nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO 20º
P. DOURADAS 12º
COIMBRA 17º
PORTALEGRE 16º
LISBOA 16º
FARO 20º
FUNCHAL 18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 26,5º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 6,2º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 14º
Atmosfera 17,3º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.48	**3,4 m**	1.05	**1,0 m**
20.04	**3,7 m**	13.12	**1,3 m**
Dia 17			
8.39	**3,3 m**	2.00	**1,2 m**
20.56	**3,5 m**	14.08	**1,5 m**
Dia 18			
9.33	**3,2 m**	2.59	**1,4 m**
21.32	**3,3 m**	15.10	**1,6 m**

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado do Quadrante Norte; possibilidades de nublina ou nevoeiro durante a madrugada e princípio da manhã.

AMANHÃ

Nascer às **6.11**
Ocaso às **21.04**

Dia 18 Dia 26 Dia 4 Dia 10

urgência

Emergência	115	Judiciaria	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Melodias do cinema
16.30 Convívio-programa da Juventude
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Forças armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.20 O saxofonista Jimmy Powell
20.30 2.º episódio do folhetim «O fantasma da casa Lamprecht»
20.50 Solos de órgão
21.00 Momento 72
21.30 Língua portuguesa, pelo Dr. António Ribeiro dos Santos
21.40 Ao sabor da fantasia
22.00 Noite de teatro «A viagem do Sr. Perichon», de Labiche
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00 De um dia para o outro (Cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

2.º Programa

16.00 Ciclo do Barroco italiano
16.45 Música de vanguarda - Nomos Alpha (Xenakis)
17.05 Música de tecla Obras de Sweelinck e Vivaldi
17.30 O compositor do mês Schübert
19.00 Música portuguesa
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de arco, (Papinau-Couture)
20.30 Concerto pelo grupo coral juvenil da Fundação dos Amigos das Crianças
21.00 Concerto sinfónico — 1.ª Parte
21.55 Canções — «Melodias de Veneza», op. 58 (Fauré)
22.05 Concerto sinfónico — 2.ª Parte
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Concerto de câmara
22.55 Transmissão das 32 sonatas para piano, de Beethoven
00.05 Música de bailado A Sagração da Primavera (Strawinsky)
00.50 A violinista da Haandel
01.00 Fecho

RADIO CLUBE

16.00 Programa CDC
18.00/21.00 «Programa Movimento»
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Banda de som
23.30 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.45 Tempo de fado.
0.02 «P.B.X.»
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.04 Programa CDC
18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinée teatral
19.03 Miscelânea
19.17 Conjunto
19.30 Estúdio 64
20.07 Norte dia a dia
21.05 Só-Rádio
21.45 Mensageiro do Evangelho
22.02 Em destaque
22.15 Novas de alegria
22.30 Variedades
23.04 Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 Canções portuguesas
18.30 Terço e benção da Basílica dos Martires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página 1
20.30 Continuação do programa Página 1
21.00 Meditando
21.03 Programa dos Sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Música Nova Música Nossa
23.00 A 23.ª Hora.

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Teles, R. João de Barros. (T 638249)

ALCÂNTARA
Nogueira, R da Creche. 2(T 631635)

ALFAMA
Nacional, R S. João da Praça 26 (T 863632)

ALTO DE S. JOÃO
Carrondo, R Padre Sena de Freitas. 10-A (T. 842518). **Oriente**, R Lopes 120 (T 843381)

ARCO DO CEGO
Palma, Av Duque de Avila. 25-31 (T 47088)

ALVALADE
Cartaxo, Av da Igreja 21 C (T 776358), **Brisália**, Av Rio de Janeiro 66-A (T 722358), **Nova Lisboa**, R Guilhermina Suggia. 12 (T 727721) **Avis**, Av de Roma 56 B (T 715370)

AREEIRO
Galeno, Av Óscar Monteiro Torres. 38-A (T 774920). **João XXI**; Av João XXI 16-A (T 726462)

ARROIOS
Matos, R Alvaro Coutinho 10 (T 821671), **Nunes**, R Ângela Pinto 32 (T 497556)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, R do Salitre. 7 (T 46858)

AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av 5 de Outubro 147-A (ao cruzamento da Av Barbosa du Bocage) (T 763107). **Avenidas**, Av. da Republica. 27-A (T 533688).

BAIRRO ALTO
Veritas, R da Misericórdia. 135 (T 324554-327563-4)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P do Norte 11 (T 311216)

BAIXA
Barral, R Augusta 225 (T 361534-5)

BELÉM
Remisio, R dos Jerónimos. 14-C (T 631699)

BENFICA
Lisboa, R Claudio Nunes 73-A (T. 703393), **Sousa**, Est de Benfica. 429 (T 780027)

CALÇADA DA BOA HORA
Sepol, C da Boa Hora 94-A (T 631958)

CAMPOLIDE
Pátria, C dos Mestres. 30-A (T. 680627) **Gomes**, R Rodrigo da Fonseca. 101-A (T 682333)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R Freitas Gazul. 32-B (T 671667), **Castro Fonseca**, R 4 de Infantaria. 28-A (T 688857)

CARNIDE
Leal de Matos, R Neves Costa 33 (T 780181)

CONDE REDONDO
Ducal, Av Duque Loulé 21 (T 48946)

ESTEFÂNIA
Estefânia, R Pascoal de Melo. 90 (T 44438)

GRAÇA
Santo António, R. Leite de Vasconcelos. 72-C (T 862333); **Rosas e Viegas**, R. de S Vicente. 31 (T. 864351)

LAPA
Carrasco, R. Presidente Arriaga. 39 (T 667460)

LUMIAR
S. Tomé, Est. do Desvio. Lote 12-C (T. 790704); **Alameda**, Alm Jas Linhas de Torres. 201-B (T 790742)

MADRAGOA
Nunes Simões, R do Quelhas. 1 (T 661275)

MARQUÊS DE POMBAL
Ducal, Av Duque de Loulé. 21 (T 28946)

OLIVAIS
Nova dos Olivais, R E. 1 Lote 469 (Olivais Sul) (T 316402)

PENHA DA FRANÇA
Carrondo, R Padre Sena de Freitas 10 A (T 842518)

PICHELEIRA
Luzmar, R João Nascimento Costa. 16-A (T 72835 720703)

RATO
Janeiro, Avenida Pedro Alvares Cabral 100 (Telefone 661458)

REGO
Universitária, R Alfredo Roque Gameiro 29-D (T 778953)

SANTA CATARINA
Modelar, L dr António de Sousa Macedo 7-A (T 678896)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (T 768343-764629)

XABREGAS
Salter, R de Xabregas. 63-65 (T 381185)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019); **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485); **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)

DAMAIA
Damaia P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)

QUELUZ
Gil Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes** Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)

CACÉM
Garcia Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Química Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)

SINTRA
Marrazes L. Rainha D. Amélia, 20 (Telef. 980155)

COLARES
Colares Abreja (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Coceiro (Telef. 2430485)

PAREDE
Macau, R. José Elias Gareia, 60-C (Telef. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A. 15 (Telef. 260116)

CASCAIS
Marginal, Av. Warkinal (Telef. 280078) **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)

BARREIRO
Santa Marta, R. Dr. Pacheco Nobre, 44-B (Telef 2272141)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est das Barrocas, 50-A (Telef. 2760182)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Telef 239025)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef 229028)

SETUBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (Telef. 22484) **Nova**, R General Gomes Freire (Telef 22052)

SEIXAL
Godinho, L da Igreja 51 (Telef 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601; **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584; **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367; **S. Diniz**, Rua S. Diniz, 428; **Soeiro**, Rua Santos Pousada, 71, **Vitália**, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB-TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520; **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485; **Cardona dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90; **Herculano**, Rua Alex. Herculano, 384

COIMBRA

Montes Claros, R. Dr. António J Almeida, 69 (tel 25904). **Viegas e Coelho**, R. da Sofia, 19-21 (tel. 22089) **Higiene**, Rua Fernandes Tomaz, 4 (tel 22634).

CAVAN

•

PRESENTE NO AUTÓDROMO DO ESTORIL

•

SOC. PORTUGUESA CAVAN, S. A. R. L.

Av. Visconde Valmor, 76-1.º – LISBOA-1

cinemas

MONUMENTAL (Tel 555131)
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O ALTAR DO DIABO» com Sandra Dee e Dean Stockwell
21.30 (Grupo B - 10 anos)
Novamente em LE MANS com Steve McQueen e Elga Anderssen
Em complemento o comentário a cores «Aviões na Agricultura» produção e realização de Francisco Saalfeld

SATÉLITE (Tel 562632)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
8.ª Semana
«A REGRA DO JOGO»
Uma obra-prima de Jean Renoir

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
18.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

EUROPA
15.15 e 21.30
Grupo B - 10 anos)
«QUANDO OS DINOSSAUROS DOMINAVAM A TERRA»
21.30 (Grupo C - 14 anos)
A SOLTEIRONA com Annie Girardot e Philippe Noiret

MUNDIAL (Tel. 538743)
21.45 (Grupo D - 18 anos)
Estreia
A GOLUÇÃO FIUSE
História de uma vítima acertadamente escolhida com Tomas Milian e Kata Christina
15.15 - 18.30
Últimas de AS ESCARPAS DO Medo

LONDRES (Tel 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Grupo D. M 18 anos.
«VIVER A SUA VIDA» c/ Ana Karina, Jean Luc Godard
CINEMA - SNACK BAR - PUB THE FLAG
(Faça 3 coisas num sitio só)

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
MORTE EM VENEZA com Disk Bogard e Silvana Mangano

BERNA (Tel 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 2.ª semana
«O ÚLTIMO RESGATE» com Kim Darby, Scott Wolson e Tony Musante

LYS (Tel 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
A TRANSPLANTAÇÃO a comédia do ano

AVIZ (Tel 47163)
15.30 - 21.45
(Grupo B- 10 anos)
21.ª Semana «TRINITÁ» (cow-boy insolente) com Buel Spencer e Terence Hill

EDEN (Tel. 320768)
21.00
IX Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa.
O CARTEIRISTA Will Penny

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45 -
(Grupo B - 10 anos)
«PATTON» com George Scott e Karl Malden

ESTÚDIO (Tel 655134/5
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
O filme de Jean Luc Godard MADE IN U.S.A. com Anna Karina e Jean Pierre Leaud

VOX (Tel 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 5.ª semana
«O AMANTE» com Bibi Anderssen e Elliot Gould num filme de Ingmar Bergman

APOLO 70 (Tel 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«PEDRO SÓ» um filme de Alfredo Tropa, premiado no Festival de Valladolid 1972
Hoje às 24.00
(Grupo D - 18 anos)
OS BONS VELHOS TEMPOS

POLITEAMA (Tel 826305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«A FILHA DE FRANKENSTEIN» com Joseph Cotten
00.30 (Grupo D - 18 anos)
O CARRASCO DE LONDRES

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D 18 anos)
«Reg Verney, Daris Hare e Stephen Lewis «CURVAS NA ZONA» um filme permanente gargalhada uma comédia colorida onde a malandrice anda à solta

ALVALADE (Tel. 717480)
IX Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa.
(Grupo D. - 18 anos)
O CARTEIRISTA de Will Penny

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
(Grupo D-18 anos)
«Vejo tudo nu»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«DUAS GERAÇÕES» e «SUBLIME TENTAÇÃO»

ESTÚDIO 444 (Tel. 655134/5
15.30-18.30 e 21.45
2.ª Semana
(Grupo C - 14 anos)
«OS DOIS INDOMÁVEIS» c/ David Bradley

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 21.30
18.30 (Grupo D - 18 anos)
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
Grupo D 18 anos) 3.ª semana
«VERÃO 42» o filme de Robert Mulligou premiado no Festival de San Sebastian com Jennifer O Neill e Gary Grimes

CONDES (Tel 322523)
14.15-16.30-18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos) 2.ª Semana
«O MAGNÍFICO REBELDE» com Jack Hawkins, Trevor Howard, Michael Caine Vivien Heilbron e Donald Pleasence

S. JORGE (Tel 54153/4)
15.00 e 21.30 2.ª Semana
(Grupo C - 14 anos)
«DA TERRA NASCEM OS HOMENS» com Gregory Peck e Charlton Heston
Hoje às 18.30
(Grupo D - 18 anos)
NO CALOR DA NOITE

SAÍU ONTEM MAIS UM NÚMERO DE motor

espectáculos

LISBOA Teatros

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Um inimigo do Povo»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Deseja-se mulher»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
Pronto a despir

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Os cavalos também se abatem»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Adeus Columbus»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Sol Vermelho»

MAYER
21.00 (10 anos)
«O Archeiro do fogo»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«O Senhor das ilhas» e «Ataque à muralha do Atlântico»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«A Transplantação»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Viva a Pândega»

PORTO Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Zorro de Monteney»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«O Pai Tirano»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Baile do Conde de Orgel»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«A diligência dos condenados

S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«55 dias em Pequim»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Vidas inquietas»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Jogo na escuridão»

COLISEU
21.30 (14 anos)
Não desejarás o delicadinho do 5º?.

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Golpe de mestre»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Medico e o monstro»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (18 anos)
«A Valsa do medo»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Vejo Tudo Nú»
Palácio
21.30 (18 anos)
«Suite em hotel de luxo»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«O Malandro»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Os sobrinhos do Zorro»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«O Caminho da aventura»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Frankenstein»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Jeff»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«A Solteirona e o atrevido»

AVENIDA
21.30 (10 anos)
«Festa dos alunos do Colégio Alexandre Herculano»

LEIA O JORNAL

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

FRAGATA REAL Elenco: Deolinda Rodrigues e Arminda da Conceição em Fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra. Acompanhamentos à guitarra e viola por António Parreira e Francisco Gonçalves. **Trav. de S. Miguel, N.º 22, Alfama. Telef. 868552**

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 326307.**

FORCADO
Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João, Alberto, Manuel Martins, Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado Rua da Rosa 221 - Telefone. 368579

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Zélia Lopes, Tônia e Susana. Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca. 133. Tel 369760

ARREDA Fado amador oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório. D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves. José Pracana e José Inácio Encerra as 3.ªs feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/358197**

TAMILA Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef 48384.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade, 9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Coimbra por Plínio Ermida canções internacionais e guitarradas por Jaime Santos e F. Alvim. **Trav. da Queimada N.º 10 Tel. 362889**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

DL /ÚLTIMAS DO PAÍS E DO ESTRANGEIRO

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E-4.º
TELEF 65453 1/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Peregrinação ao Santuário de Cristo-Rei

Realiza-se amanhã, às 16 e 30, uma peregrinação de crianças ao Santuário de Cristo-Rei, em Almada, onde o vigário geral do Patriarcado de Lisboa celebrará uma missa pela paz do mundo.

ADMISSÃO AO INSTITUTO DE ODIVELAS

De 1 a 21 de Julho está aberto o concurso de admissão de alunas ao Instituto de Odivelas.

Quaisquer esclarecimentos podem ser pedidos na secretaria daquele estabelecimento de ensino.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º — Sector — **Concelho de Lisboa:** Cd.ª do Mirante, Rua da Torre, Trav.ª do Armador, Rua do Cruzeiro (parte), Rua Augusto Gomes Ferreira, Trav.ª da Ajuda. (Das 8 às 12 horas).

1.º e 3.º — Sector — Rua da Creche de 2 a 32 e 1 a 11-A, Rua dos Lusíadas de 1 a 9, Rua de Alcântara de 52-B a 54-E e Escola. Das 8 às 12 horas).

2.º — Sector — Bairro de Caselas (todo), Est.ª de Caselas de 3 a 3-A, Ginásio, Quinta de Santo António, Rua do Gravato de 2 a 32 e 5 a 23, Rua do Gabarete de 1 a 7, Rua do Miradouro de 2 a 24 e 1 a 23, Est.ª da Cruz (toda), Rua da Igreja (toda), Rua do Casal da Raposa (toda), Antigo Bairro de Caselas (todo). (Das 8 às 12 horas)

3.º — Sector — Av.ª Infante Santo de 51 a 67. (Das 8 às 12 horas).

5.º — Sector — Rua Nova do Carvalho de 7 a 61, Rua do Alecrim, 12. (Das 8 às 12 horas).

6.º — Sector — Rua dos Fanqueiros de 73 a 111, Rua de S. Nicolau de 1 a 17. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Rua João Saraiva de 28 a 38 e C.M.L., Rua Acácio Paiva de 15-A a 35-B. (Das 8 às 12 horas).

9.º — Sector — Rua de Marvila e Azinhaga dos Alfinetes (parte). (das 8 às 12 horas).

9.º — Sector — Escadinhas do Bairro América de 2 a 8 e 1 a 3-A, Rua Rui Barbosa de 2 a 10 e 1 a 47, Rua Washington de 1 a 51-B, Rua Fernão de Magalhães, 35. (Das 8 às 12 horas).

1.ª — Zona — **Concelho de Oeiras: CARNAXIDE:** (Bairro da Solátia-Células 6 e 15). Das 8 às 14 horas).

2.ª — Zona — Queijas. (Das 8 às 14 horas).

3.ª — Zona — **AMADORA:** Rua Dr. Manuel de Arriaga, Rua Luís Gomes, Rua Dr. Azevedo Gomes, Rua Comandante Ferreira do Amaral, Av.ª Marquês de Pombal, Av.ª Combatentes da G. Guerra e imediações. (Das 8 às 14).

4.ª — Zona — **Concelho de Sintra:** Pendão (parte), Idanha e Venda Seca. (Das 8 às 14 horas).

5.ª — Zona — Pedra Furada. (Das 8 às 14 horas).

6.ª — Zona — Morelena. (Das 8 às 14 horas).

7.ª — Zona — Casais de Mem Martins, Mercês e imediações. (Das 8 às 14 horas).

8.ª — Zona — **Concelho de Cascais: MALVEIRA DA SERRA:** Caminho do Uruguay, Janes e imediações. (Das 8 às 14 horas).

9.ª — Zona — **ALTO DOS GAIOS E LIVRAMENTO:** Bairro da Martinha, Alto dos Gaios, Estrada do Alto dos Gaios a Bicesse e Aldeia de Crianças SOS e suas imediações. (Das 8 às 14 horas).

10.ª — Zona — **CASCAIS:** Est.ª da Boca do Inferno, Rua Vasco da Gama e imediações (Das 8 às 14 horas).

11.ª — Zona — **Concelho de Mafra** — S. Isidoro e Ribamar. (Das 7 às 10 horas).

12.ª — Zona — **MAFRA :** Rua Elias Garcia, Rua Dr. Mário Madeira e imediações. (Das 8 às 14 horas).

13.ª — Zona — **VENDA DO PINHEIRO:** Av.ª Dr. Oliveira Salazar, Av.ª Dr. Osório Vaz, Rua Pinhal Manso, Rua Moinho Velho, Rua do Roseiral Velho, Rua do Roseiral do Monte, Rua do Roseiral da Ribeira e imediações (Das 8 às 14 horas).

14.ª — Zona — Pobral e S. Julião. (Das 9 às 15 horas).

15.ª — Zona — **Concelho de V. Franca:** Subserra. (Das 8 às 14 horas).

16.ª — Zona — Toda a rede de B. T. da Castanheira. (Das 8 às 14 horas).

17.ª — Zona — **PÓVOA DE SANTA IRIA:** Rua do Marinheiro, Rua Afonso Albuquerque, Largo da Estação. (Das 8 às 14 horas).

18.ª — Zona — **PÓVOA DE SANTA IRIA:** (Bairro da Soda Póvoa). (Das 8 às 14).

19.ª — Zona — VILA FRANCA: Sinalização luminosa (Semáforos). (Das 6 às 14).

20.ª — Zona — **Concelho de Alenquer:** Vale Benfeito, Barbas. (Das 8 às 14 horas).

21.ª — Casais Novos, Carambancha. (Das 8 às 14 horas).

22.ª — Zona — Ota. (Das 8 às 14 horas).

23.ª — Zona — Corujeira, Atalaia, Porto da Luz, Olhalvo, Meca, Canados, Montegil, Bugarréus, Penafirme da Mata, Aldeia Galega da Merceana, Penedos de Alenquer, Merceana, Aldeia Gavinha, Cabanas de Chão, Paiol, Porvela, Cabanas de Torres, Freixial do Meio, Vila Verde dos Frades, Freixial de Cima, Penuzinhos, Pocariça. (Das 8 às 13).

24.ª — Zona — **Concelho de Torres Vedras:** Boligueira, Zibreira, Carvoeira. (Das 8 às 13 horas).

25.ª — Zona — **Concelho do Sobral de Monte Agraço:** Freiria. (Das 8 às 13 horas).

CONDICIONADAS AS VENDAS A PRESTAÇÕES

-24 meses limite máximo

Uma portaria dos Ministérios das Finanças e da Economia estabelece normas de execução para o disposto no Decreto-Lei n.º 490/71, de 10 de Novembro, sobre as vendas a prestações de bens imóveis ou serviços.

A portaria fixa o valor mínimo de cada prestação mensal, incluindo os juros, em 150$00 e determina que as disposições dos artigos 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º e 14.º do Decreto-Lei 490/71, são aplicáveis, com as devidas adaptações, a todas as vendas a prestações realizadas por comerciantes no exercício do seu comércio, de quaisquer coisas móveis corpóreas não consumíveis, produzidas em território nacional ou importadas do estrangeiro, bem como de serviços, cujo valor exceda 5000$00.

O diploma hoje publicado no «Diário do Governo» determina depois as categorias de coisas móveis e de serviços que ficam sujeitos ao regime de vendas a prestações estabelecido pelo artigo 7.º do decreto: automóveis ligeiros de passageiros, a gasolina, e motociclos novos e usados; receptores de rádio e televisão, instalações, equipamentos e material de som, de reprodução ou de gravação, móveis e outros equipamentos para cozinha, e toda a aparelhagem electrodoméstica, cujo valor unitário exceda 750$00; livros, enciclopédias, colecções de publicações e quaisquer obras em fascículos desde que editados em língua estrangeira, cujo valor exceda 5000$00, por transacção; viagens ao estrangeiro, incluindo despesas de transporte, de alimentação e de alojamento, quando o preço por pessoa exceder 2000$00.

REEMBOLSO INICIAL A PRAZOS

No artigo 4.º da portaria é fixado o desembolso inicial mínimo, em cada caso: um terço de venda ao público, no mínimo de 20 contos, na venda a prestações de automóveis novos, e no mínimo de 5000$00, no caso de automóveis usados; um terço e o mínimo de 4000$00, nos motociclos novos e um mínimo de 1000$00, no caso de motociclos usados; 20 por cento do preço nos electrodomésticos e material de telefonia ou som; 30 por cento nas públicações em língua estrangeira; 30 por cento do total do preço de cada viagem para fora do País.

É depois fixado em 24 meses o limite máximo do prazo fixado para o pagamento das compras de automóveis, receptores de rádio, aparelhagem sonora e electrodomésticos; e de 12 meses na venda a prestações de livros e viagens turísticas.

Seja qual for o prazo, os encargos a cobrar ao comprador não poderão exceder em mais de 3 por cento ao ano as taxas que estiverem legalmente autorizadas a cobrar as instituições de crédito pelas operações activas de prazo não superior a 180 dias. O vendedor poderá, po contrato incluir as despesas com o seguro dos créditos; o comprador poderá ainda ser onerado com um máximo de 10$00 por prestação, a título de despesas de cobrança.

COVILHÃ: Câmara ajuda a voar mais barato

Recomeçaram as carreiras aéreas entre Lisboa e a Covilhã que compreendem viagens de ida e volta às segundas, terças e sextas. Para a continuidade destas carreiras a Câmara Municipal da Covilhã contribui com 10 mil escudos semanais. O preço das viagens teve uma redução de 46 escudos.

Duas novas fábricas de vidro no nosso país

Foi dada, recentemente, autorização para a montagem de uma nova fábrica de vidro à mão, com capitais alemães, a instalar no distrito de Leiria, estando já requerida também a instalação de uma primeira unidade inteiramente automática, com um volume de produção de cerca de cem mil contos anuais — foi ontem revelado pela eng. Maria Alexandra Gomes, secretária-geral do Grémio Nacional da Indústria Vidreira, no decorrer da sessão de encerramento do 6.º Congresso do Vidro ã Mão.

A referida técnica revelou também estar em estudo a reorganização de algumas empresas da indústria de vidro manual, cujos efeitos se farão sentir já no decorrer do corrente ano.

Amanhã, às 10 e 30, o Chefe do Estado inaugura, na Fundação Gulbenkian, a Exposição Internacional do Virdo à Mão.

A Assembleia Geral do Crédito Predial Português autorizou um novo aumento de capital até 750 mil contos

Realizou-se ontem, ao fim da tarde, na sede do Crédito Predial Português, a Assembleia Geral Extraordinária que havia sido convocada, tendo por finalidade pedir autorização para um novo aumento de capital.

Presidiu à sessão o sr. dr. Alfredo Pimenta, presidente da Assembleia Geral, ladeado pelos dr. José Mesquitela e Augusto Domingues Laje. Além, destas individualidades, faziam parte da Mesa os administradores srs. dr. Jorge Gonçalves Pereira, eng. Salomão de Quinhones Levy, dr. José Raposo de Magalhães, dr. Paulo Rodrigues, dr. Joaquim Mendonça, dr. Afonso Lucas e eng. Francisco Brás de Oliveira, e os membros do Conselho Fiscal — ?. dr. Armando Ribeiro de Almeida, dr. Luiz Pereira Coutinho e dr. José Paulo Kol de Alvarenga.

Abriu a sessão o sr. dr. Alfredo Pimenta, tendo em seguida usado da palavra o presidente do Conselho de Administração, dr. Jorge Gonçalves Pereira.

Depois de agradecer a presença dos senhores accionistas, que representavam grande parte do capital da empresa, o dr. Jorge Gonçalves Pereira referiu-se à expansão do Crédito Predial Português nestes últimos anos — lembramos que em Junho de 1970 o capital social era de 175 mil contos, tendo passado para 400 mil em 1971 — acrescentando ser aconselhável, para fazer face à necessidade de concessão de créditos a médio e longo prazo, finalidade máxima da sua existência na comunidade, o aumento do capital social.

Foi assim requerida autorização aos accionistas presentes para aumento de capital até ao limite de 750 mil contos provàvelmente parte a efectuar ainda este ano e parte em 1973, não tendo sido fixado o montante exacto pois não foi ainda requerida autorização às entidades oficiais.

Após ter sido posto à discussão este pedido foi ele aprovado por unanimidade.

Antes do encerramento da sessão, o dr. Jorge Gonçalves Pereira agradeceu ainda aos accionistas a prova de confiança que, para o Conselho Geral, esta autorização representa.

MONUMENTAL DE SANTARÉM

(ORGANIZAÇÃO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE SANTARÉM)

ESPECTÁCULOS GRUPO A (6 anos)

DOMINGO, 18 DE JUNHO (ENCERRAMENTO DA FEIRA) às 6 da tarde

CORRIDA DOS TRIUNFADORES

8 - TOUROS PALHA (de Francisco Vanzeller Palha)

triunfadores da Feira da Piedade e da Tertúlia Festa Brava de 1971

2 — CAVALEIROS — 2

JOSÉ M. BAPTISTA
triunfador da Feira do Ribatejo e da Imprensa de 1971

JOSÉ M. CORTES
triunfador da Feira da Piedade e da Tertúlia Festa Brava de 1971

2 — MATADORES — 2

MIGUEL MARQUEZ
triunfador das grandes Feiras de Espanha

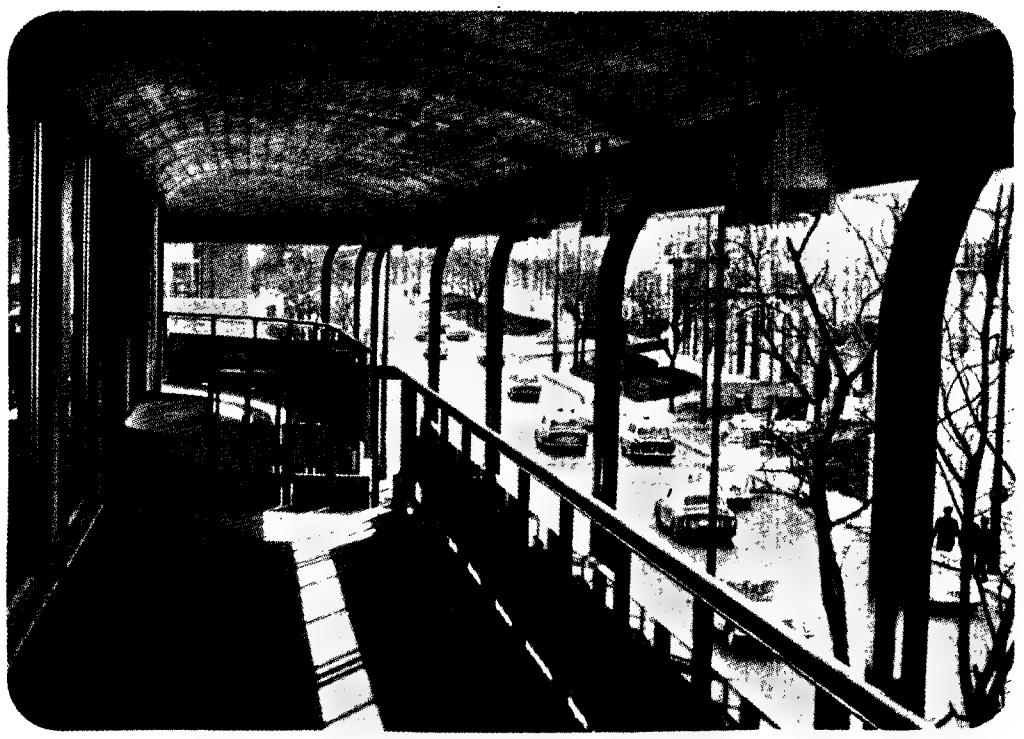
RICARDO CHIBANGA
triunfador da Feira da Piedade e da Imprensa 1971

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR
vencedores do Concurso de Pegas da Feira do Ribatejo e da Feira da Piedade de 1971
chefiados pelo Ex.mo Sr. ANTÓNIO JOSÉ ZUZARTE

SOMBRA desde 100$00, SOMBRA-SOL desde 60$00 e SOL desde 50$00

as viagens da EUROPEIA
JUGOSLÁVIA
ROMÉNIA
BULGÁRIA
TURQUIA
16 dias — 12.750$00
PENSÃO COMPLETA
PARTIDAS QUINZENAIS
Europeia
A PRIMEIRA AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

As estéticas e outras coisas na arquitectura de Lisboa



Pormenor do discutido edifício da autoria de Nuno Teotónio Pereira na Rua Braamcamp

Não sei se se considera correcto losar aqui um tema, que, embora do interesse e do domínio público, volta aqui motivado, na oportunidade, por uma campanha de outro jornal. Já quando de um depoimento num programa televisivo me tinha dado conta de que o momento mais correspondido tinha sido um brevíssimo comentário depreciativo, à Avenida da República da capital, demonstrando um imediato consenso público sobre os tristes resultados da reconstrução descontrolada dessa artéria quando o objectivo dessa intervenção era outro, bem mais grave — o das desigualdades entre a cidade e os subúrbios, como o atento Mário Castrim não deixou de registar. A mesma motivação justificará a celeuma levantada por um recente «tribunal da arquitectura» ou a oportunidade de recentes declarações do presidente do Município lisboeta, chamando a si responsabilidades, pelo menos indicativas, na avaliação dos edifícios dignos ou indignos da cidade e vindas a lume (num hábil aproveitamento publicitário) quando da visita a um edifício em acabamento.

Artigo de NUNO PORTAS

● PRELÚDIO

Por detrás desta celeuma está, certamente, uma grande frustração: para os cidadãos «comuns», como para os «cultivados», a transformação da cidade tornou-se um desastre (não só estético, claro), a construção, assim como acontece, uma fatalidade inelutável que se sente com desgosto, mas já sem reacção eficaz. (Eficaz quer dizer: que saiba como ou possa virar o barco). A «opinião pública» acusa os arquitectos, os arquitectos acusarão os construtores, os construtores acusarão a Câmara, a Câmara acusaria... e assim sucessivamente.

À Câmara pede-se até, que faça **censura,** que impeça o alastramento da fealdade, senão mesmo que elimine da face da cidade a fealdade das décadas antecedentes — que nos abrigue dos caprichos, dos desmandos, dos medíocres impunes, e pelos vistos, até preferidos, e estas medidas pedem-nas os cultivados (comissões idóneas, competentes, talvez representativas) como o pedem os comuns (proíba, sr. Presidente decrete!). Naturalmente que cada um destes intervenientes no processo que nos envolve a todos tem a sua ideia do que é o bom e o digno e que, muito provàvelmente, é diferente, ou mesmo oposto à de outros grupos. Cada um joga na esperança do júri ser da sua cor (se fosse eu a mandar!...).

Assim, cada opinião destas tenta afinal influenciar quem tem poder para decidir no sentido de impor a todos um ponto de vista suficientemente subjectivo para não poder ser de todos razão suficiente para rejeitarmos em princípio medidas de tipo repressivo sobre os **efeitos,** em vez de medidas (mais difíceis e menos imediatas, eu sei) modificadoras das **causas.** Ainda por cima quando tais medidas repressivas se aplicariam caso, a caso, degenerando fatalmente em descriminações de facção. A qualidade da arquitectura difundiu-se sempre muito mais pelo efeito de demonstração do que se impunha, logo ou mais tarde, como qualificado e exemplar, fosse aos olhos dos poderosos mecenas, fosse aos dos comerciantes, ou do público, do que por efeito de repressões que nunca se viu serem criativas. Há toda uma acção de esclarecimento a fazer envolvendo técnicos e não-técnicos, há que demonstrar antes de reprimir. E, no entanto, o que se passa nesta cidade, é, de facto tão abaixo do aceitável (por razões sócio-culturais a que podemos voltar um dia), que qualquer júri, por menos qualificado que fosse, não incorreria em grande risco de baralhar o público menos advertido com as suas escolhas, mesmo infundamentadas. Apenas aconteceu no caso que tanto se discute agora

Continua na página seis

mesa redonda

RECOMEÇO

A «Mesa Redonda» recomeça hoje, prosseguindo assim uma função específica que, sempre, melhor ou pior, desempenhou. Sem abandonar o espírito jornalístico, vivo oportuno que deve caracterizar todos os sectores do jornal, «Mesa Redonda» pretende fundamentalmente alargar e aprofundar a opinião sobre os problemas básicos que caracterizam a sociedade de hoje, recorrendo ao debate, ao depoimento, ao inquérito e formas afins, sem esquecer o recurso às fontes de informação convenientes, próprias ou alheias.

Recorrendo ao diálogo como forma dinamizadora dos assuntos que lhe são mais próprios, não rejeita a contribuição individual dos especialistas nem o recurso a uma certa amostragem da opinião pública, bitola e exemplo essenciais a um trabalho que se pretende aberto e concreto, num dado momento de um certo país.

Tendo as necessidades e aspirações do homem como alvo, «Mesa Redonda» não será, pois, fruto de uma planificação rígida, mas um pouco resultado da importância e urgência com que os problemas foram surgindo no Mundo em que vivemos.

Parece-nos ainda oportuno recordar algumas palavras que escrevemos no primeiro número de «Mesa Redonda»:

«Expor problemas e adiantar hipóteses de solução é necessário. E necessário mas não suficiente. Importa, também, saber ouvir os outros, confrontar os pontos de vista de cada qual, num esforço de compreensão mais amplo e mais profundo. Nesta «Mesa Redonda» procuraremos expor e procuraremos ouvir. Esse esforço de dar a palavra aos outros, quer aos especialistas, quer ao homem comum, não significa que queiramos fugir à nossa função principal, que é a de informar e de orientar com objectividade. E, sobretudo, tudo fazer para que o leitor possa encontrar os dados essenciais que lhe permitam concluir por si.

Leitor: não lhe queremos impor uma cátedra. Oferecemos-lhe um lugar à «Mesa Redonda».

Em defesa do ar que respiramos

As sociedades ditas desenvolvidas ou industrializadas em alto grau enfrentam um grave problema de poluição, a todos os níveis, mas que exportado para os povos menos evoluídos ou até rurais e atrasados pode parecer uma tentativa de evitar o ansiado desenvolvimento dos países pobres. Esta sugestão implícita de que o desenvolvimento, que passa pela industrialização, significa fatalmente o avanço para um mundo poluido e degradado assemelha-se a uma ideologia reaccionária e passadista, anti-científica e contrária ao progresso real das sociedades.

De qualquer modo, o bom senso precisa ser reencontrado neste grave problema, quer dizer, há que lutar pelo desenvolvimento e simultâneamente contra a poluição. E antes de tudo o mais temos de fazer tudo para defesa do ar que respiramos.

É dentro deste espírito que o conselho da NATO adoptou em Janeiro passado uma resolução sobre a poluição do ar, aprovada em Novembro do ano passado pelo Comité encarregado de se debruçar sobre os problemas da Sociedade Moderna. A o adoptarem esta resolução, os países membros, e portanto Portugal também, consideram «a poluição do ar como um dos problemas mais importantes» que os diversos países se devem esforçar por resolver, quer individualmente, quer numa base colectiva.

O resultado de diversos estudos confirma a utilidade da adopção de um método global de sistemas conducentes à garantia da pureza do ar. O mesmo é dizer para a garantia da saúde e bem-estar das populações.

Na referida resolução indica-se que os países membros deverão desenvolver esforços sérios para «melhorar e manter a qualidade do ar»; esforçarem-se por estabelecer os seus programas nacionais contra a poluição do ar e assegurar a cooperação entre os países quando os problemas dessa poluição forem comuns.

Por outro lado, Nixon assinou em Moscovo um acordo de acção conjunta russo-americana na luta contra a poluição do ar e da água e, em Estocolmo, a partir de 5 de Junho, efectuou-se a primeira conferência mundial sobre o meio ambiente, sob os auspícios das Nações Unidas.

É a propósito da conferência de Estocolmo que publicamos nas páginas interiores deste suplemento o artigo «A Quadratura do Globo», de Pierre Drouin.

Ler
Nas Páginas
Interiores
INQUÉRITOS,
DEBATES,
ETC.

assim vai o mundo

CONTRASTE — Esta imagem documenta uma realidade chocante que continua a caracterizar a vida (e a morte) no Vietnam. Enquanto um camponês prossegue o seu trabalho num campo de arroz, dois helicópteros gigantes levantam vôo, conduzindo fuzileiros navais saigoneses para a zona de combate, a poucos quilómetros desta paisagem aparentemente tranquila.

PENA DE MORTE

Em meados de Maio, com a execução de três jovens, considerados culpados do rapto e violentação de uma actriz (em 1967), elevou-se para 74 o número de pessoas que morreram na cadeira eléctrica nas Filipinas.

Por outro lado, a tentativa de assassínio contra o governador Wallace (por um jovem de 21 anos) suscitou nos Estados Unidos nova onda de curiosidade (só curiosidade) àcerca do destino dos assassinos do senador Robert Kennedy e do pastor Martin Luther King (Sirhan e Earl Ray). O primeiro encontra-se na cadeia de San Quentin, onde aguarda que um tribunal pronuncie contra ele outra condenação, pois fora condenado à morte.

Mas antes da execução, o Supremo Tribunal da Califórnia decretou que a pena de morte é contrária à Constituição e Sirhan, juntamente com outros 109 condenados à pena capital, escapou à morte, mas deve ser condenado (provàvelmente) a prisão por toda a vida.

AUTOMÓVEL

Fala-se agora muito na poluição causada pelos automóveis. As alterações exigidas aos motores de explosão pelo Governo americano levantaram um clamor de interesses feridos. Essas alterações «encareceriam muito o produto».

Por outro lado, a «Ocidental Petroleum» anuncia que preparou uma bateria capaz de ser utilizada nos automóveis.

Mas o presidente da empresa, embora salientando a importância de uma tal fonte de energia não poluidora, afirmou que o seu uso corrente «demoraria ainda alguns anos».

Continuaremos, pois, a ter poluição causada pelos veículos automóveis...

PLANETAS

O dr. Paul Cast, chefe das ciências planetárias e terrestres da NASA, declarou que além de minúsculas partículas de ferro, «totalmente inesperadas», foram descobertas entre as amostras geológicas da Lua, recolhidas pela «Apolo-16», 26,5 por cento de óxido de alumínio e 15,5 por cento de óxido de cálcio. Nunca na Terra foram encontradas rochas com uma percentagem tão grande de alumínio e cálcio.

Quanto a Marte, cientistas americanos e russos, recentemente reunidos em Madrid na XV Conferência Internacional de Investigação Espacial, pensam que as diversas cores periòdicamente apresentadas pelo planeta «são devidas à violência das tempestades de areia que aí se registam». As tempestades de Marte dão-se quando aquele planeta se encontra mais próximo do Sol. A espessura média da poeira que cobre a superfície de Marte é calculada em cerca de 100 metros, sendo resultantes do impacto de meteoritos que bombardeiam o «planeta vermelho» a uma cadência dez vezes superior à que sofre a Lua, por exemplo.

SUEZ

O Canal de Duez, que põe em comunicação o Mediterrâneo com o Mar Vermelho e o Oceano Índico, tem 164 quilómetros de comprimento e é considerado, justamente, uma das obras mais grandiosas do século passado (foi construído por Lesseps e inaugurado a 15 de Novembro de 1858).

Encerrado desde a «guerra dos seis dias», pareceria que a sua falta traria gravíssimas consequências à economia mundial. A gravidade do facto, e apesar dos muitos milhares de navios que por ali passavam anualmente, foi amenizada pela existência de «pipe-lines» e de petroleiros gigantes que circundam a África. Em todo o caso, a III Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento aprovou recentemente uma moção em que se pede a reabertura do Canal de Suez e a evacuação da zona por Israel.

CABELEIRAS

O comprimento dos cabelos, no Exército da República Federal da Alemanha, constituiu problema muito discutido e acabou por ter de ser resolvido pelo ministro respectivo. Com efeito, por uma ordem do dia de Fevereiro de 1971, os soldados podiam usar cabelos compridos até aos ombros.

Mas perante o protesto unânime dos oficiais e dos virulentos relatórios do corpo médico do «Bundeswehr», o ministro da Defesa, Helmut Schmidt, anulou esta medida considerada «demasiado demagógica» por bom número de alemães. Segundo as novas instruções, os cabelos dos soldados não deverão ir além dos colarinhos da camisa e as orelhas e os olhos deverão manter-se descobertos.

A notícia não diz se são permitidas tranças ou «rabo de cavalo»...

TRABALHO

Efectuou-se no Luxemburgo o II Congresso da Organização Europeia da Confederação Mundial do Trabalho (antigamente Confederação dos Sindicatos Cristãos). Estavam presentes mais de uma centena de delegados, representando todas as organizações sindicais filiadas.

O Congresso ocupou-se do tema: «Elementos para a construção de uma Europa social». Foram debatidos três pontos essenciais: O emprego na Europa; A empresa na Europa sob o ângulo multinacional e participação; e a política dos lucros.

TRABALHADORES

Dois sindicatos do Mercado Comum (a C. G. T. francesa e a C. G. I. L. italiana) pensam que a Comunidade Económica Europeia faltou gravemente às suas obrigações ao deixar de respeitar o artigo do Tratado de Roma que prevê igualdade de salários para os trabalhadores masculinos e femininos.

Convidados pela Comissão Europeia para uma visita de informação a Bruxelas, os representantes destes dois sindicatos reclamaram a convocação de uma conferência dos «Seis» e dos seus parceiros sociais, para debaterem exclusivamente o problema do trabalho feminino.

Segundo esses representantes sindicais, nos países do Mercado Comum, em cada três trabalhadores um é mulher. A diferença de salários é actualmente de 6,2 por cento, contra 10,8 por cento em 1966.

DECIMALIZAÇÃO

A adopção do sistema decimal pela Inglaterra constituiu o reconhecimento das enormíssimas vantagens de terminar com certos pruridos e resistências, em defesa de anacrónicos e anticientíficos «patriotismos».

A decimalização representa, hoje, um esforço e uma dificuldade que teriam sido evitados se o conservadorismo britânico tivesse sido menos ferozmente sectário, na altura própria. Paralelamente, entrou também em vigor em Malta o sistema decimal para a moeda.

A influência inglesa não se estendeu apenas a Malta. Entre nós, a polegada ainda é muito usada como medida (como, por exemplo na metalurgia), mas isso tenderá, agora, a desaparecer.

IRAQUE

Mosaico de povos e de religiões, herdeiro de uma velha tradição de revoltas e de violências, não deixou de ser sacudido por forças centrífugas que o Baas, partido no poder desde 1968, entende manter em xeque. Desde há um ano a esta parte, uma expressão aparece constantemente nos relatórios dos embaixadores e dos conselheiros comerciais estrangeiros: «O Iraque baasista entrou na década do desenvolvimento». Não se passa um único dia sem que os jornais anunciem o lançamento de um projecto ou a inauguração de uma realização.

Em todo o caso, os técnicos iraquianos têm a consciência de que sòmente a educação e a formação lhes permitirá superar o atraso. Depois da chegada do Baas ao poder foram abertas catorze escolas secundárias, contra nove entre os anos de 1921 a 1968.

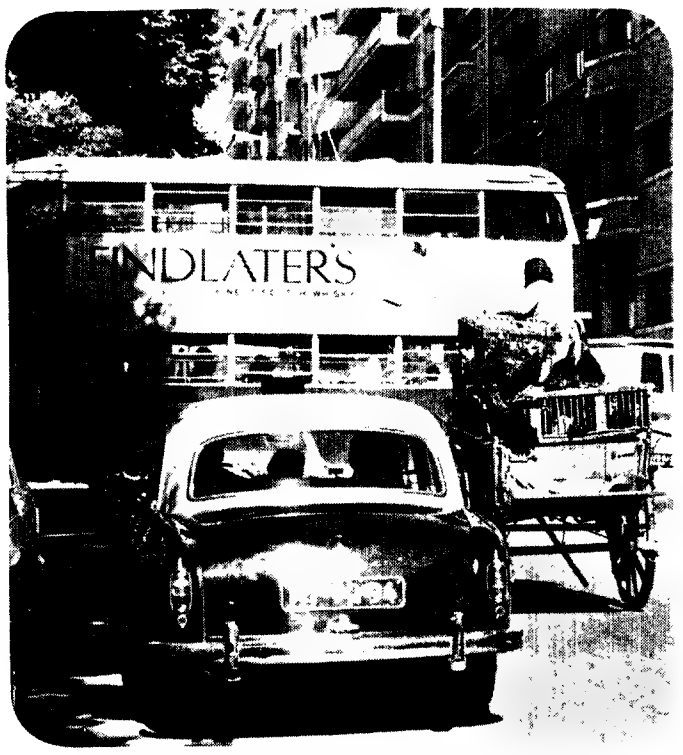
assim vamos nós

TRANSITIRONIA

Que as horas de ponta se tornaram um suplício para quem tenha de se integrar no trânsito da cidade já faz parte das letras dos baladistas... A um engarrafamento numa rua segue-se outro engarrafamento na artéria seguinte. E se o «mal nervoso» entra com os automobilistas, que hão-de dizer os desgraçados que viajam de autocarro ou de «eléctrico»?

A maioria silenciosa dos utentes da Carris não tuge nem muge: já se habituou ao descoroçoado de procissão. E não resistimos a reproduzir aqui um jocoso comentário que ouvimos a propósito deste assunto:

Eu entendo que o revisor da Carris, juntamente com o bilhete, podia oferecer um pacote de batatas fritas ou, pelo menos, meia dúzia de tremoços a cada passageiro. Entretinham-se as pessoas e saciavam-se os estomâgos nas horas poluidas. Dupla vantagem, segundo os psiquiatras».



À ESQUERDA E À DIREITA

«Sem tibiezas, não devemos fechar os olhos às desgraças da Pátria e cair emocionadamente nas graças dos grupos das esquerdas ou das direitas que pretendem servir...servindo-se» afirmou, no passado dia 1, o ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, ao proferir em Arganil um dos seus raros dicursos. Àcerca do problema da emigração, muito sentido naquela vila beirã, Veiga Simão disse:

«Temos de lutar para que homens da terra aqui se radiquem cada vez mais e não os abandonemos a serem escravos da aristocracia estrangeira de capital explorador, que tantas vezes não vê neles seres humanos, não respeita o seu suor e as suas lágrimas, mas usam-nos quais máquinas que esgotam até aos limites da sua capacidade e os abandonam enferrujados à sua sorte».

NÃO BASTA

Ponto 17.º de uma exposição da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Alter do Chão, sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, dirigida ao secretário de Estado do Tesouro e que visa dar um contributo para a reestruturaçao da política de crédito agrícola:

«Não será ùnicamente a diminuição da taxa de juros ou a redução do factor aplicado à contribuição predial, ou o impedimento da subida de preços dos adubos, ou a facilidade de aquisição dos maquinismos, ou o desconto na compra de alfaias, que poderá influir na melhoria da economia agrícola. Há que fomentar a criação de cooperativas de produção e consumo, e criar instituições capazes de defender, eficazmente o lavrador.

E de que forma? Proporcionando-lhe condições económicas de resistência que actualmente não possui e sem as quais ficará à mercê do mais forte no campo da finança. Por isso, urge renovar a legislação do crédito agrícola, de modo a permitir-lhe proporcionar ao empresário o desafogo económico de que não dispõe, defendendeo-o assim do usurário, sempre atento e sempre solícito às oportunidades que lhe permitam devorar os economicamente débeis que, por fatalidade, se lhes vão meter sob as garras aduncas e insaciáveis».

Vendo as coisas com realismo, é evidente que o critério agrícola tal como é visto só pode dirigir-se, nas condições presentes, ao empresário que já possui expressão económica. Será portanto de dizer que também o crédito agrícola não basta.

DOIS MILHÕES

No editorial do último Boletim da Junta Nacional da Cortiça refere-se com grande entusiásmo que a exportação corticeira portuguesa atingiu, em 1971, o valor de um milhão e oitocentos mil contos, adicionando o valor do comércio interno, julga-se que o movimento total já se aproxima dos dois milhões de contos.

No ano passado, foi superada a média do último quinquénio em mais de 14 por cento, ainda segundo a mesma fonte, e a do quinquénio imediatamente superior em 18 por cento. Isto frisa-se, apesar de em tonelagem ter havido um regresso da ordem dos 1 por cento e 18 por cento respectivamente. O que parece supor, dada a queda pronunciada da produção nas últimas safras, que o aumento do valor das exportações está a ser feito à custa de forte subida de preços. Apesar disso, as perspectivas apontadas no Boletim são animadoras, e no referido editorial acaba por salientar-se o crescente carinho que vem sendo dedicado a este produto de características nacionais, carinho que deve manter-se «protegendo e auxiliando a expansão do sobreiro, aprofundando o conhecimento e melhorando a tecnologia da cortiça».

A barreira dos dois milhões, afirma-se ali, será vencida em breve.

Estado Social ou Estado de Direito?

inquérito

Nos meios políticos governamentais rotula-se o regime que nos rege de Estado Social. Algumas personalidades, incluindo governantes e deputados, exprimem o desejo de que o Estado Social evolua para um Estado Social de Direito.

Numa das suas últimas **conversas em família** disse o sr. Presidente do Conselho:

«Neste momento temos de criar hábitos de liberdade com responsabilidade. Chamo a atenção para este ponto e não me cansarei em insistir: a responsabilidade é inseparável da liberdade». E ainda: «A orientação do Governo neste matéria é a de ir progressivamente criando zonas cada vez mais largas de liberdade e de fazer funcionar os mecanismos normais da responsabilidade».

Por sua vez o deputado Francisco Sá Carneiro afirmou:

«De novo se fala em Estado Social. E logo toda uma propaganda pretende apresentar como algo de novo essa expressão velha de quarenta anos, que significa apenas que o poder político prossegue fins sociais e económicos, como é inevitável em todos os Estados Modernos. Hoje, como há quarenta anos, pretende fazer-se esquecer a falta de liberdade da pessoa com a necessidade de lhe garantir segurança, saúde, trabalho, educação e previdência». «Quer-se que a pessoa deixe de estar à mercê do poder, e que este seja repartido entre os órgãos de soberania. Pretende-se que o regime político seja aquilo que ele próprio diz ser: respeitador da dignidade da pessoa, assente na soberania do povo, limitado pela Moral e pelo Direito».

No Livro «Estado de Direito e Sociedade Democrática», de Elias Diaz, recentemente lançado na sua versão portuguesa por Iniciativas Editoriais, pode ler-se entre as conclusões:

«A democracia deve ser proposta com o objectivo permanente e deve entender-se como processo sempre em aberto no decorrer do tempo. Os conflitos e os obstáculos não desaparecem fácilmente. Um mundo fraccionado como é o actual não se recompõe nem se unifica **realmente** com facilidade. Acreditamos que o importante é não perder o objectivo de vista e não abandonar o processo nem fazer marcha atrás. Como escreveu o professor Jiménez de Parga, «não existe Estado de Direito puro. Não se verifica em sítio algum a democracia modelo. Mas alguns Estados aproximam-se mais do ideal — são mais Estados de Direito — do que outros, tal como alguns regimes são mais democráticos do que outros». Esta meta, este objectivo, em aperfeiçoamento progressivo na história pode hoje concretizar-se na fórmula institucional que temos designado de **Estado democrático de Direito,** Estado que exige ser construido sobre uma organização económica e ideológica de carácter socialista na qualidade de forma mais correcta de alcançar a realização de uma democracia **autêntica».**

Sobre este problema pedimos breves depoimentos a diversas personalidades cujas opiniões pensámos ser representativas e que publicaremos logo que as recebamos. Entretanto, abrimos o inquérito ás pessoas que tenham sobre o assunto pontos de vista merecedores de atenção.

Que entende por Estado Social?

Que entende por estado social?

Nos meios politicos oficiais tem-se afirmado que o Estado Português tende para um Estado Social. A expressão já faz quatro anos de existência. Que imagem se criou entretanto no público do que seja um Estado Social?

Maria Rosa Gonçalves, 50 anos, costureira:

«Essa do Estado Social é um pormenor das «Conversas em Família» que oiço sempre mas que não entendo bem. O sr. presidente explica-se bem e aprecio-o muito. Mas fico sempre a pensar o que quererá ele dizer com esse pormenor do Estado Social. Talvez queira dizer que nos devessemos compreender, que nos devessemos entender, pensarmos todos da mesma maneira. Sabe há muita falta de compreensão».

Esmeralda Miguel Amaral, 27 anos, formada em Românicas e a trabalhar no Gabinete de Estudos e Inspecção Geral de Minas:

«Estado Social é o estado em que as pessoas vivem em sociedade. Todos os Estados são sociais, porque desde as épocas remotas todo o ser tem de viver com os outros seres. Tanto os Estados capitalistas como so Estados socialistas são assim Estados Sociais, o que é preciso é que haja uma organização com determinados principios orientadores».

Mário Alves Nunes Pais, 31 anos, motoristas de taxi:

Sinceramente não chego bem a entender. O que sei é que isto está cada vez mais caro, que pago mil e seiscentos escudos de renda de casa. Mas talvez queiram dizer que somos todos sócios. Se isto é um Estado Social pois bem que seja um Estado Social. Olhe, vá antes perguntar aos politicos, que eles devem saber desvendar esses mistérios. Mas se o dr. Prof. Macelo Caetano, que é um político de méritos, diz que isto é um Estado Social é porque é.

Jorge Leitão Ramos, 20 anos, estudante universitário:

«Estado social é uma **designação nova,** e por isso não faço ainda ideia do que **signifique precisamente** para as pessoas que inventarem esse termo».

Domingos Dinis Miguel, 25 anos, empregado de café:

«Não estou dentro disso. E uma pergunta de alta estirpe e a minha baixa cultura não me permite responder.

José Tavares, 68 anos, proprietário:

«Estado social quer dizer que tem ideias socialistas. Mas não é bem um estado socialista, porque esse é um Estado em que todos são iguais. Fala-se portanto num estado socialista moderado.

Maria Helena de Sá, 34 anos, empregada bancária:

«Estado social é toda a nossa vida, pois deveriamos conviver mais. Toda a nossa vida, toda a nossa atenção deveria estar centrada nos outros. Dever-nos-íamos debruçar mais sobre a sociedade que nos rodeia e a quem muitas vezes não damos o devido valor. Deveríamos todos fazer qualquer coisa pelos problemas morais, sociais e quotidianos e não esperar que isto chegue tudo ao caos.»

As alterações ao Código Penal e ao Código do Processo Penal

QUAL A SUA OPINIÃO?

Reformada a Constituição no Verão passado, ampliadas as garantias do art.º 8.º (a declaração de Direitos portugueses), urgia introduzir alterações ao Código Penal e ao Código de Processo Penal. O Governo fê-lo, através de dois diplomas publicados em 31 de Maio: os decretos-lei 184 e 185, de 1972, respectivamente. Àcerca de nova legislação — cuja importância deve ser sublinhada, na medida em que respeita directamente à vida e à liberdade do cidadão português — interrogamos os drs Francisco Salgado Zenha (advogado, candidato da CEUD às eleições gerais de 1969), Manuel João da Palma Carlos, advogado, e Carlos Meira, director da Prisão-Hospital S. João de Deus.

Dr. Salgado Zenha:

A última revisão constitucional foi anunciada pela Câmara Corporativa como aquela que «maior número de inovações de tomo» introduziria no capítulo das «liberdades e garantias individuais».

E o Prof. Marcello Caetano na última edição da sua «História Breve das Constituições Portuguesas» também afirma que ela «amplia os direitos individuais e as garantias dos cidadãos portugueses».

A reforma do processo penal (Decreto-Lei 185/72 de 31 de Maio de 1972) propõe-se incorporar na legislação ordinária essas garantias individuais «ampliadas» resultantes da revisão constitucional de 1971 - é pelo menos o que se afirma no relatório prelimiar.

Simplesmente, o resultado é decepcionante...

Apenas algumas nótulas.

Logo à entrada o Decreto-Lei 185/72 reconhece que, por nele se conter a regulamentação do habeas corpus, tal diploma é da competência exclusi-

Continua na página quatro

Dr. M. J. Palma Carlos:

Em face de um Código Penal tão antiquado e inadequado às condições sociais actuais, e em que os crimes e as penas estão inteiramente desajustados às realidades do que deve ser considerado ilícito, e à medida com que cada ilícito deve ser punido, — uma reforma parcelar de 29 artigos do Código Penal, não pode conter muita matéria de real interesse. Anoto, entretanto como a medida mais válida constante da Reforma, a que a manda passar a descontar, na duração das penas, toda a prisão preventiva que o Réu houver já sofrido, à data da sua condenação.

No que respeita à Reforma parcelar do Código de Processo Penal, verifico que nela se contemplam de forma expressa matérias importantes, como a da presença dos advogados aos interrogatórios dos arguidos e a possibilidade mais activa da intervenção destes na instrução dos processos, — mas continuam a ser sucessiva e perigosamente longos os prazos de pri-

Continua na página quatro

Dr. Carlos Meira:

As alterações são a expressão dum trabalho de ajustamento de normas penais e do respectivo «processo» aos preceitos da Constituição Política, além de outras alterações não pròpriamente vinculadas a essa circunstância, como, por exemplo, a de criar as condições necessárias à reforma da legislação de execução das penas, em avançado estado de elaboração.

Em qualquer dos diplomas perpassa uma visível preocupação de respeito pelos direitos individuais e de aligeiramento realista das medidas penais, através de normas elaboradas com sentido humanista, perícia técnico-jurídica, na linha da melhor tradição dos nossos jurisconsultos.

Tendo em atenção que se pretende uma impressão muito geral, sobre as instituições, lançarei uma preocupação, pessoal, de estudioso, sobretudo, dos problemas penitenciários. Aliás bem aflorada na parte final do relatório do primeiro destes diplomas.

Continua na pagina quatro

Pedagogia à moda do Porto

A Faculdade de Letras do Porto e o seu curso de Ciências Pedagógicas transformaram-se por obra e graça do Prof. Fortunato Queirós em mais um laboratório de experiências, neste ano que em Portugal é o da Reforma do Ensino Superior. Serviram de cobaias os oitecentos alunos, na sua quase totalidade professores eventuais do ensino secundário, que decidiram «malgré eux-memes» apresentarem-se à 2.ª frequência de «Pedagogia Didáctica».

Acompanhando o enunciado do assunto a desenvolver no ponto, seguiam-se oito «considerações» que muito contribuiram para a criação de um ambiente psicológico propício aos furos intelectuais:

«1) **A simples reprodução do pensamento de Rogers (autor que deveria ser criticado pelos estudantes ao longo de duas horas) não é considerada para efeitos de classificação;**

2) Não há vantagem para ninguém em que se releia o mesmo tantas vezes quantos são os alunos;

3) A crítica que se pede carece de ser fundamentada pois não podem confundir-se juízos de alunos de Pedagogia com opiniões vulgares;

4) O seu ponto escrito não deve (mas pode) exceder duas a três páginas com letra legível e em linguagem clara e objectiva;

5) Se a letra não for legível, será remetido para exame final;

6) Se, após reflexão calma sobre o tema, não se sente capaz de o desenvolver como lhe é proposto, é preferível desistir do que «empalhar»;

7) Desde que se limite a trabalhar entregue à consulta de textos, à reflexão e ao desenvolvimento do tema, fiscalização não é para si.

8) As 1.ª e 2.ª chamadas do exame final são a 20 e 23 de Junho às quinze horas».

Ora aqui está uma maneira eficaz de pôr os amigos das frequências fora de combate, evitando assim a acumulação de trabalho para os professores universitários já de si tão sobrecarregados. Foi, aliás esclarecido verbalmente, segundo nos relata uma das felizardas cobaias, que se pretende simplificar o trabalho da correcção dos pontos» pois que assim não se terá que ler parte das primeiras frequências, cujo respectivo exame teve lugar em 19 de Fevereiro». Pudera! «Empalhar por empalhar», chega um celeiro...que o digam os jovens professores liceais (ainda a necessitar de fiscalização para os copianços...) e o seu mestre de Pedagogia.

Ou talvez tudo isto seja apenas um «método Rogeriano» de aplicar o que todos os outros vão fazendo por essas Escolas Superiores, e não só...

Alteracões ao Código Penal

D. Salgado Zenha

Continuação da pagina anterior

va da Assembleia Nacional, nos termos do art.º 93, al. f), da Constituição.

Quer dizer, o Governo violou a Constituição legislando sobre matéria para a qual é incompetente; usurpou, em suma, a competência da Assembleia Nacional. Mau sintoma...

Defende-se o Governo com a alegação de que procedeu assim porque tal regulamentação permanece «substancialmente inalterada». Quer dizer, se ela continua «inalterada» não foi «ampliada». Logo, não se ampliaram, conforme se prometeu as garantias individuais neste sector-chave do processo penal.

Acrescente-se que o art.º 93, al. f), da Constituição é «imperativo» ao determinar a competência «reservada» da Assembleia Nacional em matéria legislativa.

Se o Governo o não acata sob o pretexto de que o decreto usurpador não é inovador, isto significa que o Governo se arvora em juiz das suas próprias obrigações — e esta é uma das características dos Estados monocráticos.

O desacato é tanto mais chocante quanto é certo que a anterior regulamentação do habeas corpus consta igualmente de um decreto do Governo!

Nem se compreende por que motivo se receiou cumprir agora a Constituição neste ponto.

Do mesmo decreto se vê que a detenção policial continua a ter entre nós a fantástica duração de 90 dias. Em Espanha, pelo art.º 18 do Fuero de los Espanõles a duração máxima da detenção policial é de 3 dias. Entre nós, é de 90 dias!

Para quê comentários?

Dr. Palma Carlos

Continuação da pág. anterior

são preventiva sem culpa formada.

De resto, habituado, desde Outubro de 1945, a sucessivas reformas penais e processuais penais, tendentes tão-sómente a legalizar irregularidades contra que se protestava, e à medida que contra elas se protestava, encaro ainda com natural desconfiança as medidas agora promulgadas, cujo verdadeiro valor e alcance, só na prática poderão ser entendidos.

Dr. Carlos Meira

Continuação da página anterior

As reformas podem ser muito belas e perfeitas no papel mas se lhes falta o suporte humano e as condições materiais indispensáveis, melhor será não as promulgar. Ao passo que uma organização funcional, e «culta» torna humana e cientificamente, perfeita a execução de leis medíocres.

A investigação criminal, o patrocínio judicial, a instrução o julgamento,a fusão preventiva etc realizar-se-ão em extremos opostos de eficiência autêntica e respeito, pelas pessoas conforme forem manipulados ou não por pessoas especializadas e «cultas» seja qual for a perfeição da legislação aplicável Tenho a experiência de que muita legislação em vigor, cujos comandos não actuam, contém virtualidades que não foram exploradas e com princípios e preceitos de flagrante actualidade. Falharam os responsáveis. E a comunidade não está à altura de o impedir.

Há fundadas esperanças na «Nova Reforma». A reforma de grande folgo que se espera. Mais do que uma especiosa rede de altos raciocìnios de lógica jurídica na elaboração dos institutos penais, há que definir, bem, esquemas simples, oportunos e seguros que permitam, sobretudo realizar os fins maiores da tutela tro penal: reinserção social, familiar e profissional dos autores dos delitos.

E, portanto, há que ter em conta que o detido ou condenado é, antes de mais, um ser humano, unidade complexa que requer um conhecimento através dos métodos das ciências do conhecimento do homem, das suas relações e dos seus problemas.

«Humanizaram-se em certas medidas as relações humanas nas prisões e desfez-se muito rigor desnecessário e presunçoso. Mas é pouco. É preciso vencer a pesada ignorância em que ainda se vive nesta matéria, em que grande parte das pessoas figura o condenado como estando na cadeia «a pagar a sua dívida á Sociedade». É preciso despertar a coragem das pessoas cultas e responsáveis para se passar do humanismo caridoso, louvável mas insuficiente para o humanismo cientifico, como diz Jean Pinatel. Há necessidade de serviços de investigação e ensino de criminologia, de pessoal com aptidão e preparação apropriada ao tratamento dos delinquentes. Há necessidade de criar condições para organizar a criminologia clínica. Preparar a magistratura penal com formação criminológica, a par do ensino das disciplinas pertinentes a todos os que vão trabalhar ligados ao fenómeno criminal, através de institutos pós-graduados de nível universitário e médio. Penso, mesmo, em ensaiar a criação de institutos de tratamento penitenciário sob a r e s ponsabilidade de distintas entidades, idóneas, tornando possível a emulação útil, pela análise e confronto dos resultados.

Tratar penitenciàriamente, os condenados já há muito que não é só, intimidá-los ou criar-lhes bons hábitos no sistema das soluções simplistas da disciplina repressiva. Há que integrá-los no sistema nacional de ensino, e educação e tratamento, em que os quadros, o pessoal e o conteúdo da acção se unifiquem pelo objectivo comum da valorização humana e social, no mesmo nível científico. Deste modo, tornou possível acção concertada de especialistas em vista da despistagem e trataemnto de acordo com a personalidade e as carências de cada um.

Toda esta acção que é do domínio da organização prisional deve ter prioridade sobre a publicação de uma nova codificação do direito penal, como acertadamente se refere no relatório que antecede o primeiro decreto-lei.

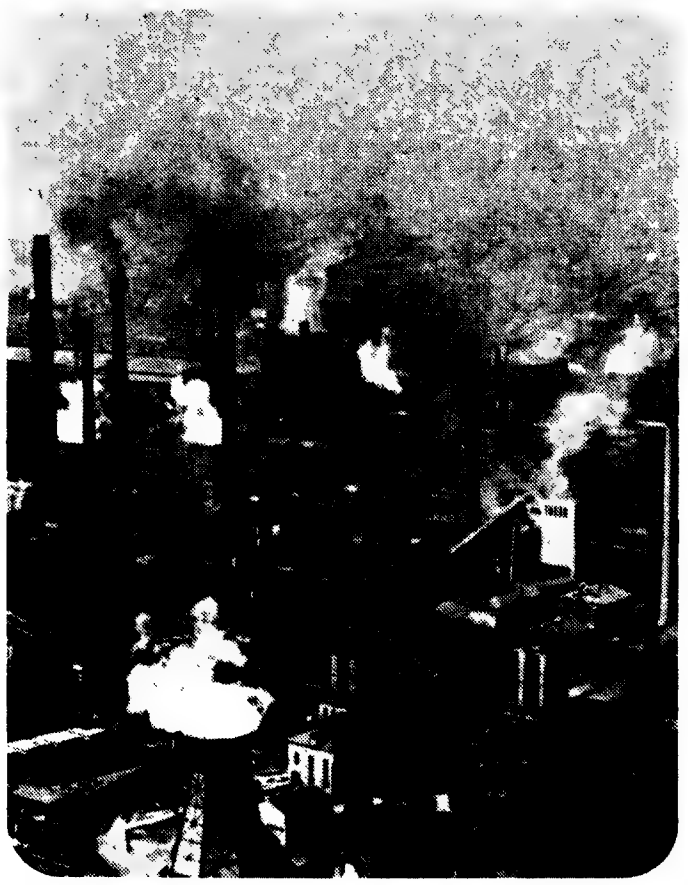
Porque, sem pessoal com formação capaz e com estímulo, organização e imaginação criadora, podemos ter as melhores leis penais que não adianta nada.

* Stand Nº 1101
Feira Internacional de Lisboa
Pavilhão nave central

Apartado 2488
Lisboa

mobiliário moderno
em elementos funcionais
concebido para o seu bom gosto

interlübke®



Poluição e meio ambiente

A quadratura do Globo

Por PIERRE DROUEN

Estocolmo prestou serviços relevantes em prol da natureza. A história da batalha efectuada em 1971 pelos habitantes de um dos seus bairros e destinada a salvar um conjunto de ulmeiros condenados ao machado dos «urbanistas», deu a volta ao mundo. É justo que a primeira conferência mundial sobre o meio ambiente se realizasse na capital sueca. Obterá maior sucesso do que uma outra reunião importante realizada entre os países do Planeta e que ocorreu em Santiago? No Chile, os países pobres e subdesenvolvidos, procuraram minorar os pontos negativos causados pelo subdesenvolvimento; em Estocolmo, os mesmos irão lutar pelos do superdesenvolvimento. Na reunião da CNUCED, os países industriais não se atreveram verdadeiramente a enfrentar os males do Terceiro Mundo. Saberão melhor enfrentar os males nascidos de uma expansão do equilíbrio ecológico?

Como no caso da luta contra a miséria no hemisfério sul, o combate contra a poluição sòmente se concebe na escala planetária. Se é um âmbito em que as fronteiras não têm sentido, é porque estão em jogo o ar, o mar e os rios. De que serve ter uma casa cuidada se o vizinho vem depois sujá-la com a sua falta de cuidado? Limpar a areia das praias e formar «jardins maravilhosos» é uma ideia muito simpática, até ao dia em que um petroleiro enche de petróleo as águas a pouca distância da margem. De que serviria uma lei alemã draconiana tendente a desembaraçar o «pai Reno» de um pouco das impurezas das suas águas, se as minas de potassa da Alsácia a continuam a poluir?

Uma única Terra» é o **slogan** adoptado pela conferência de Estocolmo (1). É eloquente. Sendo um resumo da ideia que preside à cruzada contra os prejuízos que afectam o meio ambiente, em que a cooperação internacional é a matéria-prima da acção, tem também o significado de que nada temos que possa substituir o nosso planeta. Ao gastar os recursos da terra impensadamente, ao massacrar irremediàvelmente a natureza, diminuindo as suas possibilidades proporcionalmente ao crescimento da população e da produção não é na Lua que se poderá alargar o nosso espaço vital.

A réplica à escala mundial contra todo o negativismo de um crescimento incontrolado aufere hoje um maior crédito, devido à ressonância do tema. De Oriente a Ocidente, os povos tomaram consciência do fenómeno da poluição num grau surpreendente. Os japoneses juntam-se aos suecos num protesto contra os poluidores de todo o género, os holandeses unem as suas vozes aos «amigos da natureza» franceses e os **hippies** de todas as nações encontram apoio em toda uma série de professores de diversos horizontes (Ehrlich, Pecht, de Jouvenel, etc.) e até mesmo industriais da vanguarda (Paccei).

Se ainda tivéssemos necessidade de ilustrar o poder das **media**, esta exaltação dos espíritos pela causa da «qualidade da vida», seria particularmente convincente. «Na era da electricidade, a humanidade é o que mais nos interessa» (Mac Luhan). Os meios de comunicação em massa, não são aliás os únicos amplificadores destas novas exigências. A força do processo de urbanização, bem como a semelhança do fenómeno e de todo o seu cortejo de bem conhecidas consequências traumatizantes: barulho, falta de espaço, atmosfera poluída, uniformiza os comportamentos dos cidadãos do mundo. Eles já não pretendem uma cidade semelhante a um caixote do lixo, uma cidade cheia de construções de cimento e automóveis, mas poluída.

Sem uma harmonização intercontinental quanto às acusações suscitadas pela luta contra a poluição, qual o Estado heróico que aceitaria fazer mais do que o vizinho com o risco de comprometer a sua competitividade? Quanto seria preciso pagar para tornar o meio ambiente mais habitável? De 5 a 10 por cento do P. N. B. segundo o grau de avanço da sociedade industrial? Talvez. «Motivados» como se encontram hoje em dia, os cidadãos sem dúvida aceitarão estes sacrifícios, na condição evidentemente de que os vizinhos façam outro tanto. Se assim não acontecesse, os países virtuosos suportariam não só as consequências da poluição causada pelas nações negligentes, mas também a inundação dos seus produtos.

Neste aspecto, o empreendimento das Nações Unidas corresponde à expectativa geral. Durante cerca de dois anos, o secretariado da conferência mundial sobre o ambiente reuni uma série de documentação proveniente tanto de instituições especializadas da ONU como de serviços nacionais, organizações científicas internacionais, de organismos privados e peritos de ecologia.

Era não só dirigindo-se a todos os países, mas também atacando o problema sob todos os

Continua na pag orto

Quem somos nós?

Por JOSÉ SARAMAGO

Fomos mareantes e descobridores, afirmam-nos os padres-mestres, como se afinal tal destino não estivesse na lógica da nossa situação geográfica, de propósito se esquecendo que todos os povos virados aos mares e oceanos algo acabaram por navegar e descobrir: os gregos e os fenícios, os escandinavos e os holandeses, os espanhóis e os italianos...

Bem sei que de evidências deste género é que se alimenta a vaidade dos povos: por essa via universalmente explorada, cada um se sentirá o melhor, o mais ousado, o mais culto, o mais adiantado, uma espécie de eleito de irónica divindade que partisse a história em gomos e a distribuísse ao sabor das suas inclinações. Daqui não resultam grandes prejuízos, a não ser fomentar-se um chauvinismo irracional, graças ao qual os acontecimentos variam de importância consoante o lado da fronteira em que se deram, e as batalhas ocupam nos compêndios escolares o espaço que menos ofenda ou mais exalte o orgulho nacional.

Estranho caso, contudo, é este nosso, que tanto invoque a história um país onde tão pouco se pensa històricamente, onde a história é assim como uma peça de pano em que se cortam os factos e sobretudo os atavios necessários, sem se cuidar de saber de que matéria se faz a fazenda e quais sejam as suas garantias de duração. A história, assim utilizada, com perdão de quem me leia, é como uns poucos papagaios lançados ao ar para pasmo das gentes e seu folguedo. No fundo, as pessoas sabem que é tudo uma questão de corrente de ar e que nada daquilo tem peso sobre o que se passa ao nível do chão. Por mim, não creio que o povo português se sinta intelectualmente, em consciência, herdeiro de Vasco da Gama ou de Gil Vicente, de Afonso Henriques ou de Luís de Camões, de Pedro I ou de Fernão Lopes...

As constantes evocações históricas que nos acompanham desde o berço não ganham raízes num húmus colectivo que dê sangue e seiva aos pálidos fantasmas que são os discursos evocadores ou as lições forçadamente aprendidas. Algumas vezes me tenho interrogado sobre esta aparente incongruência: de um lado, uma história que se proclama riquíssima de exemplos; do outro, uma nação que contempla essa história com olhos distraídos e cérebro alheado. Desta reflexão é que nasceu o título do presente comentário que à pergunta certamente não responderá, mas que (se não me iludo) resume o que é hoje inquietação de muitos de nós: Portugal, o que é? É outra pergunta ainda, que daquela deriva necessàriamente: Portugal, o que será?

A resposta (se alguma vez vier a ser dada) é infinitamente plural: nunca como hoje se pôde brincar menos com coisas sérias, e as exigências de uma análise correcta são tais e tão diversificadas, que o simples cronista se deverá dar por satisfeito com ter aflorado ao de leve a interrogação mais próxima. É o seu modo de estar presente, de intervir, de exprimir a sua cidadania, de querer bem ao país onde nasceu, de amar o povo a que pertence...

Algumas vezes, repito, me tenho interrogado: ao longo da história, que foi que faltou aos portugueses? Não lhes faltaram guerras para o alargamento do território até à sua final «definição»; não lhes faltaram os mares a navegar e a descobrir, e terras, ao cabo deles, a conquistar; não lhes faltaram os desastres e os lutos, as pestes e as fomes; não lhes faltou o duro trabalho que tudo isto pôde ir vencendo; não lhes faltou enfim a capacidade de lutar e de sobreviver como nação até hoje, quando uma nova sociedade (e quem sabe se uma nova civilização) se forma entre os sobressaltos da que é a nossa e que ainda não há muito tempo parecia tão sólida, tão para durar...

Que lhes faltou, então? Respondo: uma grande paixão colectiva, algo que transformasse a população, em diversos tempos da sua história, movente mar de fluxos e refluxos em que se agitasse e organizasse uma efectiva e actuante consciência colectiva. Objectar-me-ão que a conquista do território os descobrimentos, a restauração, as lutas civis do século XIX, para só dar estes exemplos, foram esse mar. Não o creio, mas prudentemente aceitarei a demonstração de que o foram mesmo, pois não faltariam os argumentos e o final recurso de pôr em dúvida o meu patriotismo...

O que já me parece de refutar, é a provável afirmação (afirmar por sistema leva a ultrapassar sem remédio a realidade, a esquecê-la, a distorcê-la), o que me parece imediatamente refutável, repito, é a afirmação de que vivamos precisamente essa grande paixão colectiva que a radical transformação do mundo está exigindo de nós. Singularmente, descobre-se até, por todo o lado, um agravamento, da modorra mental e moral que foi nossa constante companheira no correr do tempo. É um certo dinamismo de superfície não esconde o movimento de filme em câmara lenta que é o das camadas mais profundas, ignoradas ou menos prezadas.

Todos sabemos muito bem que as grandes paixões colectivas não se inventam de fora nem se organizam de cima: de cada vez que se faz essa tentativa, o processo de ensimesmamento torna-se logo mais visível, pela evidente falta de eco e resposta. Por outro lado, haverá quem confunda com uma «concepção catastrófica da história» o que designo por «paixão». Por isso mesmo é que eu sobreporia, para melhor me fazer entender, e também para retirar o que de retórico nela se contém (e sei que sim), à expressão «grande paixão colectiva» esta outra, que se pode tomar como um programa de trabalho: intervenção directa, ampla e persistente da colectividade na sua própria renovação e dinâmica definição.

EDEN e ALVALADE

IX CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA

FILMES ESQUECIDOS

De 15 a 29 de Junho

Quinta-feira, 15

ANTE-ESTREIA de «O QUARTO MANDAMENTO (THE MAGNIFICENT AMBERSON), de Orson Welles, com Joseph Cotten e Anne Baxter

Sexta-feira, 16 — **M/17 anos**
★ WILL PENNY, de Tom Gries, com Charlton Heston
★ O CARTEIRISTA, de Robert Bresson

Sábado, 17 — **M/18 anos**
★ BEIJA-ME IDIOTA, de Billy Wilder, com Kim Novak e Dean Martin
★ FÚRIA SANGUINÁRIA, de Raoul Walsh, com James Cagney

Domingo, 18 — **M/17 anos**
★ O EXTRAVAGANTE SR. RUGLES, de Leo Mac Carey, com Charles Laughton
★ QUANDO ELA ERA ELE, de Vicent Minneli, com Tony Curtis e Debbie Reynolds

Segunda-feira, 19 — **M/18 anos**
★ RAQUEL, RAQUEL, de Paul Newman, com Joanne Woodward
★ A VIDA É UM JOGO, de Robert Rossen, com Paul Newman e George Scott

Terça-feira, 20 — **M/ 17 anos**
★ O FALSO CULPADO, de A. Hitchcock, com Henri Fonda e Vela Miles
★ OS DOMINADORES, de John Ford com John Wayne

Quarta-feira, 21 — **M/18 anos**
★ O GENERALE DELLA ROVERE, de R. Rossellini, com Vittorio de Sica
★ QUANDO O RIO SE ENFURECE, de E. Kazan, com Montgomery Clift e Lee Remick

Quinta-feira, 22 — **M/18 anos**
★ A NOIVA ESTAVA DE LUTO, de F. Truffaut, com Jeanne Moreau, Jean Claude Brialy e Michel Bouquet
★ O MAIS PERIGOSO HOMEM VIVO, de Allan Dwan, com Elaine Stewart e Debra Paget

Sexta-feira, 23 — **M/17 anos**
★ BELISSIMA, de L. Visconti, com Anna Magnani
★ GERTRUDE, de Carl Dreyer

Sábado, 24 — **M/10 anos**
★ TEMPESTADE NA JAMAICA, de Mackendrik, com Anthony Quine
★ CÉU ABERTO, de Howard Hawks, com Kirk Douglas

Domingo, 25 — **M/17 anos**
★ O MORTO ERA OUTRO, de Jerry Lewis, com Sammy Davis Jr.
★ A PRIMEIRA VITÓRIA, de Otto Preminger, com John Wayne e Kirk Douglas

Segunda-feira, 26 — **M/ 17 anos**
★ SETE MULHERES, de John Ford, com Sue Lyon
★ O ACTO DA PRIMAVERA, de Manuel de Oliveira

Terça-feira, 27 — **M/18 anos**
★ AS DUAS SEMANAS NOUTRA CIDADE, de V. Minnelli, com Kirk Douglas e Cyd Charisse
★ MURIEL, de Alain Resnais, com Delphine Seyrig

Quarta-feira, 28 — **M/18 anos**
★ NO LIMIAR DA VIDA, de Ingmar Bergman, com Bibi Andersen e Eva Dalbeck
★ ENSAIO PARA UM CRIME, de Luis Buñuel

Quinta-feira, 29 — **M/17 anos**
★ O CIRCO, de Charlie Chaplin
★ UMBERTO D, de De Sicca — Zavaltini

DOIS FILMES EM CADA SESSÃO: Às 15 e 21 horas

As estéticas e outras coisas

Continuação da primeira página

que por infortúnio ou cálculo se misturou com os quotidianos exemplos do ignóbil ou do incaracterístico uma ou duas obras demasiado qualificadas ou, pelo menos, levadas demasiado a sério, pela cultura arquitectónica «cultivada» (na qual me conto, por agora) para fazer levantar protestos que, normalmente, se não ouviriam. Como se, empenhados numa campanha contra o cançonetismo se tivesse metido o José Afonso no meio dos Calvários: como se na denúncia chocarreira do cinema nacional «á Arthur Duarte» se tivesse aberto a galeria da mediocridade com a «Abelha» do Fernando Lopes. Escândalo que provém, muito simplesmente, não da necessidade de defender como intocáveis o José Afonso ou o Fernando Lopes, mas tão-sómente do que revela de não-esforço pelo entendimento das tendências presentes na canção ou no cinema e, portanto, de falha grave no capítulo da informação. Deixemos então os aspectos conjunturais da polémica uma vez que ela tem subjacentes questões suficientemente importantes.

Que está aqui em causa: o que pode levar a aceitar ou repudiar uma nova obra de arquitectura? Padrões de gosto? Justificações técnico profissionais? Uma integração de múltiplas qualidades do ambiente que não permite isolar e condenar por uma só delas?

Quem tem direito de se erigir em juiz do tribunal da estética citadina? Os especializados, os simples cidadãos, a administração municipal? E que consequências podem ter os vários tipos de «sentenças»? Simples dispos de «sentença» que profiram?

E mais importante: Como funciona o mecanismo, o processo de decisão dos diferentes actores envolvidos e que assim tão fatalmente conduz á degradação do produto arquitectónico, pelo menos desde as últimas décadas da expansão da cidade? Recorde-se que nestas duas décadas se deu bruscamente, a ampliação do mercado urbano para a construção civil, coincidindo, com o desblocar de uma política oficial da cultura orientada ao passado e ao rural e teremos uma primeira explicação até para as diferenças que se têm apontado entre Lisboa e o Porto e que não são de qualidade ou política mas **de fase** no processo...

Demasiadas questões para um só depoimento, mas a que não queria deixar de dar alguma contribuição pelo menos indirecta, abordando o problema das estéticas no contexto de outros, de não menor importância ainda se menos óbvios ou vistosos.

GOSTOS NÃO SE DISCUTEM...

Um edifício, ao realizar-se torna-se acto público e como tal oferece-se a um consumo, não só dos seus promotores técnicos ou moradores mas de todos os munícipes; consumo que começa ao vê-lo, prossegue ao falar-se dele e mantém-se ainda ao longo do tempo quando já parece apagado na nossa memória de viventes na cidade. Por vezes, reacende-se uma ou duas épocas mais tarde quando uma conjuntura de factores — de mudança cultural profunda ou simplesmente de moda — o faz vir de novo à tona dessa «memória distraída» apenas marcada por certas referências principais e que constitui a nossa imagem de uma cidade. Por outro lado e na mesma época um edifício, como qualquer outro meio de expressão, emprega «sinais que não são percebidos da mesma forma pelas bem diferentes classes sociais-culturais, pelos bem diferentes grupos de idades. Como escreve Dorfles num livrinho que julgo seja em breve lançado no nosso mercado (1) não há um modo único de experimentar as produções artísticas que possa corresponder a um valor imutável e eterno; há antes leituras ou apreciações diversas de acordo com as formações e a época em que a obra é observada. E os aspectos que chamam mais á sensibilidade são precisamente os mais variáveis.

Imagino que, por exemplo, a estação do Rossio tenha sido saudada com entusiasmo pela cultura burguesa e saudosista da época, para se vir apagando depois e não por ser em estilo «manuelino», mas simplesmente porque parece não ter hoje muito mais a comunicar-nos do que assinalar que na sua época a atitude dominante estava, frustradamente, vivendo muito mais a nostalgia das descobertas do que as novas realidades urbanas de que era motor a abertura do transporte mecânico de massa. E a «casa dos bicos» terá suscitado reacções por bizarria, quando lhe tiraram o tapume, ou ter-se-á salvo pelas conotações do seu relevo com quaisquer armaduras defensivas?

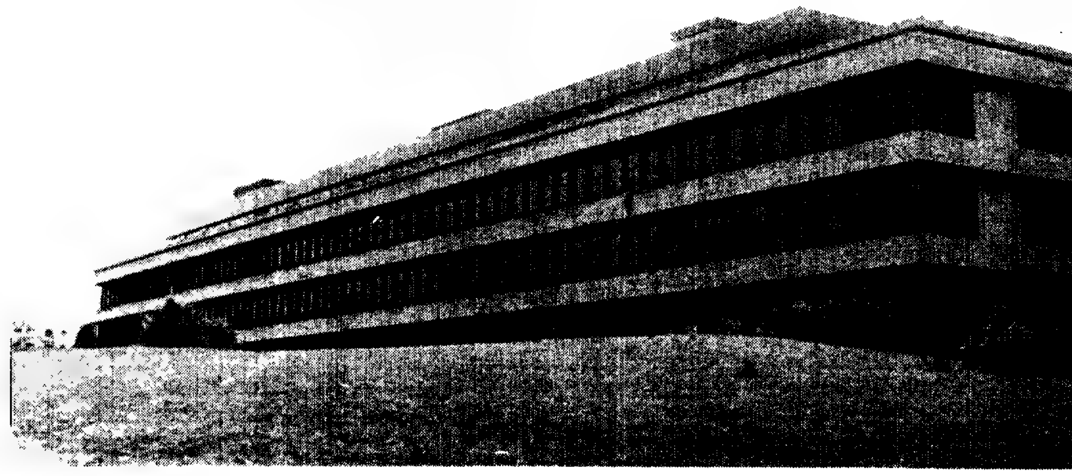
Por outro lado, edifícios mais recentes como os do cinema Eden e do Hotel Vitória — as poderosas concepções de Cassiano Branco dos anos 30 — foram rejeitados na sua época pela cultura burguesa de inspiração raulina mas, curiosamente, foram aceites pela burguesia construtora e consumidora das Avenidas Novas onde ainda subsistem dezenas de prédios de rendimento desses anos, de grande qualidade na ondulação das suas varandas oitavadas e janelas corridas, constituindo nas salas preciosos recantos em bay-window, que hoje não constam já da construção corrente. (2) Esses dois edifícios da Avenida da Liberdade, o Hotel e o Cinema, não deixariam de ser crescentemente valorizados com espanto ainda para muitos, por aqueles que se dão conta de que se trata dos equivalentes arquitectónicos da poesia de um Alvaro de Campos ou da pintura de um Mário Eloy (que ninguém ousaria já censurar, mesmo que lhe não adira) e, como tais urge que sejam preservados e reconhecidos como monumentos de interesse nacional — talvez os únicos de projecção europeia da primeira metade do século. O perigo de ver as coisas apenas á flor da pele é bem evidenciado por este cinema Eden, de resto não concluido por Cassiano; a sua força ímpar reside na concepção do interior dos foyers e escadas, que se reflecte ainda no exterior, na soberba fachada lateral; a fachada sobre a Avenida, muito mais caduca, resultou de um compromisso imposto pelos serviços camarários que, no entanto, se mostraram de grande liberalidade ao aprovar um projecto de que discordavam, mas em que se presumiam virtualidades que poderiam vir a ser reconhecidas mais tarde. Uma lição para os justiceiros de hoje.

Assim, em resumo, o problema sem deixar de ser de gosto é mais complexo, envolve outros níveis de qualidade de uma arquitectura menos evidentes numa primeira visão. O gosto é uma categoria que supõe a existência de determinadas «chaves» de harmonia que estão de acordo com a sensibilidade dominante de um período mais ou menos passageiro e relativamente circunscrita a uma camada social ou de idades, tendendo por isso mesmo a ser rejeitado no período seguinte ou, no mesmo período por outro grupo cultural.

Não posso alongar-me mais reflectindo sobre os casos muito instrutivos de dois automóveis «revolucionários», um dos anos 30 outro dos 60 — o «Volkswagen» e os «Minis» — ambos oferecidos em choque com os padrões de gosto estabelecidos para os carros seus contemporâneos, ambos saudados como «horrorosos» por vastas camadas de público, ambos destinados a grande expansão não apenas por características mecânicas mas por se proporem interpretar as noções de utilidade, racionalidade, espaço, conforto de acordo com critérios de camadas socio-culturais novas (na aquisição de carros).

Mas apesar de tudo não resisto a propor um pequeno divertimento ao leitor: deixo-lhe, eu também um veredicto no qual incluo edifícios que, talvez pelo seu grande volume económico ou público, não têm sido referidos.

Admita-se que os edifícios recentes de escritórios ou habitação, de «melhor gosto» para mim construidos em Lisboa onde não há muito por onde escolher), poderão ser os da Castil e da Mobil (referidos a coordenadas anglófonas) a seguir ao conjunto da Fundação Gulbenkian, o de maior dignidade e ascetismo formal. O primeiro



será de momento o mais **a la page** (para cá) por jogar mais com a terceira dimensão e viver de um contraste branco e negro. Nesse lote mais qualificado caberia ainda o edifício da Icesa na Avenida da Liberdade, onde já os da Shell, da Equitativa, Fidelidade ou o S. Jorge, se mantinham dignamente, ou os do gaveto da Av. da República com a Júlio Diniz (do lado do drugstore) ou ainda os primeiros do cruzamento da Av. de Roma, com a da Igreja, ressalvado o anacronismo da disposição urbanística. De acordo com o critério implícito nesta escolha, os mais desastrosos seriam os da Fontes Pereira de Melo e da República com relevo para os da «Europeia» e do «Aviz-Sheraton», seguindo-se-lhes por exemplo os da Philips, o Palácio da Justiça (3), o da própria Câmara Municipal na Rua Castilho, como o do M. das Corporações na Av. de Roma ou a torre do fundo do Campo Grande.

Mas acrescentarão alguma coisa, além de agressividade, estas classificações de bons e maus ou interessa antes buscar as obras que souberam dar uma contribuição da arquitectura ao modo de viver de trabalhar, de circular, de olhar a cidade dos miradouros ou desde dentro das suas veias?

COISAS QUE SE DEVEM DISCUTIR

Não vou pôr aqui os problemas da «especulação» que não são, em princípio, determinantes directos da degradação da linguagem arquitectónica de um edifício — embora determinem, isso sim, a **carga** que cada edifício especulativo põe aos ombros da cidade quando lhe tapa os horizontes: o da Europeia (desde o Alto do Parque onde escrevo, por exemplo), que lhe destrói o perfil sem lhe dar outro; o do Ministério das Corporações, os do Avis-Sheraton, o da Penha de França, o da Philips, etc.) lhe rompem os alinhamentos já sedimentados e apropriados (o da Icesa, na Avenida entre muitos) e a rebentarem pelas costuras, pelo tráfego que atraem ou a população velha-residente que expulsam (caso de todos os citados e mais dos não citados).

Mas grande parte destes problemas provém de decisões anteriores de planeamento, e salvaguarda do património, quer dizer de **controle público do uso da propriedade urbana.** Critérios descontrolados nesta e em quase todas as cidades onde é irresistível o impulso à mais-valia, descarado ou encapotado nos «valores» de fazer uma cidade moderna e funcional, de incentivar a construção civil, de responder às novas funções de um centro urbano (quando será a tua vez de seres moderna oh baixa pombalina já esventrada no rés-do-chão?).

O planeamento, actividade tão falada como pouco analisada nos interesses últimos que serve, marca as balizas dentro das quais a arquitectura de um edifício se move. Se move, limitadamente, no modo como confere um **ambiente** à vida que nele se vive e como modifica o ambiente exterior, público, da parte da cidade onde vai aparecer ou das partes de onde se vê.

Postas estas restrições fica claro que a mais bela arquitectura é ainda socialmente, cìvicamente «feia» — porque a ergue uma motivação central de exploração do solo e do capital investido, à custa das necessidades a que é suposto corresponder mas que em boa parte fabrica.

Ora bem, entre o gosto, que é um critério demasiado movediço e convencionado temporàriamente para se poder erigir em último valor e, do outro lado, **a crítica sócio-económica** da produção de arquitectura, que é um critério demasiado fundamental para que sejam diferentes, a essa luz, as arquitecturas que se produzem entre esses dois níveis extremos, não existirá um conjunto de critérios ou de **valores de expressão arquitéctónica e de utilidade? Sobre a qual possa incidir uma** discussão pública que queira passar do «eu-gosto-tu-não-gostas» que não só não adianta ao conhecimento da nossa realidade, como até atrasa, na medida em que desvia para a pele a atenção que devíamos concentrar em todo o corpo (incluindo a pele), como manifestação da pessoa?

A COMPARAÇÃO EXEMPLAR DE DUAS ARQUITECTURAS OPOSTAS

Não encontro, também eu, melhor exemplo recente da tentativa, nos limites do possível, para dar uma contribuição **activa** à arquitectura desta cidade onde escrevo, do que o tão discutido edifício de Teotónio Pereira na Rua Castilho-Braamcamp (5)

Para ser breve, proponho que esta discutida arquitectura seja simplesmente analizada como um trabalho que se afinca em dar **significado prático-e-poético à relação entre interior privado e exterior público**. E com efeito uma construção privada, lucrativa, para comércio e escritórios que ocupa um vulgar «gaveto» de «quarteirão» — forma de sistematizar a construção que vem desde o Bairro Alto, e bem, talhando a massa citadina. O espaço público formado pelos quarteirões constitui um sistema de ruas ou canais hoje modificados pelo crescimento dos edifícios e do tráfego e, com eles, do **ruído** (visual e auditivo) mas que não oferece uma contrapartida de «animação», de «espectáculo» para quem trabalha ou mora sobre eles de-

...s na arquitectura de Lisboa

...bruçado. Admita-se ainda que se aceitaramas regras de uma intervenção lote-a-lote, não se desejando romper a continuidade das faces-fechadas do quarteirão cuja altura máxima de remodelação está também fixada.

...ssim, **função** e **forma** básica do edifício estão traçadas a um nível anterior ao do projecto, ao nível do sistema económico e administrativo da cidade. Assim o projectista pode reflectir a partir daí, por exemplo, sobre o significado, para os transeuntes, de precorrer lojas, de entrar para comprar ou de parar para tomar um café (?) ou procurar um conhecido. Ou por outro lado sobre o significado para quem trabalha **dentro,** de olhar para a rua e o exterior, e vice-versa, numa cidade meridional de luz encandeante (para os que trabalham perto do perímetro exterior que os outros têm sempre necessidade de luz artificial) e numa rua onde o movimento ininterrupto não parece merecer o ser exposto, como numa montra, todo o dia. Desta reflexão saiu neste caso, a recusa dos **clichés** habituais da arquitectura de escritórios e lojas: ao nível destas, criar um «drugstore» virado do avesso onde o público circulasse em varanda sobre a rua ou, de outro modo, multiplicando o parco espaço de uso público para dentro da propriedade privada (a troco de provar que não perderia comercialmente com isso, naturalmente). Por outro lado, quanto ao ambiente dos escritórios recusar o lugar-comum da vitrina-gigante (parede-cortina, para os entendidos) que depois se teria de tapar por dentro de algum modo, introduzindo algo como um **toldo** mais ou menos rendilhado, para tirar sol sem tirar demasiada luz ou vistas, por forma a obter um efeito de marquise, ou de filtro, entre o interior e o exterior. As duas «descobertas» (que se quisermos ver têm até muita tradição sob outros feitios, materiais ou cor) sobrepoêm-se no edifício através do forte contraste entre o escuro dos pisos comerciais e o rendilhado contínuo dos pisos de trabalho.

Proponho daqui aos lisboetas que não se deixem influir simplesmente por simpatia ou antipatia pelos feitios e que não subestimem estas duas ou três pequenas conquistas que esta obra insólita propõe à reinterpretação à exploração de outros que tenham de resolver problemas semelhantes, naturalmente, sob outros feitios ou outros gostos. Tanto mais que assim, como um gaveto isolado, essas duas propostas estão demasiado entaladas entre construções sem propostas nenhumas para terem todo o seu sentido urbano evidenciado. Não afirmo evidentemente, que sejam as soluções únicas mas são, com certeza, ideias que merecem ser ponderadas à medida que a arquitectura assente praça aqui e agora, em vez de correr atrás, como o burro da cenoura, das últimas novas, sem ter tempo para se repensar ou **sequer pensar.**

Entretanto, o lisboeta, reconheçamo-lo, não pode deixar de ficar atónito se se entretiver a comparar este edífico e as suas propostas, não já com os da década anterior mas agora com os que se lhe juntam — por

O discutido edifício na esquina das Ruas Castilho com Braamcamp.

na é ao contrário aceite integralmente, não se quis qualquer filtro entre interior e exterior — pelo que terá de receber estores interiores — . A rua, ao público é oferecido não o seu próprio movimento, como se procura no outro, mas os opacos elementos construtivos da estrutura da caixa de elevadores e da caixa, igualmente fechada, do cinema — tudo elementos que, noutra concepção da cidade, se interiorizariam por não acrescentarem nada à vida urbana a não ser formas de mais ou menos hermética interpretação. Duas curiosas atitudes estas, que ficarão para as avaliarmos com o tempo (quando passarem preconceitos de gosto sobre o cinzento ou o branco, o triste ou o vibrante, ou quando tudo já esteja apenas cinzento e triste...) Duas atitudes que se ligam afinal, ao próprio destino das ruas: vamos dá-las por definitivamente perdidas como espaço público e fazer dos edifícios caixas isoladas, de costas voltadas para elas ou há ainda uma **chance** de lhes abrir perspectivas não exploradas? Como, por exemplo, as belas arcadas dos primeiros níveis do dito «franguinhas»?

Julgo ter explicado o que pode ser uma sugestão do modo de ver e apreciar os edifícios, a um nível um pouco mais reflectido do que o que caracterizou a recente polémica. Não é, de facto, o tratar-se de um projecto de arquitecto que justificaria uma defesa: como o não é a idoneidade cívica e técnica de um autor como o deste edifício nem toda uma extensa obra anterior já corroborada por um prémio Gulbenkian e um prémio Valmor; não é também o facto de ter este mesmo discutido edifício sido há pouco publicado na mais respeitada revista inglesa de arquitectura como «brigth... admirable building», coisa que deve ter acontecido pela primeira vez aqui na terra — todos estes trunfos são apenas presunções duma qualidade e, em definitivo, argumentos de autoridade que não melhorariam — tal como o não fazem as denúncias sumárias — o grau de reflexão independente do cidadão e portanto o seu grau de exigência — exigência na busca do corpo para além do vestido sem deixar, como já sugeri atrás, de pensar que também o vestido não deixa, por isso, de ser ele próprio, e por momentos, corpo.

NUNO PORTAS

(1) — «As oscilações do gosto», a publicar pelos Livros Horizonte; e já agora aproveito a oportunidade para recomendar outro livro já traduzido — «Saber ver a arquitectura», de B. Zevi, editado pela Arcádia, onde estes problemas são muito bem explicados.

«(2) — Um desses edifícios foi recentemente salvo da demolição e recuperado com mais alguns andares em cima — no cruzamento da Rua Castilho com a J. A. Aguiar. Proponho daqui um prémio Valmor ao...proprietário, seja por ter feito melhor as contas, antes de vender para demolição, seja por querer preservar o melhor de um edifício qualificado.

(3) — Que me perdoe o jogo o meu colega Januário Godinho, a quem devemos obras muito importantes no Norte do País, mas que aqui parece não ter controlado excessos decorativistas ou as relações da escala entre edifícios e dos edifícios com a cidade. Quanto ao edifício da Europeia ressalvo algumas dúvidas no meu juízo negativo: do ponto de vista de quem passa o reifexo do movimento da rua nos envidraçados confere uma novidade interessante do fachadismo...

(4) — Uma adivinha para o leitor: os edifícios ultrapassam os dez andares ou mesmo vinte irrompem por aí aos tufos; porque é preciso e funcional; porque dão mais lucro ou porque é moderno e dá prestígio ás cidades tê-los?

(5) — O signatário não teve, ao contrário do que já se declarou, qualquer participação no projecto. A colaboração com o autor deste projecto noutros trabalhos, não o impede no entanto de como crítico, proceder á sua análise e, como se verá á, sua defesa. E sua opinião que, após Cassiano Branco, é a Nuno Teotónio Pereira que Lisboa ficará por agora a dever coisas «mais construtivas» ainda que com muito menos reprodubilidade. Esta distinção não é sequer muito arriscada, se atendermos a que bom número dos projectadospara o centro da cidade, seria interessante saber porquê...

Decálogo

da estética citadina para uso dos cidadãos

1 A atitude de simpatia ou reacção que uma obra nova, fora dos cânones conhecidos, provoca pode ser muito enganadora ou muito passageira: a adesão ou repulsa classificam não só o edifício-estímulo como a pessoa ou o grupo que lhe reage. A má comunicação tanto pode ser causada pelo emissor como pelo receptor...

2 Não se pode passar de uma atitude ao nível do gosto directamente para a aprovação ou condenação de uma experiência que pretende ir para além do gosto dominante, se se desejar não ser injusto e, sobretudo, não impedir a vinda de novas contribuições à arquitectura de uma cidade.

3 É difícil imaginar que comissões de censura à arquitectura possam ser a longo prazo mais positivas do que negativas — sejam ela presididas pelo bom senso ou pela «vanguarda» profissional: preferimos incentivos a proibições, até porque se não conseguiria proibir a maioria da produção de uma cidade...

4 Quando uma arquitectura não é trivial a sua forma contém múltiplas preocupações e não apenas a de responder a um gosto particular: propõe novas formas de a usar ou viver, novas experiências de conforto, novas aspirações culturais — que não são entendidas por todos do mesmo modo ou ao mesmo tempo.

5 As razões mais ou menos simples, subjacentes às formas, merecem ser expostas e discutidas pùblicamente, comparadas com o que ofereciam antes os tipos correntes e a seguir retomadas ou abandonadas pelo caminho — este é o processo lento de «socialização» da arquitectura.

6 Ao debate público, no qual os profissionais da criação e da crítica (ou da criação crítica) têm especial responsabilidades mas não o exclusivo, compete separar o que são formas novas prometedoras, porque expressivas, do que é inovação superficial e caduca ditada por moda ou exibicionismo.

7 Mas ao debate público importa ainda levantar a questão da legitimidade social das formas de «renovação urbana» a que se assiste por toda a cidade e saber se a tão violenta como lucrativa ruptura de escala (que quase ninguém põe em causa) não será muito mais responsável pelo desfigurar dos ambientes urbanos do que as fachadas, a que se reduz o problema da arquitectura dos imóveis.

8 Sem querer desviar a atenção deste problema da fachada da edificação, teremos de insistir noutros efeitos simultâneos da chamada «renovação urbana» perguntando-nos se ela não é antes do veículo do agravamento do custo e do ritmo da vida na cidade e se os efeitos do lucro de alguns promotores não acabam por ter de ser pagos e a dobrar pelos já escassos dinheiros públicos e pelo público.

9 É tempo de começarmos a considerar que não são só as épocas longínquas que merecem ser consideradas como património cultural e que importa recuperar com imaginação os melhores exemplos ainda restantes da experimentação modernista da primeira metade deste século — recuperar salvando da destruição e recuperar aprendendo já algumas coisas com eles, na nova arquitectura que procuramos.

10 Uma linguagem segura da arquitectura moderna não existe em armazém — procura-se. No seio de um sistema tecido de contradições essa procura criadora não interessa sequer à maioria dos profissionais da arquitectura, é antes um procura marginal que se manifesta nos limites do possível em algumas, poucas, obras-tendência de ponta, com todos os riscos que dessa situação advém. Sufocar à nascença procuras arriscadas é politica de avestruz, como o aceitá-las sem discussão é política de basbaque.

A quadratura do Globo

Continuação da pag cinco

ângulos que a conferência de Estocolmo pretendia fazer avançar as coisas concretamente; salvar a fauna, a flora ou muito simplesmente a beleza dos locais fazer das cidades algo mais do que uma selva reduzir as zonas de «mar morto», e igualmente cunhar as estratégias de desenvolvimento, agir sobre as mentalidades no que se refere a educação e informação, etc.

ENORMIDADE DE OBSTÁCULOS

É um trabalho de Hércules! O trabalho duro, nem sempre é, no entanto, o mais visível. Os enormes obstáculos que se ocultam sob a perspectiva de um pacto de não agressão ecológica residem nos estatutos, poderes, tipos culturais, falsos valores e até mesmo certos instintos que compõem a trama do mundo ocidental.

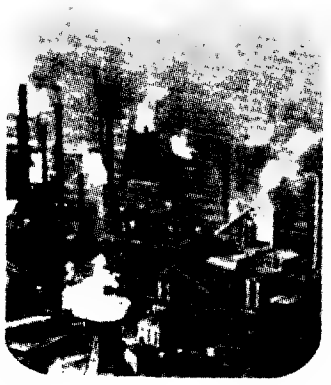
Pensa-se certamente, logo em segunda nos nacionalismos. A força do clã é considerável e ainda que esteja provado que este encerramento no grupo histórico já não é como antigamente uma garantia de segurança mas, pelo contrário, uma atitude de perigo, as aderências ao passado estão tão vinculadas que não existe fácil possibilidade de fuga, a tempo.

É evidente que a pressão exercida pelos factos levou as nações a participar em vários meios de protecção. Existe a Organização Mundial de Saúde para lutar contra as epidemias; também a organização meteorológica mundial permite (infelizmente nem sempre), o avido do tufão assassino. Tornou-se necessária a catástrofe do **Torrey-Canyon** em 1967, para que o público e os Estados se dessem conta do perigo que representava o transporte marítimo de hidrocarbonatos. Após a organização marítima consultiva intergovernamental ter reforçado a trama das suas convenções, foi assinado um acordo em 1969, entre os países junto ao Mar do Norte e à Mancha para uma melhor vigilância e mais recentemente entre os Estados do Atlântico do Norte (Convenção de Oslo). Para lutar, no entanto, contra esses males crescentes que de dia para dia arruinam o nosso meio ambiente, quanta resistência por parte dos governos, quanto receio de fazer mais do que o país vizinho! Não são, todavia, as pressões dos organismos internacionais que não existem, pois que hoje em dia todos pràticamente escreveram a luta contra os males que se reflectem no meio ambiente na sua lista de actividades.

Em breve, teremos entre mãos um teste interessante fornecido pela maneira como os Estados interessados responderão ao convite de acção imediata lançado pela Comissão de Bruxelas sobre um ponto preciso: o de definir um programa de saneamento das águas da bacia do Reno, estando desprovida de poder a Comissão internacional que existia para este efeito (Convenção de Berna de 1963). Verá alguma vez a luz do dia a agência europeia da bacia do Reno, proposta por Bruxelas e com estatuto de empreendimento comum? Ainda mais do que os nacionalismos, a exacerbação do direito de propriedade individual opõe-se ás acções de vulto para proteger o meio ambiente. As propriedades das margens dos rios por particullares, a destruição de paisagens por promotores imobiliários, as desrol gações no plano de urbanismo, são já práticas que entraram no âmbito do hábito. A particularização crescente do solo, conduz a estas contradições, muito bem expostas por Philippe de Saint-Marc (2) de uma civilização que aumenta contínuamente os tempos livres limitando cont nuamente o espaço colectivo, de uma política que pretende proteger a natureza aplicando penalizações aos proprietários que a conservam e enriquecendo os que a destroem para construir. Nos tempos de agravação no âmbito de propriedade para construção — que tenderá sempre a piorar — «a propriedade já não pode ter o direito absoluto de determinação do investimento segundo o lucro máximo, mas deverá tornar-se apenas a possibilidade proporcional ao bem comum».

A cruzada de hoje em relação ao meio ambiente já não è ùnicamente o abuso do direito de propriedade e o «fanatismo de acumulação» de que falava Marx, mas o fanatismo do desenvolvimento que leva à consideração do crescimento como um fim em si, sem atender ao facto do que ele **consome de valores,** a quem dá mais lucro, onde conduz, etc. Esta é uma canção felizmente hoje em dia mais conhecida, mas a letra por vezes parece passar um tanto ao lado da maioria dos governos sem que estes lhe prestem atenção.

O capitalismo não é o único em causa. Devia-se falar antes do produtivismo. Esta impeliu por exemplo, o director de uma fábrica soviética que tinha recebido um subsídio para limpar as águas que saíam das suas instalações a utilizá-lo para outra coisa.



De uma forma mais geral, são os padrões culturais das potências actuais baseados no esbanjamento dos produtos, o espírito de conquista dos bens materiais e o «consumo ostentatório» que se opõem à salvaguarda do meio ambiente. E uma vez que os que ainda não atingiram este estádio de desenvolvimento (?) têm como único fim atingi-lo (como é isso possível?), pois que não se lhes apresenta qualquer outro, o processo de degradação da natureza continua...

É considerável o propósito da conferência de Estocolmo. A luta pela vida «num mundo que não nos faça vomitar», na expressão de Giono, recentemente empregue por S. C. Kolm, põe em causa sistema de produção, hábitos mentais e sentimentos em milhões de indivíduos. Deseja-se salvar o Planeta? Isso seria a quadratura... do Globo, se os Estados se limitassem aos seus poderes e ideologias e o homem aos bens que possui.

---

(1) — Esta frase é uma inspiração no título «Temos sòmente uma terra», obra de Barbara Ward e Dubos (Edições Denoel) que, revista por cento e cinquenta e dois consultores de todos os países, foca os conhecimentos ecológicos

(2) — No seu livro «Socialização na natureza» (Stock). Também se poderá consultar sobre o assunto «Caminhamos para a desapropriação?», por Robert Buron, Allain Laurent e Jacques Robin». Os Cadernos dos Dez», n.º1 (33, rue Godot-de-Mauroy, Paris 9).

Pedagogos de bancada

Por CALVET DE MAGALHÃES

Sem dúvida que é necessário e útil ajustar as novas concepções pedagógicas ás descobertas psicológicas recentes, a realidades novas. Mas não é menos imperiosos desconfiarmos dos inovadores com sistemáticas crenças de originalidade, teóricos da pedagogia, inovadores precipitados e sentenciosos que ainda ontem profanos em matéria de educação se encartam ràpidamente em opiniadores e censores.

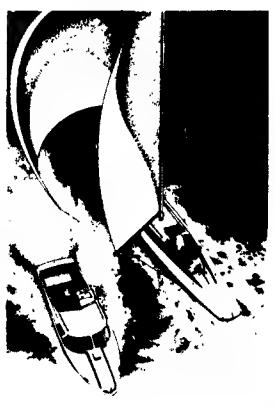
No decurso dos últimos anos, muitas ideias surgiram com risco de provocar uma revolução no domínio da educação, pelo que é necessário impor uma observação adequada, pois revolução não significa necessàriamente evolução.

Não podemos assistir a iniciativas apressadas, fundadas sobre experiências fragmentárias, contestadas e contestáveis pois em pedagogia não se pode agir por simples devaneio de opiniões. Não se pode ignorar que o contexto é muito diferente para uns e para outros; há educadores que se baseiam sobre os êxitos registados pelas crianças que residem no estrangeiro com seus pais sem julgar das necessárias adequações nacionais; os símbolos da matemática moderna não ensinados a crianças de quatro anos; a aprendizagem de base é nalguns casos abordada a partir da idade dos três anos. Ora o que pode ser justificável numa escola pode não o ser noutra. O mesmo sucede com os nossos filhos.

Se se deseja, por exemplo, promover na escola tudo o que pode desenvolver a formação do aluno, o seu poder criador, podemos observar que encontramos ràpidamente uma espécie de contradição. Isto é, a escola como está organizada entre nós tem - e sobretudo tem tido - por missão transmitir a herança do passado sobre os diversos valores, sociais, culturais e científicos. O aspecto conservador desta operação tem sido fundamental desde há muito tempo, pois sòmente desde há pouco se contesta o seu valor exclusivo. A relação pedagógica conserva-se marcada estreitamente pelo esquema segundo o qual o professor é aquele que sabe a verdade exacta e o aluno deve escutá-lo e repetir a sua mensagem.

Ora não se pode passar deste estado de coisas para um ensino renovado, através do movimento orientado sobre a não-directividade, sem o devido amadurecimento. É necessário criar o convívio adequado para se inserirem os progressos educativos modernos e isso não se realiza através de uma pedagogia de bancada, de espectador. É necessário fazê-lo sem trair as realidades.

BTP 11 A



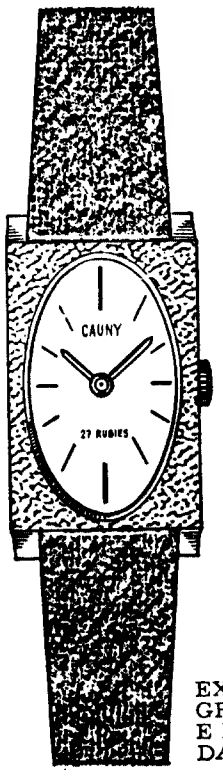
material náutico

GUINCHOS • ÂNCORAS
AGULHAS DE MAREAR
FARÓIS DE POSIÇÃO
BUZINAS • PROJECTORES
DETECTORES DE GASES
MATERIAL SANITÁRIO
VENTILADORES • ETC.

DAS REPRESENTADAS

DANFORTH • FRANCIS • SIMPSON • MARCHAL • TANNOY
NORSEMAN • ANCHOR • COMSTOCK • HOWARD • HAMRICH
NAUTALLOY • LASTER EXPORT

REPRESENTANTES
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
ESCRITÓRIOS • ARMAZENS • OFICINAS • SALÃO DE VENDAS



cAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

Elegância e Distinção

EXIJA A MARCA CAUNY
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA

opal

NÃO DEIXE DE VISITAR O STAND

SONY®

na feira internacional de lisboa

GRAVADORES DE SOM
ALTA-FIDELIDADE
GRAVADORES DE IMAGEM
CÂMARAS DE TELEVISÃO

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
PAVILHÃO F - STAND 666/8

PETRÓLEO DO IRAQUE

ANTECEDENTES DA NACIONALIZAÇÃO

Na noite de 1 do corrente, o presidente do Iraque, Ahmed Hassan Al-Bakar, anunciou a nacionalização da Iraq Petroleum Company. Aquela poderosa companhia petrolífera, com sede em Londres, é propriedade conjunta de investimentos ingleses, holandeses, franceses e americanos, mas a Europa é o principal utilizador do petróleo bruto iraquiano.

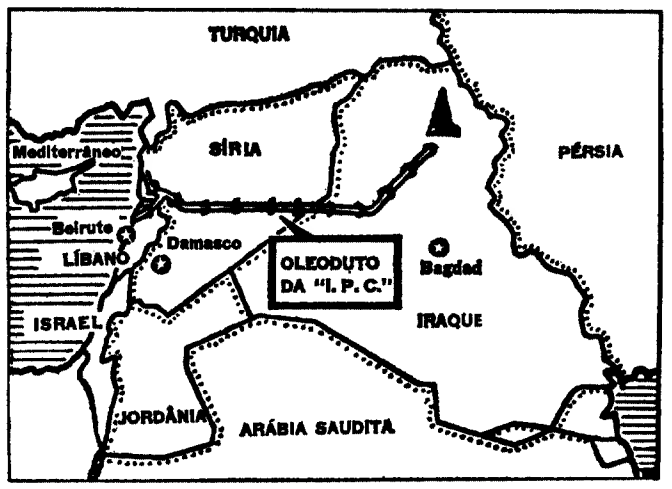
A anunciada nacionalização representa, pois, um rude golpe para o domínio ocidental naquela zona do mundo, cuja importância poderá compreender-se melhor se tomarmos em conta os antecedentes recentes. Dizia o «Monde», a propósito da recente visita de Kossyguine a Bagdad (a primeira de um chefe de Governo soviético ao Iraque):

«Iniciado aquando da viagem a Moscovo, de 10 a 17 de Fevereiro último, de Saddam Hussein, vice-presidente do Conselho da Revolução e «homem forte» do regime iraquiano, o aprofundamento da colaboração entre os dois países, em todos os domínios, foi consagrado pela assinatura, no passado dia 9 de Abril, de um tratado de amizade e cooperação. Trata-se, sem dúvida de um novo êxito do Kremlin na sua ofensiva no sentido de afirmar a sua posição no Mediterrâneo e no Golfo Pérsico.

O tratado soviético-iraquiano assinala também a vontade da União Soviética, tornada prudente pela repressão anti-comunista de Cartum e as veleidades manifestadas, a certa altura, pelo Cairo em se aproximar de Washington, de diversificar e multiplicar as suas alianças com os diferentes países árabes.

O texto assinado em Bagdad é pràticamente idêntico ao tratado soviético-egípcio, estabelecido no dia 27 de Maio de 1971, com a diferença de que este último implica um comprometimento mais profundo dos dois signatários no conflito do Próximo Oriente, no domínio da cooperação militar e na defesa da edificação do socialismo no Egipto.

Mas, se o acordo com o Cairo se inscrevia, claramente, no contexto do conflito israelo-árabe, o tratado com Bagdad testemunha a vontade do Kremlin de assegurar a sua presença no Golfo Pérsico, onde se encontram as maiores reservas mundiais de petróleo. A União Soviética, que procura, manifestamente, antecipar-se à China na região e fazer frente aos Estados Unidos, bem implantados em especial na Turquia e na Arábia Saudita, já estabeleceu relações diplomáticas com o Estado dos Emiratos Árabes Unidos. O Kremlin não conseguiu estabelecer relações análogas com Qatar e Bahrein, mas dispõe de um ponto de apoio em Aden para os seus navios de pesca que, de há um tempo a esta parte, percorrem as águas do golfo, graças a acordos concluídos com o Iraque e a República Popular Democrática do Iemen do Sul. Alguns arrastões encarregados de «missões particulares» têm mesmo sido assinalados tanto à entrada do Golfo Pérsico como na do Mar Vermelho.



Neste «jogo» destinado a consolidar as suas posições na região, a U.R.S.S., preservando embora as suas boas relações com Teerão, procura assegurar uma tripla mediação entre Damasco e Bagdad, cujas relações melhoraram, ao nível de Estados, entre curdos e árabes para manter a paz no Curdistão; enfim, entre o Baas e o Partido Comunista Iraquiano, com vista a favorecer um «frente nacional» no Iraque.

O êxito de uma tal política não deixaria de reforçar a posição dos países árabes «progressistas» produtores de petróleo em relação aos interesses petrolíferos ocidentais, sobretudo americanos».

OS RENDIMENTOS PETROLÍFEROS

Numa série de artigos publicados sobre a política iraquiana, dizia a certa altura, no «Monde», o jornalista Paul Balta, referindo-se aos rendimentos petrolíferos do Iraque:

«O papel do petróleo é, evidentemente, determinante para a valorização do país: os rendimentos petrolíferos, já apreciáveis antes dos acordos de Teerão e de Tripoli __ 180 milhões de dinars __ duplicaram em 1971, para atingir 354 milhões de dinars 28 milhões de contos). **«Este milhão de dinars quotidiano assegura ao regime uma certa segurança»**, comenta um diplomata.

Esta fonte de riqueza é a garantia de uma situação financeira sã: as reservas de ouro e de divisas do Iraque atingiam, no princípio de 1970, uns 450 milhões de dólares, dos quais, cerca de 210 milhões, sob a forma de ouro, enquanto que a dívida externa se mantem fraca (105 milhões de dinars em 1969) e a balança de pagamento é fortemente excedentária.

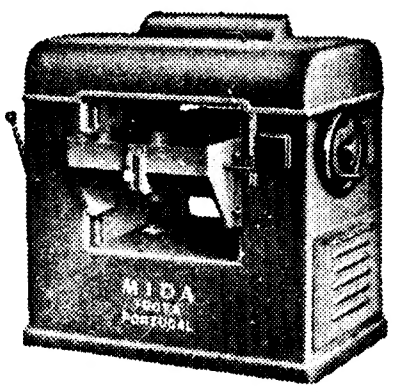
A medalha tem o seu reverso: a economia depende cada vez mais deste petróleo cujas rendas constituem 50 por cento das receitas do orçamento geral, 90 por cento do orçamento de investimento e 90 por cento das entradas em divisas. Esta situação explica a prudência do Governo iraquiano relativamente à Iraq Petroleum Company. Não que não tenha acalentado a ideia de nacionalizar a grande sociedade, na qual dominam os interesses anglo-saxónicos. Porém, não tendo a certeza de poder comercializar a sua produção bruta, o Governo, embora socializante, não deseja matar a galinha dos ovos de ouro.

Os regimes que se têm sucedido, também têm tentado dotar-se dos meios que lhes permitiriam reduzir a sua dependência relativamente à I. P. C., na esperança de, um dia, se libertarem dela o mais completamente possível: criação, em 1964, da Irak National Oil Company, reorganizada em 1967; assinatura do contrato com a ERAP, em 1968. O Baas acelerou o processo: em 1969, acordo com os soviéticos para permitir à INOC explorar o petróleo bruto de Roumeilah norte, criação da I. N. M. C. (Companhia Nacional Iraquiana dos Minerais) e contrato com a Polónia para a exploração do enxofre de Michrak; em 1970, reorganização dos sectores petrolífero e mineralógico, com vista a uma melhor coordenação; em 1971, projecto de construção de um novo oleoduto e de um terminal em águas profundas, em Fao, no Golfo Pérsico, que esgotará, principalmente, a produção da ERAP e da INOC, e alargamento da frota de petroleiros, pois encomendou sete navios à Espanha, para entrega em 1972, e outros à União Soviética.

Todavia, a I. P. C. conserva uma forte influência, principalmente junto dos antigos quadros por ela formados, e não restam dúvidas de que estes agentes não têm sido estranhos à nova e má fase do conflito que opõe a INOC à ERAP, a partir de Março de 1970. A sociedade francesa __ em virtude do novo contrato inovador que propos ao Iraque __ aparece, nesta vigilância anglo-saxónica, como um perturbador mais perigoso do que os soviéticos, na medida em que dispõe dos meios para comercializar o petróleo bruto iraquiano no Ocidente.

Depender de um único produto representa um inconveniente que não escapou aos dirigentes. **«Dentro de menos de vinte anos, o petróleo não desempenhará já o mesmo papel que desempenha hoje»**, declara Rachid Al Rifai, ministro do Plano, **«portanto, devemos apressar-nos a diversificar a nossa economia, tirando partido das vantagens actuais»**.

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

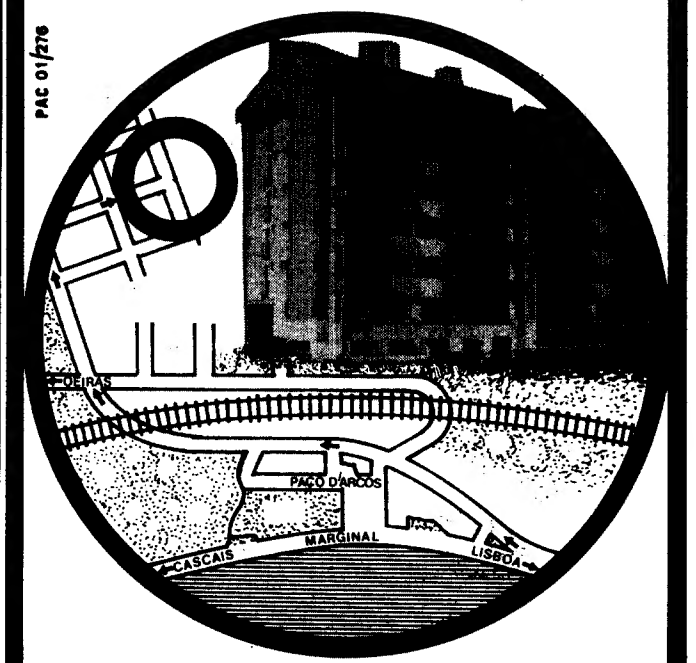
- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

DESENGROSSADEIRA
Mod. 510 - 610 - 810

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

PREFERIMOS A QUALIDADE!



em PAÇO de ARCOS*

*Acima da zona de excessiva humidade marítima num planalto arejado e alegre onde não existem ruídos e poluição, pode ter a SUA CASA que sendo andar, mais parece moradia de excepcional construção e acabamentos primorosos.

também em OEIRAS e LISBOA

de 230 a 1.200 contos

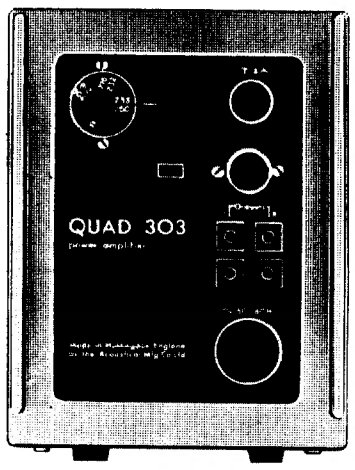
ANDARES DE LUXO PRONTOS PARA ENTREGA
ANDARES MÉDIOS EM ACABAMENTO
E ANDARES A INICIAR

bd

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES
barreiros & duque, lda.
Rua Pascoal de Melo, 7, 2.º - Fr. Esq.
Tel. 48 997 LISBOA - 1

ACOUSTICAL QUAD

ESTE É O MELHOR AMPLIFICADOR DO MUNDO PARA CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE E FINS PROFISSIONAIS



★ 90 watts (2 × 45)
★ Distorção a nível máximo 0,03 %!
★ Totalmente transistorizado

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL
RUA NOVA DO ALMADA, 96, 98 - LISBOA
No Norte: VADECA - Rua de S. António, 210 - Porto

VISITE O STAND 625/627 NA FIL

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE

PARA EXTERIOR

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

Que associativismo para a Agricultura?

Por A. PEREIRA DA SILVA

Há cerca de 20 anos, dizia-nos já um velho professor primário, também pequeno agricultor na nossa aldeia da agricultura familiar, que «ser lavrador é o melhor processo de ir morrendo alegremente».

O problema da agricultura no nosso País é um reflexo de crise permanente. É um caso nítido de letargia, que se agravou nos últimos tempos por força de circunstâncias fàcilmente previsíveis à distância __ se política de previsão fosse coisa existente neste País. Hoje, é uma crise de economia geral a que se verifica. A agricultura, como elemento base de qualquer processo económico num país como o nosso, não foge à regra e afunda-se no mar agitado das operações urgentes que o tempo impõe. O alargamento dos espaços económicos obriga os governantes a pensarem em termos de industrialização «competitiva». Quando se voltam para a agricultura, dos seus gabinetes, é ainda numa agricultura «competitiva» que pensam. Como se tal fosse viável, a curto prazo. Como se os problemas de abastecimento regular do País estivessem resolvidos. Como se fosse possível competir, em termos econòmicamente significativos, com as poderosíssimas agriculturas organizadas a nível empresarial da Europa.

A verdade é que as questões de auto-suficiência ainda não estão resolvidas __ longe disso. O certo é que ainda não está definida uma política de rentabilidade nacional para os latifúndios do sul do País. O evidente é que as tentativas de «agricultura de grupo» no Norte poderão ser contributo muito relativo e discutível. Resta, pois uma enorme percentagem de explorações de tipo familiar atingidas por epidemia mortal: a falta de braços, a falta de apoio técnico e financeiro oficial a falta de estímulo, a falta de bases científicas, a falta de circuitos comerciais honestos para os seus eventuais pequenos excedentes, a falta, até de estradas que permitam o abastecimento e escoamento.

Minimizar a importância económica desses excedentes possíveis é um erro que economias melhor planificadas e geridas não cometem. Humanamente, o significado da agricultura familiar é muito importante para a fixação do homem português à sua terra, para a melhoria da sua alimentação e saúde, para o progresso cultural dos seus filhos. Dinamizar a pequena agricultura, portanto, seria tarefa de base se se atendesse a questões fundamentais __ que são o interesse e a dignificação prioritária do povo português.

O PAPEL DAS COOPERATIVAS

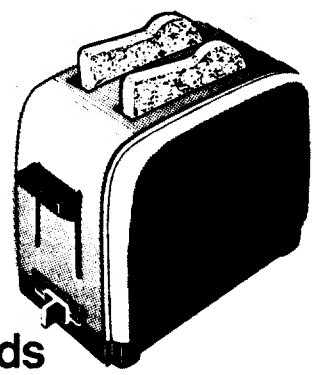
Nas condições actuais, o cooperativismo de produção e consumo, orientado e defendido nos seus princípios basilares, deveria ser um contributo importante para a defesa do pequeno agricultor. Mas não é, porque o cooperativismo que se propugna e apoia acaba por beneficiar circuitos fechados de médios e grandes lavradores que já pensam em termos empresariais e divisam no pequeno um estorvo aos seus anseios de recuperação económica acelerada. A cooperativa agrícola que existe quase não sabe de cooperativismo. Os seus não têm preparação nesse sentido. A sua influência no mercado começa a engrenar no circuito de especulação em vez de actuar como elemento corrector e estabilizador de preços e mercados. Demos como exemplo as cooperativas fruteiras (manutenção de preços altíssimos como princípio, enquanto não se concretizam sonhos quase impossíveis de exportação) e dos vinhos (preços especulativos e sempre em alta, enquanto a qualidade se degrada).

Fica por saber, de facto, se as cooperativas agrícolas portuguesas, rigorosamente integradas no sistema corporativo, podem cumprir o fim a que se deveriam destinar. A figura influente e com elevado cargo representativo já nós ouvimos dizer «que essa coisa de cooperativas de produção e cooperativas de consumo casam mal: os seus interesses são antagónicos». E esse homem, que tal ignorância demonstra em matéria económica e social, defende o cooperativismo agrícola tal como aqui se faz.

Resta-nos, pois, uma primeira conclusão neste enunciado de ideias gerais: o associativismo para o pequeno agricultor tem de ser outro. A sua mecanização tem de ser outra. O seu circuito económico tem de ser outro. O apoio a prestar-lhe, nem que seja por via de liberalização legistativa, é imprescindível, tal como o suporte técnico e científico adequado. Trata-se de uma pequena geografia humana e económica a salvar, porque dela depende, em grande parte, a salvação da geografia humana e económica do País.

chá, simpatia... e torradas

A qualquer hora, a torradeira automatica Morphy Richards esta pronta para fazer torradas. Torradas quentes e loiras ao lanche para as suas amigas. Pratica e funcional, coloca-se o pão, liga-se e esquece-se, logo que prontas as torradas, desliga automaticamente. Torradas, cha, e simpatia, de manha para toda a familia que apressada sai Torradas quentes e loiras ao dia Esta e a nova torradeira de disparo automatico que combina perfeição tecnica com a qualidade Morphy Richards



morphy richards

soc. de rep. SIDA SUECA, LDA. * RUA DE S. NICOLAU 44 48 - LISBOA

espelho da imprensa

Mau ano para o bacalhau

«A situação dos arrastões bacalhoeiros que se encontravam a pescar nos bancos no passado dia 14 de Maio, era a seguinte, segundo informações distribuídas às empresas armadoras:

1. Ainda a fazerem a campanha iniciada no mês de Natal de 1971: três arrastões, cujas capturas num total de 26 400 quintais apenas, representam sòmente uns 44,8 por cento da capacidade dos respectivos porões.

2. Navios a pescar, com chegadas aos bancos distribuídas pelos meses de Janeiro, Fevereiro, Março e até à 2.ª quinzena de Maio: 18.

Tendo a capacidade de 340 531 quintais, estes dezoito navios fizeram até à referida data capturas que totalizam 128 200 quintais ou sejam 37,6 por cento da sua capacidade.

Deste modo, e até 14 de Maio, as capturas conseguidas por estes 21 navios de arrasto são de 154 600 quintais de bacalhau salgado, verde, cujo peso, reduzido a seco, ficará em uns 110 220 quintais.

3. Os dezasseis arrastões que chegaram aos respectivos portos de armamento metropolitano durante os meses de Março, Abril e nas duas primeiras semanas de Maio, trouxeram 182 838 quintais que correspondem a 62,9 por cento da capacidade desses navios.

Considerando estas quantidades em conjunto, encontra-se uma produção total de 337 438 quintais de bacalhau salgado, verde, para 37 navios, o que, como se vê, se traduz numa baixa produção por navio, cujos encargos de exploração aumentam ao mesmo tempo que as capturas têm baixado até aos limites indicados.»

OS PREÇOS VÃO SUBIR?

«Os custos de produção do bacalhau salgado verde e seco parece continuarem a subir para as empresas industriais que se dedicam à captura e ao tratamento do bacalhau, independentemente das técnicas aplicadas na pesca e do tipo dos navios utilizados pelas diversas frotas bacalhoeiras.

De momento, não se vêem perspectivas de baixa de preço para nenhum tipo ou qualidade de bacalhau salgado, verde ou seco, qualquer que seja o país exportador, as quantidades armazenadas e as reacções da procura.

Parece suceder até que os preços pedidos internacionalmente pelo corrente e pelo miudo tendem a aproximar-se dos do de tamanhos superiores; de forma a dificultar a manutenção dos preços que entre nós se têm praticado para aqueles tipos:

Nas importações em que predominam as categorias corrente e miúdo, os preços pedidos pelos exportadores estrangeiros agravam os preços médios dos lotes, em que também se incluem os tipos crescido e graúdo.»

(«O MERCADOR»)

É preciso acordar toda a gente!

«Não é segredo para ninguém que o campismo cresceu. Cresceu como movimento associativo, cresceu como movimento turístico. ; CRESCEU COMO UMA NECESSIDADE SOCIAL: Só não cresceram os parques, pelo menos ao índice de crescimento dos campistas.

Olhando à nossa volta, vemos uma dúzia de entusiastas a lutar, numa tentativa desesperada de resolver o problema, o problema da falta de parques de beira-mar. Mas os seus esforços são vãos. Há uma barreira de desinteresse, de burocracia, e, porque não dizer, de obstrução, que impede que se faça algo em benefício daqueles que procuram o ar livre, como solução de férias ou de fim-de-semana.

Lisboa e arredores, com milhão e meio de habitantes, embora sendo uma cidade de litoral, não dispõe de mais de 3000 lugares nos parques da orla marítima!

Por isso se fizeram bichas para ocupar os lugares da zona livre do parque da Costa, por isso o Clube é assediado com problemas de toda a ordem, pela simples razão de que o parque da Costa não pode estender.

Mas da Costa da Caparica, até à Lagoa de Albufeira, há muito terreno. Hectares e hectares de mata sem utilização, à espera de projectos que nunca mais se realizam.

O C.C.L. já pediu há 4 anos a cedência de uma parcela de terreno para fazer uma piscina. Nada se obteve.

Vamos agora fazer novo pedido, mas para alargar o nosso parque. Isto é possível. O terreno existe. Está vago, está livre sem qualquer ocupação!

Mas o nosso pedido agora terá que ter mais força. Terá que ser apoiado calorosamente pela massa associativa através de abaixo-assinados que vamos pôr ao alcance de todos os sócios nos parques e na sede.

É preciso acordar toda a gente!

E preciso mostrar-lhes que é pouco o que pedimos. Nós só precisamos de terreno. O resto fazemos nós, como já fizemos a Costa, Almornos e faremos Ferragudo!»

(«COMPANHEIROS», boletim do Clube de Campismo de Lisboa).

notas de leitura

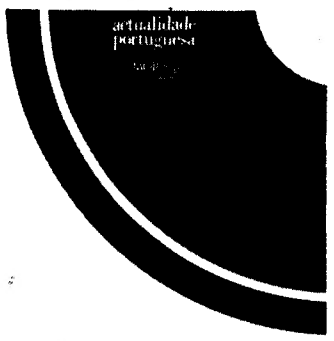
PROGRESSO NA LIBERDADE

Textos de conferências e comunicações proferidas entre 1968 e 1971 constituem o volume «Progresso na Liberdade», do deputado Miller Guerra. Editado (evidentemente) pela **Moraes** na sua colecção de combate «Actualidade Portuguesa».

Médico, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, ex-bastonário da Ordem dos Médicos, Miller Guerra tem sido, na Assembleia e fora dela, um técnico dos problemas da Saúde e Assistência. É um arauto da reforma do Ensino. Mais do que o técnico de ideias gerais que é por excelência o parlamentar, Miller Guerra é a simbiose entre o político e o técnico. O candidato a ministro numa sociedade tecnocrática.

Já no discurso de investidura no cargo de bastonário (lamentável, mas talvez significativamente, não incluído na colectânea), Miller Guerra se definira como mais do que um dirigente sindical. Analisando a coordenação da Saúde com a Previdência, Miller Guerra propôs a criação de um Ministério dos Assuntos Sociais, antecipando a reforma marcelista de unificação dos Ministérios da Saúde e das Corporações, primeiro passo no sentido da criação de um super ministério integrado por várias secretarias de Estado.

Em Março de 1971, num colóquio em Faro, Miller Guerra congratulava-se com a medida: **«Agora que se abriram possibilidades de englobar os dois grandes departamentos responsáveis pelos serviços médicos; que o poder se concentra num único ministro; que a expectativa é propícia, seria incompreensível que se continuasse a fazer reformas parciais, perpetuando os erros que a criação do Ministério das Corporações e Saúde veio corrigir ou, pelo menos, dar esperanças disso».** E acrescentava: **«As Caixas não podem continuar a ser uma espécie de sector médico subalterno __ um campo onde se pratica uma medicina de segunda ordem. É necessário, como dissemos, valorizar profissionalmente os médicos das Caixas e, para tanto, abrir uma carreira médica na Federação com equivalências e pontes de passagem para a carreira hospitalar».**



A parte final do volume (de 356 páginas) é reservada ao pensamento de Miller Guerra sobre temas de política geral. Constituem-na intervenções parlamentares e uma entrevista a um semanário («não foi publicada», lê-se em nota) concedida em 13 de Agosto de 1971. A esta última e à intervenção na Assembleia Nacional em 9 de Março de 1972 me referirei. Nelas se definem as posições e sobretudo as hesitações de Miller Guerra (típicas dos liberais) face ao marcelismo: do apoio à descrença.

Ao fazer declarações ao semanário, Miller Guerra crê ainda na eficácia da sua experiência parlamentar renovadora: **«... Dir-se-á que isto é pouco, e até, confrontando com o que sucede em qualquer parlamento, nem sequer merece a pena assinalar. Seria verdade se não tivéssemos vivido anos e anos num regime de Assembleia dominado pelo conformismo. De certo que houve divergências, mas incidiam em pontos particulares e subsidiários, e não em pontos principais (...). Agora não. A disciplina de colégio que reinou naquela casa abrandou consideravelmente; o dispositivo amortecedor desempenha uma função menor. É um avanço».**

Mas um ano depois, após a rejeição parlamentar dos projectos liberais de revisão constitucional e da Lei de Imprensa, após a promulgação do Decreto-Lei 520/71 sobre as cooperativas e após o discurso de Marcello Caetano, em Fevereiro último, na conferência anual da A.N.P., Miller Guerra está à beira da descrença: **«é impossível, por ser contraditório, querer ao mesmo tempo o progresso e a conservação das estruturas, hábitos e concepções velhas».**

Termina a sua intervenção de 9 de Março último com a interrogação **«Devo desistir?»** e a resposta **«Ainda não»**. Assim encerra o volume. Mas já depois de 9 de Março, Miller Guerra, numa entrevista à «República», afirmou que não voltaria a candidatar-se a um lugar na Assembleia. Será isto desistência?

AMADEU LOPES SABINO

Indústria dos conhecimentos

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

No seu livro «A Revolução do Conhecimento», recentemente traduzido para português, D. N. Chorafas mostra-nos, com certa objectividade, o vínculo, cada vez mais estreito em nossos dias, da Universidade à indústria, que poderá __ opinião nossa __ ser positivo nos casos de economia planificada e não nos outros. Mas o livro reporta-se ao chamado mundo ocidental e aponta os Estados Unidos como uma espécie de meta tecnológica, que a Europa (e sabemos de que Europa se trata) deveria recuperar. Não sendo assim, as jovens gerações emigrarão para esse campo mais competitivo, mais remunerador e desenvolvido os Estados Unidos. É certo que a Universidade tradicional já esclerosada, posta em causa na Primavera de 1968, e de forma irreversível, está longe de satisfazer as aspirações dos que anseiam pela «imaginação no poder» (não só pelo acesso livre à cultura mas pela invenção de meios de drenagem intelectual que ponham termo ao desemprego, ao sub emprego, às artrites hierárquicas e burocráticas, etc.). Porém, não será difícil chegar à conclusão de que Universidades subordinadas às empresas privadas e aos seus limitados interesses, baseados no lucro, serão certamente muito piores, a certo prazo, do que as Universidades humanísticas convencionais, pelo menos nos capítulos da sujeição e da deformação dos homens.

A matéria-prima capital das indústrias do futuro é o potencial intelectual. Abeiramo-nos da era da indústria dos conhecimentos. Mas __ estejamos atentos __ os falsos paraísos são, por vezes, o maior dos perigos e não devemos ignorar o grau de alienação dos indivíduos altamente especializados que venham a hipotecar a sua capacidade científica de investigação a um clima agradável de existência que o investimento de capitais privados possa proporcionar-lhes. Porque, então, de toda a maneira, serão homens de mãos amarradas aqueles que mais «livres» e disponíveis deveriam ser.

Chorafas engloba na designação de «drenagem intelectual oculta» a massa de engenheiros, físicos, tecnólogos que trabalham no seu país de origem, mas para companhias estrangeiras. Elucida-nos acerca dos centros de pesquisa e fomento patrocinados, controlados e financiados por companhias americanas em Inglaterra, na França, na Alemanha, na Itália, na Suíça, na Suécia e nos países da orla mediterrânica da Europa. Os Laboratórios I.B.M., que trabalham com computadores e constroem terminais de informação para equipamentos industriais, programam-se, por exemplo, pela drenagem oculta de intelectuais.

É claro que estes especialistas já não aceitam com facilidade os salários que, normalmente, lhes oferece a economia corrente do seu País de origem, de onde um compromisso difícil de quebrar. Há peritos em fornecimento de intelectuais para a América do Norte, como os há em colonização técnica de países menos adiantados. O essencial para os Estados Unidos é negociar o fruto dos cérebros americanos, europeus ou asiáticos como quaisquer outros produtos vendáveis.

Não se deve perder de vista que, para lá da passagem das oficinas de conhecimentos às linhas de produção, sobra a qualificação dos indivíduos. Será oportuno __ quando e como? __ dar por finda essa sua experiência e pô-los ao serviço da própria Pátria, se e quando esta quiser tentar a sua própria promoção? A América Latina deu já várias respostas a estas e outras interrogações similares. Fica de pé a certeza de a drenagem oculta de intelectuais ser um esteio do neo capitalismo moderno à escala internacional. A tónica de um momento de virar a página na história do mundo.

FROTA MERCANTE

Em princípios de 1971 a frota mercante mundial compreendia 55 041 navios. Entre os países que concentravam maior tonelagem encontravam-se a Libéria com 69 121 359, o Japão com 47 475 601 e a Inglaterra com 41 639 025, ocupando Portugal, nessa altura, a 29.ª posição com 384 unidades e 1 070 565 toneladas.

Por outro lado, no fim do 3.º trimestre de 1971 estavam encomendados navios num total de 84 072 090 tab (toneladas de arqueação bruta), contando-se o Japão (32 926 937), a Suécia (6 496 850) e a França (5 488 794) como os países com maior volume de encomendas.

De entre os navios encomendados, contam-se 314 navios com mais de 100 000 tab, dos quais 139 serão construídos no Japão, 28 na Suécia, 25 em França, 24 na Dinamarca, 20 em Espanha, 17 na R.F.A., 15 na Holanda e na Noruega e 14 na Inglaterra.

AS NOITES LOUCAS DE AMSTERDÃO

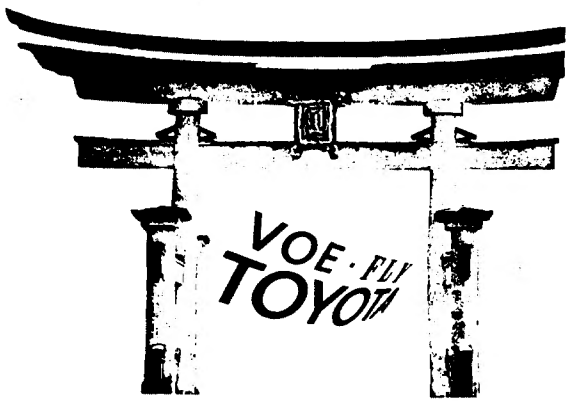
Sete dias e seis noites de encanto e diversão!
Na Holanda dos moinhos de vento,
dos hippies, dos canais e das túlipas.
Um povo maravilhoso!
Amsterdão, Antuérpia, Roterdão, Lille.
Preços desde 5180$00.
Contacte-nos e escolha a modalidade
que mais lhe convém!

agência de viagens da companhia nacional de navegação

Rua do Comércio, 85
Telefs. 323021-366315-35215

veja o seu TOYOTA na Transmotor
EMPRESA DO GRUPO SALVADOR CAETANO, S.A.R.L.
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 17-A
QUINTA, SEXTA e SÁBADO
(DIAS 15, 16 e 17)
ATÉ ÀS 24 HORAS

ENTRE PARA A "FAMÍLIA" TOYOTA
e venha connosco
ao JAPÃO



Ainda os castigos corporais nas escolas

Na «Mesa Redonda» de 23 de Abril do ano passado, levantámos o problema dos castigos corporais que ainda se praticam em muitas das escolas primárias portuguesas. Citámos o exemplo concreto ocorrido na região de Aveiro e que acabara por levar uma professora e a mãe de um aluno à barra do tribunal da mesma comarca. O dr. Jaime Octávio Cardona Ferreira, juiz-ad junto do procurador da República, lavrara a propósito um despacho de pronúncia que considerámos ter matéria de grande lucidez e digna da melhor ponderação. Em 7 de Maio do mesmo ano, publicámos também uma longa carta de numeroso grupo de professores primários em que os mesmos se insurgiam contra o que julgavam ser uma tomada de posição do «Diário de Lisboa» contrária aos seus interesses.

Portanto, e antes de voltarmos a tratar do assunto, evitemos equívocos: a classe do professorado primário merece-nos todo o respeito e compreensão por um trabalho digno e feito em condições extremamente ingratas. Mas entendemos que o uso de práticas medievais, *da parte de alguns* professores, na década de setenta, não honra a classe nem pode defender os seus interesses.

OUTRO CASO CONCRETO

O «Diário do Alentejo» publicou, em 19 de Maio último, uma notícia — mais uma, no meio das centenas que não chegam aos jornais — que consideramos preocupante. É essa nota que deixamos à consideração dos leitores, dos pedagogos e dos lesgialadores. Aproveitamos para lembrar o texto da lei em vigor e algumas opiniões do mesmo dr. Jaime Cardona Ferreira, extraídas, com a devida vénia, de um seu artigo — «Pode o professor bater no aluno?» — publicado recentemente na «Revista dos Tribunais». A partir do próximo número de «Mesa Redonda», procuraremos alargar o leque de opiniões, inquirindo junto do público da rua, de pedagogos e peritos ligados ao fenómeno do ensino primário.

Sob o título «Criança bàrbaramente agredida pela professora», disse o correspondente em Mértola do «Diário do Alentejo:

«A G. N. R. de Mértola enviou ao tribunal desta comarca, para instauração do respectivo processo, uma participação contra a regente escolar, sr.ª D. Maria dos Remédios Neves, professora na escola primária de Monte Fernandes (Mértola), que é acusada de haver agredido a aluna Ana Felicidade Teixeira Farelo, de 10 anos, provocando-lhe lesões que lhe deixaram várias partes do corpo em estado verdadeiramente lastimoso, pelo que teve de receber tratamento médico conveniente.

Ao que parece, a ira da professora resultou apenas do facto da criança, que é filha da sr.ª D. Isabel da Palma Teixeira e do sr. José da Neves Farelo, dali também naturais, não saber fazer uma conta.

A bárbara agressão da regente escolar, que se diz não ser já original (murmura-se que anteriormente teria já pago tratamentos a outra criança vítima dos seus condenáveis «métodos pedagógicos») causou a maior indignação entre as gentes da pequena mas pacata localidade.

É de presumir que também a Direcção Escolar de Beja, já posta ao facto, haja igualmente procedido de harmonia com a gravidade do caso, pois não podem deixar de merecer castigo adequado «métodos pegagógicos» deste calibre, infelizmente, ao que se verifica, ainda em voga em escolas primárias do País.

Impõe-se, pois se acaso ainda não está a correr, um inquérito rigoroso e este caso que merece a maior repulsa de todos — e muito especialmente, não temos dúvidas, de todos os professores, felizmente a quase totalidade de tão dedicada quão prestimosa classe, cuja maneira de ensinar e educar não se confunde de forma nenhuma com estas condenáveis «excepções», profundamente lesivas dos inalienavéis direitos da criança em qualquer parte do mundo.

Diremos mais: uma classe tão sacrificada e tão laboriosa não pode ser afectada por elementos que a desprestigiem»

A LEI DE 1919

Esta matéria é regulada pelo documento 6137, de 1919, cujo art.º 106 diz:

«A disciplina escolar não deve basear-se no autoritarismo, intimidação ou na violência, mas no respeito pelos direitos da criança.

1.º A disciplina deve ser mantida na escola, despertando o interesse pelo ensino, tornando-o atraente, agradável, e de harmonia com o desenvolvimento físico e intelectual da criança; provocando a curiosidade, a atenção, e incutindo hábitos de trabalho; pela estima respeitosa que o professor deve merecer aos seus alunos; desenvolvendo o amor próprio da criança, suscitando-lhe a confiança em si mesmo e o sentimento da responsabilidade individual; pelo aperfeiçoamento do carácter e educação da vontade.

2.º Para corrigir as faltas cometidas pela criança, o professor procurará conhecer as suas condições orgânicas, as suas crises e perturbações funcionais, o desenvolvimento intelectual e afectivo, o ambiente em que decorre a sua vida, encontrando assim os motivos eficientes e debelando-os por um sistema preventivo.

3.º Os castigos serão empregados paternalmente.

O professor informará os pais ou responsáveis pela criança, a fim de com ele colaborarem na sua educação ou obter a intervenção médica quando o julgue conveniente.

4.º Oestimulo, as recompensas ou prémios serão dispensádos aos alunos, tendo em atenção tão sòmente o progredimento individual, sem recorrer a confrontos que amesquinhem outrem, ou deprimam o seu carácter, ou façam perder a confiança em si próprio que se torna necessário robustecer.

5.º O professor só poderá aplicar ao aluno a expulsão da escola em caso de flagrante e excepcional gravidade, ou quando, esgotados todos os recursos pegadógicos normais, se mostrar inteiramente refractário à acção educativa da sua escola, sendo de pernicioso exemplo para os condiscípulos.

6.º A expulsão só se torna definitiva após autorização ministerial e mediante processo devidamente informado pelo inspector e por ele organizado com os documentos enviados pelo professor.»

«UMA PESSOA DEVE MERECER RESPEITO MUITO MAIS PELO QUE FAZ DO QUE PELO QUE É»

Para o dr. Cardona Ferreira, o problema é claro: a escola primária é um serviço público de importância transcendente e os seus problemas não são hoje os mesmos de há 50 anos. Como nem todos os pais podem dar-se ao luxo de enviar seus filhos para escolas particulares e, «mesmo quando o possam fazer, muitos preferem — e cremos que com inteira razão — que seus filhos estudem em escolas oficiais, mais abertas a todo o contacto social e, por isso, aptas a uma completa preparação «para a vida», há que resolver o problema no âmbito do ensino oficial. E, «em função dos modernos meios pedagógicos, há pais que entendem educar sem bater. E, mais ainda, entende-se que, às crianças, só os pais (ou quem, em seu lugar familiar estiver — caso do tutor) podem aplicar castigos corporais» que, nos termos da lei vigente, são mais uma função do que um direito, e devem ter a forma de *correcção moderada*.

Aquele jurista julga, assim, que o professor só poderá castigar corporalmente oa alunos, *paternalmente*, se o pai, mãe ou tutor a isso o autorizarem.

«Devemos confessar que nos *impressiona o simples facto de o problema se pôr*» — afirma o dr. Cardona Ferreira. — «Como é possível que, em plena era cósmica, ainda se discuta se o ensino pode ser feito com o auxílio de meios de coacção física?! Como é possível entender-se que a tabuala há-de ser metida na cabeça à força de palmatoadas!! Ou, sequer que um professor possa responder a uma incorrecção à bofetada, o que nos quer parecer que será incorrecção ainda maior.

É certo que há meios sociais de precária educação; e há meios pretensamente «bem» de educação ainda pior.

Mas esses problemas ambienciais não podem ser resolvidos através de castigos escolares físicos.

Tais problemas inserem-se num contexto de carácter sócio-económico, e não pode pensar-se que hão-de ser resolvidos pura e simplesmente através de castigos corporais aplicáveis a crianças.

Desenho de M. de Macedo para o conto «O Galo Preto», de Alberto Braga.

Nem se perceberia porque se haveria de castigar fisicamente uma falta escolar ou educacional numa fraca criança de 7 anos, e não se haveria de usar de semelhante critério para com uma mais grave falta, por exemplo, de um estudante liceal ou universitário.»

IMPÕE-SE A CLASSIFICAÇÃO DO PROBLEMA

Propugnando que, a par da Reforma do Ensino, a lei seja igualmente reformado, o dr. Jaime Octávio Cardona Ferreira conclui o seu artigo na Revista do Tribuanais:

«Admitindo que o art.º 106 do Dec. 6137 possa suscitar dúvidas, desejaríamos que uma nova legislação clarificasse a situação, negando qualquer hipótese de castigo físico nas escolas.

Numa altura em que se estuda uma ampla e arejada reforma do ensino, em Portugal, é de esperar que o assunto seja ponderado.

Sirvam estas despretensiosas linhas como modesta contribuição.

De resto, insiste-se, mesmo a actual legislação já é susceptível da interpretação propugnada.

Não temos dúvidas, todavia, de que alguns professores se insurgirão contra estas opiniões, se elas conseguirem chegar até eles.

Já em devido tempo, o «Diário de Lisboa» (7.5.1971) publicou uma carta de certo número de professores, ao que parece contrários à posição que aqui defendemos, e de que aquele conceituado jornal se fizera eco na sua edição de 23.4.71.

Não nos admiramos com tão pouco.

Na progressiva Inglaterra, também houve quem se rebelasse contra a abolição da vergasta nas escolas — «Diário Popular», de 2 Dez 71.

Haverá sempre quem diga sim, e quem diga não. O que nós pretendemos é que uns e outros nos respeitemos mùtuamente. E que todos respeitemos as crianças. Para que não seja mais verdade que: «... tantas crianças portuguesas não gostam (não podem gostar) de andar na escola, tantas desistem, quantas lhe fogem, como de uma obrigação penosa, mas contornável. Porque se continua a bater nas nossas escolas. Porque...» (Leonor Martinho Simões, «Diário de Lisboa» de 17 Julho 1970»

mesa redonda

Falemos do País

Falemos do País, de coisas que interessam o País, de problemas que preocupam os portugueses.

Mas quais coisas? Qual País? Aí é que está a dificuldade. O Lisboeta, como é natural, será levado a crer que os mais graves problemas do País são os que conhece e portanto que o País seria um prolongamento de Lisboa. Enquanto que o habitante de uma aldeia serrana de Trás-os-Montes ou Beira Alta pensará noutros problemas, a outra dimensão e escala.

Se em Lisboa será normal ouvir conversas sobre poluição, Universidade, Metropolitano, hospitais, auto-estradas, preço da pescada nos mercados e coisas assim, numa aldeia serrana, «que também é Portugal», falar-se-á da necessidade de um fontanário, ou de um caminho, ou de uma estrada, ou de uma escola.

Nisso residirá, provàvelmente, um dos problemas mais importantes que afligem o País: a desigualdade de desenvolvimento. Só para darmos alguns expressivos exemplos, lembraremos o caso dos médicos: mais médicos nos distritos de Lisboa e Porto do que no resto do País. Em 7960 médicos existentes no Continente (em 1970), a maioria residia nos distritos de Lisboa (2779) e Porto (1209). No distrito de Beja havia apenas 80 médicos; nos distritos de Bragança, Portalegre e Viana do Castelo 86; no distrito de Évora 92 e no distrito de Vila Real 97.

Se em vez de médicos falarmos de profissionais de enfermagem, em cerca de 9500 existentes no Continente, encontraremos apenas 27 em Bragança e 38 no distrito de Beja.

E assim por diante.

Quem tenha seguido com alguma atenção o que se tem passado na Assembleia Nacional terá ficado com alguma ideia da extensão deste problema, que não afecta só Portugal, mas também a Espanha. Efectivamente, os graus de desenvolvimento são extremamente diferenciados entre a zona litoral e dos distritos interiores, compreendendo também, a correspondente zona fronteiriça espanhola.

No dizer de Eduardo Barrenechea, autor de uma série de reportagens no «Informaciones», há na Península Ibérica uma grande zona (maior em extensão superficial que a Grécia ou a Checoslováquia...) formada por nove distritos portugueses e seis províncias espanholas que constitui — no conjunto — uma das sobrevivências mais notórias e extensas» do sub desenvolvimneto do ocidente europeu.

Os nove distritos portugueses são os de Bragança, Vila Real, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Évora, Beja, e Faro. As províncias espanholas são as de Huelva, Badajoz, Cáceres. Salamanca. Zamora e Orense. A esta zona chamou Barrenechea «A Fronteira do Subdesenvolvimento».

Certo é que, mesmo entre aqueles distritos, há diferenças enormes. Mas no seu conjunto o problema é de considerar como um dos mais graves, a exigir soluções imediatas se queremos progredir harmònicamente.

Portanto falemos do País, mas do País real e não apenas da sua imagem que passa por Lisboa.

MANUEL DE AZEVEDO